UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO DE GRADUAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM

LINGUAGENS E CÓDIGOS/ MÚSICA

Projeto Político-pedagógico

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

São Luís-MA

2013

Natalino Salgado Filho
Reitor

Antônio José Silva Oliveira
Vice-Reitor

Sônia Maria Corrêa Pereira Mugschl
Pró-Reitora de Ensino

Isabel Cabrera Ibarra
Diretora do Departamento de Desenvolvimento de Ensino de Graduação

Setor Proponente: Pró-Reitoria de Ensino

Comissão de Reformulação dos Projetos Político-pedagógicos dos Cursos de Licenciaturas Interdisciplinares

Sônia Maria Corrêa Pereira Mugschl
Isabel Ibarra Cabrera
Katia Cilene Ferreira França
Clara Virgínia Vieira Carvalho Oliveira Marques
Jocilene Mary Lima da Silva
Luciana Alves da Silva
Jhonatan Uelson Pereira Sousa de Almada

Consultoria
Valdir Heitor Barzotto

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Comissão de Organização Curricular

Subcomissão de Ciências Humanas
Ana Caroline Amorim Oliveira
Agnaldo Silva
Ceália Cristine dos santos
Clever Luiz Fernandes
Cristina Torres Silva Ferreira
Cristiane MunizThiago
Danielton Campos Melônio
Flavio Luiz de Castro Freitas
Ilka Cristina Diniz Pereira
Isabel Cabrera Ibarra
Janayna Silva Cavalcante de Lima
José Carlos Aragão Silva
José Maria Vieira de Andrade
Laura Rosa Costa Oliveira
Manoel Pinto Santos
MárcioJavan Camelo de Lima
Mônica Ribeiro Moraes de Almeida
PollyanaGouveiaMendonçaMuniz
Rosemary Gomes Rocha
Suly Rose Pereira Pinheiro
Thiago Pereira Lima
WescleyFernandesAraújo

Subcomissão de Ciências Naturais
Karl Marx Silva Garcez
Elisangela Sousa de Araújo
Sandra Maria Barros Alves Melo
Antônio José da Silva
Lorena De Carvalho Martiniano
André da Silva Freire

Subcomissão de Linguagens e Códigos
Sônia Maria Corrêa Pereira Mugschl
Kátia Cilene Ferreira França
Heridan De Jesus Guterres Pavão Ferreira
Rachel Sousa Tavares
Cristiano Braga De Oliveira
Edmilson Moreira Rodrigues
Maira Teresa Gonçalves Rocha

Subcomissão de Assessoramento Técnico
Isabel Ibarra Cabrera
Katia Cilene Ferreira França
Clara Virgínia Vieira Carvalho Oliveira Marques
Jocilene Mary Lima da Silva
Luciana Alves da Silva
Jhonatan Uelson Pereira Sousa de Almada

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO **5**
2 APRESENTAÇÃO **6**
3 FUNDAMENTOS DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO **11**
4 BASES LEGAIS **17**
5 PERFIL DO EGRESSO **28**
5.1 Competências e habilidades 28
6 REGIME ACADÊMICO **31**
7 ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA **32**
7.1Núcleo de Formação Básica 32
7.2Núcleo Livre 32
7.3 Núcleo de Formação Específica 32
7.4 Núcleo de Formação Pedagógica 33
7.5 Prática de Ensino como Componente Curricular 33
7.6 Eixos Articuladores 34
7.7Estágio Curricular 36
7.8Trabalho de Conclusão de Curso 37
7.9Atividades Complementares 38
8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR **39**
9 MATRIZ CURRICULAR-SEQUÊNCIA ACONSELHADA **44**
10INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR 48
11 SISTEMA DE AVALIAÇÃO **49**
11.1 Avaliação do processo de ensino-aprendizagem 49
11.2 Avaliação do projeto do curso 49
12 EMENTÁRIO E REFERÊNCIAS **52**
REFERÊNCIAS **99**

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

NOME: **Linguagens e Códigos/ Música**

MODALIDADE: **Licenciatura interdisciplinar presencial**

OBJETIVO: **Formar docentes para o Ensino Fundamental na área de Linguagens e Códigos e para o Ensino Médio na área de Música**

CÓDIGO E-MEC:**XXXXXXX**

VAGAS ANUAIS: **20 (entrada única anual)**

TURNO: **Vespertino**

MUNICÍPIO (CAMPUS) DE OFERTA: **São Bernardo**

REGIME LETIVO: **Semestral**

PERÍODO MÍNIMO PARA A INTEGRALIZAÇÃO DO CURSO: **8 semestre letivos**

PERÍODO MÁXIMO PARA A INTEGRALIZAÇÃO DO CURSO: **12 semestres letivos**

CARGA HORÁRIA PREVISTA:

a) Carga horária de estágio obrigatório: **405 horas**

b) Carga horária dos outros componentes curriculares: **3275 horas**

c) Carga horária total: **3.680 horas**

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

2 APRESENTAÇÃO

O **Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos/ Música** da UFMA é uma proposta de formação interdisciplinar de professores da área de Linguagens e Códigos (Português, Espanhol, Inglês, Artes Visuais e Música) para atuarem nos anos finais do Ensino Fundamental e de Música para atuarem no Ensino Médio.

Este Projeto Político-Pedagógico é o fruto de um conjunto de discussões e reflexões que têm sido produzidas por professores, estudantes e corpo técnico-administrativo da Universidade Federal do Maranhão desde o primeiro semestre de 2012, às quais possibilitaram reformular e apresentar uma nova proposta de formação de professores no âmbito das licenciaturas interdisciplinares.

Originalmente, o curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos, no campus de São Bernardo, foi criado pela Resolução Nº 138-CONSUN de 24 de maio de 2010. O Campus foi instituído pela Resolução Nº 139-CONSUN de 25 de maio de 2010, no âmbito da adesão da Universidade ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

O acordo de adesão da Universidade ao REUNI, na gestão do Reitor, Prof. Dr. Natalino Salgado Filho, implicou na criação do curso e do campus, cuja ideia básica era expandir o raio de atuação e inserção da Universidade no âmbito do Estado do Maranhão, constituindo projetos inovadores de formação de professores com o objetivo de contribuir para a elevação da qualidade do ensino da educação básica.

A Comissão de Trabalho que elaborou o projeto original, instituída pela Portaria Nº 140/2009-PROEN, foi formada por Aldir Araújo Carvalho Filho, Andréa Rejane Melo Brito, Delene Thais Sousa Pimentel, Iran de Maria Leitão Nunes, Jaciara Lemos Botelho, João de Deus Mendes da Silva, Luciana Alves da Silva, Luísa Maria Pereira Osório da Fonseca, Marco Aurélio Aparecido da Silva, Maria Aracy Bonfim, Maria Célia Macedo Araújo Melo, Maria da Graça Magalhães, Maira Teresa Gonçalves Rocha, Marta Maria Portugal Parada e Mônica Fontenele Carneiro.

O processo dereformulação do projeto, com vistas a sua consolidação, foi iniciadapor Comissão de Organização Curricular instituída pela Portaria GR Nº 134-MR, em março de 2012 e complementada em agosto de 2012, por Comissão, instituída pela Portaria GR Nº 394-MR e formada por Sônia Maria Corrêa Pereira Mugschl, Agnaldo José da Silva, Antonio José da Silva, Cindia Brustolin, Clara

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Virgínia Vieira Carvalho Oliveira Marques, Cristiane Dias Martins da Costa, Cristiano Braga de Oliveira, Elisângela Sousa de Araújo, Eráclito de Souza Argolo, Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira, Ilka Cristina Diniz Pereira, Isabel Ibarra Cabrera, João de Deus Mendes da Silva, Josenildo Campos Brussio, Kátia Cilene Ferreira França, Kelly LislieJulio, Lorena de Carvalho Martiniano, Luciana Alves da Silva, Maria do Rosário de Fátima Fortes Braga, Maria José Santos, Maria Lourdilene Vieira Barbosa, Maria Teresa Gonçalves Rocha, Rachel Sousa Tavares, Ramon Luís de Santana Alcântara, Rickley Marques e Wheriston Silva Neris.

Em paralelo foram desenvolvidos trabalhos no âmbito da Comissão de Estágio, instituída pela Portaria GR Nº 135-MR e formada por Maria José dos Santos, Edmilson Moreira Rodrigues, Cristiane Dias Martins da Costa, Sandra Maria Barros Alves de Melo, Clara Virgínia Vieira Carvalho Oliveira Marques, Marize Barros Rocha Aranha, Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira, Maria do Rosário Fortes Braga e Maryjane da Conceição Cruz; e no âmbito da Comissão de Registro Acadêmico, instituída pela Portaria GR Nº 133-MR e formada por João de Deus Mendes da Silva, Ubiratane de Morais Rodrigues, Alex de Sousa Lima, Leonardo Dominici Cruz, Cindia Brustolin, Rickley Leandro Marques, Nágila Yasmin Queiróz Alves e ThaizeNayanne Moura Silva.

Considerando o acúmulo de discussões e reflexões já referidas anteriormente, a Universidade houve por bem reformular o aludido curso e criar a presente proposta. Inicialmente, este curso se baseava na matriz por competências, restringia a área de atuação profissional do egresso às séries finais do ensino fundamental, previa uma segunda licenciatura e a criação de um regime acadêmico próprio em paralelo ao vigente para os demais cursos da Universidade.

A presente proposta foi elaborada ponderando: que a matriz de competências criava grandes dificuldades para sua efetivação, tendo em vista não haver conteúdo ou componente curricular, apenas indicativo de competências e temas, bem como, uma sistemática de avaliação que não previa aprovação/reprovação; quea previsão de segunda licenciatura existe apenas em caráter emergencial, nos termos da Resolução CNE/CP Nº 1, de 11 de fevereiro de 2009; que instituir um regime acadêmico específico acresceria em complexidade os procedimentos de matrícula, trancamento, avaliação e outras situações acadêmicas destes estudantes.

Dessa forma, o projeto político-pedagógico baseia-se numa matriz curricular disciplinar sem perder de vista a interdisciplinaridade, amplia a área de atuação

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

profissional do egresso para o Ensino Médio, adota o regime acadêmico existente na Universidade e se constitui numa formação interdisciplinar conexa a uma formação específica, fortalecendo o perfil profissional do egresso do curso.

O projeto atual foi construído no âmbito dos seminários das licenciaturas interdisciplinares realizados pela Pró-Reitoria de Ensino nos campus de Codó (março/2012), Bacabal (maio/2012), São Luís (junho/2012), Imperatriz (agosto/2012) e Pinheiro (outubro/2012), refinado pelos trabalhos técnicos encetados no âmbito da Comissão de Reformulação dos Projetos político-pedagógicos, instituída pela Portaria GR 50-MR/2013 e formada por Sônia Maria Corrêa Pereira Mugschl, Isabel Ibarra Cabrera, Katia Cilene Ferreira França, Clara Virgínia Vieira Carvalho Oliveira Marques, Jocilene Mary Lima da Silva, Luciana Alves da Silva e Jhonatan Uelson Pereira Sousa de Almada; e Comissão de Organização Curricular/Subcomissão de Linguagens e Códigos, instituída pela Portaria GR 51-MR/2013 e formada por Sônia Maria Corrêa Pereira Mugschl, Kátia Cilene Ferreira França, Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira, Rachel Sousa Tavares, Cristiano Braga de Oliveira, Edmilson Moreira Rodrigues e Maira Teresa Gonçalves Rocha.Essa Comissão teve a colaboração do Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto (Universidade de São Paulo) enquanto consultor.

Existe uma clara tendência por parte das diretrizes e orientações nacionais formuladas pelo Ministério da Educação (MEC) e Conselho Nacional de Educação (CNE) no sentido de destacarem a importância do trabalho interdisciplinar no âmbito da educação básica, o qual deve ser levado em apreço nos cursos de formação de professores. Se considerarmos a complexidade dos problemas que se apresentam na realidade contemporânea, o trabalho interdisciplinar se torna cada vez mais indispensável para abrir sendas e veredas mais fecundas na identificação de encaminhamentos e soluções viáveis a esses problemas complexos.

O mesmo se observa quanto à pós-graduação com inúmeros programas de mestrado e doutorado interdisciplinar, os quais primam pelo diálogo entre os campos das ciências humanas e das ciências naturais com vistas ao enfrentamento de problemas complexos que exigem um olhar interdisciplinar para sua compreensão. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em seu novo formato institucional que contemplou a educação básica, tem estimulado seminários e encontros acadêmicos internacionais sobre a interdisciplinaridade e a

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

formação docente, com vistas a subsidiar a melhoria da qualidade dos cursos oferecidos no Brasil.

Observamos ainda que de um lado, as licenciaturas interdisciplinares estão em processo de expansão em inúmeras instituições públicas de ensino superior, como a Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) enquanto proposta inovadora para a formação de professores da educação básica que tem como centralidade o diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento.

Por outro lado, os concursos públicos para professores de inúmeros municípios e estados explicitam nas exigências das funções/cargos para a docência da educação básica as áreas contempladas pelas licenciaturas interdisciplinares (Linguagens, Ciências Humanas e Ciências Naturais), sinalizando para a aceitação desses egressos pelo mundo do trabalho.

Atento a esse cenário nacional favorável aos cursos de licenciatura interdisciplinar, o Ministério da Educação criou uma comissão para elaborar os referenciais orientadores das licenciaturas interdisciplinares, com vistas à regulação pelo Conselho Nacional de Educação. Essa regulação já existe para os bacharelados interdisciplinares e agora deverá contemplar as licenciaturas interdisciplinares.

A Universidade Federal do Maranhão, na gestão do Reitor Prof. Dr. Natalino Salgado, conforme disposto no âmbito do seu Plano de Desenvolvimento Institucional para o período 2012-2016 tem como um dos seus principais objetivos a oferta de formação de professores da educação básica com qualidade social que possa atender as demandas regionais e locais em tempo hábil, contribuindo para a inserção relevante da Universidade no âmbito da sociedade que a sustenta e desafia com seus problemas de diversas ordens.

Esta Licenciatura será ofertada regularmente, com uma entrada anual de 60 vagas, em **São Bernardo**. O município foi criado pela Lei Estadual Nº 875, de 15 de julho de 1935, após inúmeras incorporações e desmembramentos. Tem uma área de 1.006,65 km^2, com uma população de 26.480 habitantes (2010). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,538 (2000) e o Produto Interno Bruto (PIB) é de R$ 77 milhões (2008), com PIB per capita de R$ 2.948,4. A principal atividade econômica é o comércio e serviços, seguida pela agricultura e uma incipiente produção industrial.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA UNIDA

O cenário educacional de São Bernardo, conforme dados do último Censo Escolar, aponta uma rede com razoável qualificação do corpo docente (69%) com formação em nível superior, porém com um baixíssimo nível de aprendizado dos alunos, conforme dados da Prova Brasil de 2011, menos de 7% dos alunos aprendem o que deveriam quanto à língua portuguesa e a matemática. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2011 é de 3,6 nas séries iniciais do Ensino Fundamental e de 3,3 nas séries finais do Ensino Fundamental, bem abaixo da média nacional e estadual.

O desafio posto à Universidade/Campus São Bernardo e ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos/Música em particular é, não só oferecer uma formação que possibilite aos egressos efetivamente contribuir para a aprendizagem dos alunos da educação básica, mas, ao mesmo tempo, na implementação do projeto político-pedagógico, contribuir com a melhoria da qualidade do ensino oferecido pela rede pública.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

3 FUNDAMENTOS DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Este Projeto Político-Pedagógico possui um viés particular: ao mesmo tempo em que projeta inovação no âmbito das *Licenciaturas*[1], posiciona-se com vistas a reconhecer que a grande missão da universidade é alimentar a continuidade da *reprodução social*[2] também produzindo conhecimento na formação do professor, de tal forma que seja possível colocar-se face a face com a escola, com a profissão de professor, com o que o contexto oferece como desafio para essa profissão.

Disso dependem, em grande parte, os destinos do mundo determinados também que são pelos destinos da escola que, por sua vez, também sofrem a interferência direta da oferta de profissionais – professores das mais diversas áreas - com seus olhares fundamentais para a transformação do mundo.

Esclarecemos a princípio que se trata aqui de um projeto que vem procurando caminhos inovadores em sua prática para resultados que produzam concepções que não se limitem à *transmissão de conhecimento*[3], mas que na transmissão possam gerar a transferência de valores por meio do ensino, próprios da articulação de princípios inerentes às diferentes áreas. O que se considera inovador não é o referencial, mas o perfil de um professor que se pretende formar, o qual deverá se apropriar de um olhar que desafie um pensamento complexo que, para isso, precise estar desviado de um foco convencional: o conteúdo das diferentes áreas. Um olhar que transfira o desejo de um professor, por exemplo, de leitura capaz de invadir os efeitos de sentido com base nas questões da musicalidade; que seja capaz de transferir a ousadia de sair do particular para o universal e de fazer uma situação sair da categoria de fato até galgar o patamar da condição do gênero humano.

Este é um projeto interdisciplinar pela busca de um pensamento que reconhece a complexidade como conceito e que, ao reconhecer o todo em cada parte, identifica a incompletude de cada uma e a necessária complementaridade entre todas.

Explicando: por mais que o professor que a Universidade Federal do Maranhão pretenda formar por meio do projeto das Licenciaturas Interdisciplinares esteja em vias de atender ainda às especificidades do mercado, ou seja, esteja

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

[1] Dimensão de um curso que se destina à formação do professor.
[2] Categoria filosófica que funda as reflexões sobre as transformações do mundo. Essa discussão deste complexo de problemas e alguns dos seus desdobramentos está em LESSA, Sérgio. *Sociabilidade e Individuação*. Maceió: EDUFAL, 1995.
[3] Conforme está em SEVERINO, Antonio Joaquim (2007).

habilitado para ministrar aulas de português, por exemplo, este professor de Língua Portuguesa reconhecerá o plano do significante como materialidade sonora que gera a musicalidade da língua diretamente relacionada aos efeitos de sentido tanto dos textos literários quanto dos não literários. Por mais que o professor que a Universidade Federal do Maranhão pretenda formar por meio do projeto das Licenciaturas Interdisciplinares atenda ainda às especificidades do mercado, ou seja, esteja habilitado para ministrar aulas de História, por exemplo, a Filosofia dará sustentação para que a História projete, na ideia de totalidade, o lugar que, em grande parte, é determinante dos fatos que se articulam no cotidiano dos espaços e é determinado por eles. Fatos que envolvem todas as relações que podem estar em âmbitos os mais diferentes e diversificados possíveis e que interferem e sofrem interferências nas condições de cidadania exercidas com maior ou menor êxito, dependendo dos conhecimentos que o cidadão possa dispor de todas as áreas até os que possam lhe elevar do âmbito da necessidade à esfera da liberdade.

Consideramos como marca deste projeto, no viés político, a expansão da universidade, a inovação e a inclusão. A Universidade Federal do Maranhão criou os Câmpus de Pinheiro, Grajaú, Imperatriz, São Bernardo, Codó e Bacabal, ampliando sua atuação na formação de professor por meio das Licenciaturas Interdisciplinares.

Significa que o que se tem construído coletivamente obriga a enfrentar todas as dificuldades que se apresentam quando o enfrentamento se dá diante de um pensamento que, ao mesmo tempo em que traz o novo do contexto complexo[4], sabe que precisa manter da tradição o que é próprio da continuidade[5] e o que é necessário para que um projeto seja diferente do mesmo existente, mas passível de se encaixar à realidade precisamente como ela é, levando em consideração, inclusive, as questões da organização acadêmica.

No âmbito filosófico, a sustentação do conceito de interdisciplinaridade[6] se dá pelo pensamento complexo que possibilita repensar a prática pedagógica a partir da

[4] Contexto complexo tal como está considerado na Teoria da Complexidade de Edgar Morin (1999).

[5] Ressalta-se a continuidade como categoria filosófica da reprodução social, porque o novo não subsiste sem o alicerce do passado e é este que lhe empresta as lições e os contornos fundadores. (LESSA,1995) e em Lukács (1981, p. 37-38)

[6] Para Lück (1994, p.13-14), "a interdisciplinaridade é uma dessas idéias-força que, embora não seja recente, agora se manifesta a partir de enriquecimento conceitual e da consciência cada vez mais clara da fragmentação criada e enfrentada pelo homem em geral e, pelos educadores, em especial, em seu dia-a-dia. Em relação a essa mesma fragmentação rompeu-se o elo da simplicidade e estabeleceu-se a crescente complexificação da realidade, fazendo com que o homem se encontre despreparado para enfrentar os problemas globais que exigem dele não apenas uma formação polivalente, mas uma formação orientada para a visão globalizada da realidade e uma atitude contínua de aprender a aprender. O ensino, sendo ele próprio uma expressão do modo como o conhecimento é produzido, também se encontra fragmentado, eivado de polarizações competitivas, marcado pela

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

seguinte questão posta pela teoria da complexidade: quais são as possibilidades ainda não exploradas de complexidade? (MORIN, 1999, p.309). Para o mesmo autor (1999, p. 176) , a complexidade não é receita, nem resposta. É um *desafio* e uma *motivação para pensar*. Não é completude*, mas a incompletude do conhecimento.*

A ideia de complementação, entretanto, não é exatamente do conhecimento, mas é própria do objeto. É com um olhar alimentado pelas diferentes áreas que se produz um perfil de um objeto e, em consequência, produz-se conhecimento.

A ideia que se ganha da teoria da complexidade é que não há completude e que qualquer ideia de independência é mutilação. Edgar Morin diz que

> se tentarmos pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa esses diferentes aspectos, ou unifica-os por uma redução mutilante. Portanto, nesse sentido, é evidente que a ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não quer dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões." (MORIN, 1999, p. 176;177).

No viés pedagógico, pelo conceito de interdisciplinaridade, reconhecemos o quanto é desafiador avançar a partir de uma tradição disciplinar, sabendo que ela não se apaga porque a totalidade não elimina as especificidades. Elas se misturam e se complementam nas *determinações reflexivas*[7]. Por mais que se ouse um projeto interdisciplinar, precisamos reconhecer que o prefixo mantém a relação entre as diferentes áreas e são estas que sustentam essa relação de complementaridade.

Dizemos isso porque acreditamos que, enquanto o foco do ensino for o conteúdo, estará posta a impossibilidade do olhar complexo e interdisciplinar. Acreditamos que esse jeito que se diz novo, mas que a filosofia desde antes orienta a ser, é uma prática que só será alcançada no momento em que o objeto for deslocado do centro da pesquisa e o objeto de pesquisa for posto no seu devido lugar: no eixo do ensino. Isso ressalta dois aspectos: o pesquisador continua aprendendo, esteja ele na condição de professor ou de aluno e haverá um ponto de convergência entre as diferentes áreas, porque o pensamento complexo só acontece

territorialização de disciplinas, pela dissociação das mesmas em relação à realidade concreta, pela desumanização dos conteúdos fechados em racionalidades auto-sustentadas, pelo divórcio, enfim, entre vidas plenas e ensino.

[7] "As determinações reflexivas" são a suprassunção do ser e do outro. Na identidade está contida a diferença. Essa ideia está em HEGEL, G.W.F. Ciencia de la Lógica. Tradução Augusta e Rodolfo Mondolfo. 3. ed. Argentina: Solar/Hachette, 1974.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

quanto ele realiza sobre um objeto que é em si complexo, multidimensional e interdisciplinar.

Dos pontos de articulação entre as áreas e da identidade da formação

Reconhecemos que a busca por um projeto interdisciplinar é um desafio que se constitui num processo. Ou seja, todo o processo de implantação deste projeto tem envolvido diálogo para a superação de uma organização multidisciplinar que é a tradição em torno da qual a academia se organiza e as práticas se projetam.

Entretanto, acreditamos que podemos encontrar espaços na organização curricular que favoreçam a articulação interdisciplinar. Para isso, estamos contando com orientações das **diretrizes nacionais[8]. Estas associam ao núcleo específico, por exemplo, o núcleo complementar e o núcleo de opções livres. Esses núcleos ampliam os conteúdos específicos e possibilitam ao aluno aprofundamento consequente do que ele pode escolher em outra área dentro do currículo com a qual ele poderá fazer as articulações necessárias.**

Sabendo que a interdisciplinaridade deve ir além da justaposição de disciplinas, mas deve manter o caráter disciplinar das especificidades e abstrair para as generalidades, reconhecemos mais uma vez que a prática resultante desse olhar deverá ser integradora.

Um professor de linguagens e códigos, por exemplo, não seria apenas aquele capaz de dar aula de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Espanhol, Artes Visuais e Música. Mas aquele que é capaz de ler uma peça musical e de ver a unidade de um texto; ler a musicalidade da materialidade sonora de um texto; entender que subjaz ao que se escreve uma lógica e que o ato de ler é chegar às camadas mais profundas dessa organização que é filosófica e desafiar patamares estéticos da arte quando ela se materializar também num texto literário. Um professor de Linguagens e Códigos será aquele capaz de mover um olhar complexo nessa área e saber que essas linguagens verbais e não verbais não estão tão separadas como parecem, mas se constituem num tecido de complexidade que gera uma área que ganhará sua identidade na prática desse olhar e no percurso dessa conquista na formação de professores.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

[8] As diretrizes constam da base legal do presente político-pedagógico.

O extrato fonético é, sem dúvida, um eixo integrador entre a Linguística e a Música. No plano significante é possível sim produzir harmonia, marcar um tom, empreender um ritmo e os efeitos de sentido podem levar a sensações provocadas pelas sinfonias. E isso se dá seja na musicalidade de um poema, seja no ritmo cotidiano de uma crônica, na contundência de uma argumentação jurídica que seja, ou na monotonia do ritmo das ladainhas.

Os textos são afetados pelas práticas cotidianas de um grupo, pela história, pelo espaço, pelo lugar e um professor que tem como objeto de estudo o texto acabará transcendendo para o discurso, para a identidade, para as questões universais. É a Filosofia da Linguagem, é a Linguagem da História, é a identidade do lugar, são as marcas discursivas, são as integrações das diferentes áreas no favorecimento de um olhar complexo, interdisciplinar.

Um professor de ciências humanas, por exemplo, não seria apenas aquele capaz de dar aula de Geografia. Os espaços geográficos impregnam de sentidos as coisas de uma cidade; essa identidade posta aos moradores de um lugar traz uma experiência que não se divide: isso é ontológico e também é poético. É histórico. É relação com uma natureza que, ao mesmo tempo que é social, é humana e se expressa pelas linguagens. Tudo se separa para organizar, mas na roda da experiência até o que parece separado está ali: misturado diante dos olhares que fazem sobressair as especificidades do homem.

Inclui-se aqui, na tentativa de acesso ao conteúdo complexo entre as diferentes áreas, o amor de transferência como lugar do ensino onde o professor recupera ao aluno um sujeito suposto saber que se põe a entregar o que não possui [9] e que, portanto, reconhece as outras áreas como espaços onde quem sabe possam encontrar – juntos - algum caminho de superação da falta primordial. Inclui-se também, para isso, o silêncio[10] mediador da produção de conhecimento na formação do professor; a ignorância[11] de cada um como consequência da incompletude humana refletida em cada área de conhecimento.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

[9] O conceito de transferência está em LACAN J. (1960-1961) *O Seminário*. Livro 8. A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. p. 220; 330; 431

[10] O Silêncio relacionado a ensino está sob esse enfoque em Ensinar à meia luz: entre a claridade e o silêncio de Almeida, Sonia. 2012. In: *Sem Choro nem Vela:* cartas aos professores que ainda vão nascer. Claudia Riolfi e Valdir Barzotto (Orgs.). São Paulo: Paulistana, 2012 (Coleção Sobrescrita 3) p. 99 -112.

[11] A ignorância relacionada a ensino se inspira no conceito de transferência e é objeto do seguinte artigo (no prelo):Sobre a necessária ignorância no processo de orientação: o orientando seleciona o que não é possível ao orientador saber?,apresentado no workshop do GEPPEP – Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise, coordenado pela Dra. Claudia Riolfi e pelo Dr. Valdir Heitor Barzotto.

Nessa mesma medida, um professor de ciências naturais, por exemplo, também e tanto quanto os outros professores de qualquer área que seja, não seria apenas aquele capaz de dar aula de Química. O corpo, sendo química, é alma e se dá aos enfrentamentos da Física e das aprendizagens no mundo e na vida. No mundo da vida, onde a natureza biológica que é vital também não constitui suficiência para o humano que precisa transitar na liberdade[12] do ser social e nos descontroles do inconsciente[13].

Viver não nos permite escolher entre as ciências humanas, as ciências naturais e as linguagens e códigos. Viver nos permite escolher aprofundar um olhar para uma dessas áreas. Mas, ao ver, o cientista terá que trocar de estantes, de arquivos e ir buscar mais para elaborar um objeto e produzir conhecimento.

Este projeto, alimentado pela pesquisa, favorece a convergência de diferentes olhares. Mesmo que esse exercício seja a princípio multidisciplinar, cada um contribuindo com suas especificidades, acontecerá o momento em que nascerá um olhar interdisciplinar no professor em formação que, sem dúvida, poderá transmitir com um conteúdo a incompletude de sua área e a necessidade de outra para que o objeto pesquisado ganhe corpo e a pesquisa também entre como realidade do ensino fundamental e médio, a partir do que acontece na graduação, neste caso, nas Licenciaturas.

O que se espera é que esses espaços interdisciplinares de formação ganhem identidades como prática pedagógica e como perfil de um professor que transite da especificidade para a generalidade de sua área.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

[12] Transitar na condição de ser social, na possibilidade de "decidir entre alternativas, diante de posições teleológicas", tal como considera Lukács (Apud LESSA, 1996, p. 19).

[13] Conforme está em LACAN, Jacques. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

4BASES LEGAIS

A proposta do curso de licenciatura interdisciplinar em Linguagens e Códigos/ Músicada Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo, está fundamentada legalmente no disposto pelos seguintes documentos:

i. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

> Art. 207 – As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

ii. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394/1996):

> Art. 62.A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

A Constituição Federal de 1988 em relação às constituições anteriores é a primeira que estabelece que as Universidades gozam de autonomia e se caracterizam pela articulação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão. As instituições federais de ensino superior integram o sistema federal de ensino, cuja gestão e regulação são responsabilidade do Ministério da Educação (MEC), ladeado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

Em face disso, é fundamental que o projeto político-pedagógico deste curso se atenha também às regulações infraconstitucionais que disciplinam a formação de professores para a educação básica.

Entre essas regulações, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-Lei Nº 9.394/1996) tem caráter basilar. Ela determina que a formação docente para o exercício do magistério da educação básica se dará em licenciaturas de graduação plena. Ao estabelecer a formação em nível superior nos cursos de licenciatura como condição *sinequa non* para a formação docente, a LDB representa um avanço em relação aos modelos anteriores, onde essa formação era um *plus* ou um apêndice dos bacharelados.

A LDB também estimula que os cursos de formação de professores sejam, em parte, oferecidos fazendo uso de recursos e tecnologias da educação a distância (Art. 62, § 3º). Nesse sentido, este Curso poderá oferecer até 20% (vinte por cento)

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA UNCSA

da carga horária total a distância, sendo que as disciplinas poderão ser ofertadas, integral ou parcialmente a distância, nos termos da Portaria Nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, do Ministério da Educação. Essa oferta será implantada de forma gradual e mediante o desenvolvimento da infraestrutura tecnológica necessária para tanto.

iii. **Decreto Nº 6.755, 29 de maio de 2009**, que institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências.

O referido Decreto expressa uma alteração significativa no cenário da definição das políticas voltadas para a formação de professores no Brasil ao institucionalizar uma política nacional para essa área.A explicitação dessa política se dá em um contexto de reformulação de um projeto nacional para a educação brasileira, vide as discussões produzidas no âmbito da Conferência Nacional de Educação (CONAE) e a tramitação no Congresso Nacional do projeto de lei que cria o Plano Nacional de Educação para a próxima década.

Entre os princípios instituídos pelo Decreto (Art. 2º) cumpre destacar: a garantia de padrão de qualidade dos cursos de formação de docentes ofertados pelas instituições formadoras nas modalidades presencial e à distância (IV); a articulação entre a teoria e a prática no processo de formação docente, fundada no domínio de conhecimentos científicos e didáticos, contemplando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (V); e a importância do **projeto formativo nas instituições de ensino superior que reflita aespecificidade da formação docente**, assegurando organicidade ao trabalho das diferentes unidades que concorrem para essa formação e garantindo sólida base teórica e interdisciplinar (VII).

A Universidade Federal do Maranhão ao ofertar o curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos/ Música se coaduna com os objetivos da Política Nacional referida, em especial, os de apoiar a oferta e a expansão de cursos de formação inicial e continuada a profissionais do magistério pelas instituições públicas de educação superior (II), identificar e suprir a necessidade das redes e sistemas públicos de ensino por formação inicial e continuada de profissionais do magistério (IV) e ampliar o número de docentes atuantes na educação básica pública

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LINGUA

que tenham sido licenciados em instituições públicas de ensino superior, preferencialmente na modalidade presencial (VI).

iv. **Parecer CNE/CES Nº 67, de 11 de março de 2003**,que aprova referencial para as diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação, consolidando o disposto nos Pareceres CNE/CES N° 776/97 e CNE/CES N° 583/2001.

No ordenamento legal referente à área de educação os pareceres e resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE) ocupam a principal posição quanto à legislação infraconstitucional. O CNE tem funções normativas, deliberativas e de assessoramento, sendo que todos os seus atos estão sujeitos à homologação do Ministério da Educação (MEC), por intermédio do Ministro de Estado.

Nesse sentido, o ParecerCNE/CES Nº 67/2003 consolida princípios, recomendações e orientações mandatórias, as quais embasaram a elaboração das diretrizes curriculares nacionais específicas de cada curso de graduação.

No que diz respeito aos princípios, dispõem:

> 1. assegurar às instituições de ensino superior ampla liberdade na composição da carga horária a ser cumprida para a integralização dos currículos, assim como na especificação das unidades de estudos a serem ministradas;
> 2. indicar os tópicos ou campos de estudos e demais experiências de ensino-aprendizagem que comporão os currículos, evitando ao máximo a fixação de conteúdos específicos com cargas horárias pré-determinadas, os quais não poderão exceder 50% da carga horária total dos cursos;
> 3. evitar o prolongamento desnecessário da duração dos cursos de graduação;
> 4. incentivar uma sólida formação geral, necessária para que o futuro graduado possa vir a superar os desafios de renovadas condições de exercício profissional e de produção do conhecimento, permitindo variados tipos de formação e habilitações diferenciadas em um mesmo programa;
> 5. estimular práticas de estudos independentes, visando uma progressiva autonomia profissional e intelectual do aluno;
> 6. encorajar o reconhecimento de conhecimentos, habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar, inclusive as que se refiram à experiência profissional julgada relevante para a área de formação considerada;
> 7. fortalecer a articulação da teoria com a prática, valorizando a pesquisa individual e coletiva, assim como os estágios e a participação em atividades de extensão, as quais poderão ser incluídas como parte da carga horária;
> 8. incluir orientações para a condução de avaliações periódicas que utilizem instrumentos variados e sirvam para informar a docentes e discentes a cerca do desenvolvimento das atividades didáticas.

No que tange às recomendações, assinala:

> 1. conferir maior autonomia às instituições de ensino superior na definição dos currículos de seus cursos, a partir da explicitação das competências e das habilidades que se deseja desenvolver, através da organização de um modelo pedagógico capaz de adaptar-se à dinâmica das demandas da

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA UNIOJA

> sociedade, em que a graduação passa a constituir-se numa etapa de formação inicial no processo contínuo da educação permanente;
> 2. propor uma carga horária mínima em horas que permita a flexibilização do tempo de duração do curso de acordo com a disponibilidade e esforço do aluno;
> 3. otimizar a estruturação modular dos cursos, com vistas a permitir um melhor aproveitamento dos conteúdos ministrados, bem como a ampliação da diversidade da organização dos cursos, integrando a oferta de cursos seqüenciais, previstos no inciso I do art. 44 da LDB;
> 4. contemplar orientações para as atividades de estágio e demais atividades que integrem o saber acadêmico à prática profissional, incentivando o reconhecimento de habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar; e
> 5. contribuir para a inovação e a qualidade do projeto pedagógico do ensino de graduação, norteando os instrumentos de avaliação.

No que toca às orientações, determina:

> I. A definição da duração, carga horária e tempo de integralização dos cursos será objeto de um Parecer e/ou uma Resolução específica da Câmara de Educação Superior.
> 2. As Diretrizes devem contemplar:
> a- Perfil do formando/egresso/profissional - conforme o curso, o projeto pedagógico deverá orientar o currículo para um perfil profissional desejado;
> b- Competência/habilidades/atitudes.
> c- Habilitações e ênfase.
> d- Conteúdo curriculares.
> e- Organização do curso.
> f- Estágios e atividades complementares.
> g- Acompanhamento e Avaliação.

O disposto no supracitado Parecer foi observado na elaboração das diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica. Além dessas diretrizes, cada graduação nas áreas específicas também foi contemplada com uma diretriz curricular nacional, as quais se afirmam explicitamente como orientadoras tanto dos bacharelados, como das licenciaturas.

v. **Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002**, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior**,** curso de licenciatura de graduação plena, fundamentada nos Pareceres Nº CNE/CP Nº 9/2001 e CNE/CP Nº 27/2001, alterada pelas Resoluções CNE/CP Nº 2/2004 e CNE/CP Nº 1/2005.

Assim sendo, como argumentamos anteriormente, a Resolução e os Pareceres que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica guardam uma característica que as diferencia em relação à quase totalidade das diretrizes específicas de cada curso. Sua formulação é precedida de um diagnóstico sobre a formação de professores no Brasil (Parecer

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

CNE/CP Nº 9/2001) e a partir das principais problemáticas identificadas é que as diretrizes são definidas (Resolução CNE/CP Nº 1/2002).

As diretrizes orientam que os cursos devem garantir os conhecimentos da escolaridade básica; contemplar os diferentes âmbitos de conhecimentos profissionais do professor; a seleção dos conteúdos das áreas de ensino da educação básica deve orientar-se por e ir além daquilo que os professores irão ensinar na educação básica; a articulação entre os conteúdos específicos ensinados na educação e as didáticas específicas; a avaliação como orientação do trabalho dos formadores, visando sua autonomia e qualificação; as competências a serem desenvolvidas na formação de professores da educação básica: valores democráticos, papel social da escola, conteúdos a serem socializados, conhecimento pedagógico, conhecimento dos processos de investigação para aperfeiçoamento da prática pedagógica, gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional, cultural e geral e profissional, conhecimentos sobre crianças, jovens e adultos, dimensão cultural, social, política e econômica da educação, por fim, conhecimento das áreas objeto de ensino.

vi. **Resolução CNE/CP Nº 2, de 19 de fevereiro de 2002**, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação pena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior, fundamentada no Parecer CNE/CP Nº 21/2001.

A Resolução estabelece os “mínimos” em relação à carga horária dos cursos de formação de professores, quais sejam: 2.800 (duas mil e oitocentas) horas, distribuídas entre 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso; 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso; 1.800 (mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural; 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais.

vii. **Resolução CNE/CEB Nº 4, de 13 de julho de 2010**, que define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, com fundamento no Parecer CNE/CEB Nº 7/2010.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

viii. **Resolução CNE/CEB Nº 7, de 14 de dezembro de 2010**, que fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, com fundamento no Parecer CNE/CEB Nº 11/2010.

ix. **Resolução CNE/CEB Nº 2, de 30 de janeiro de 2012**, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, com fundamento no Parecer CNE/CEB Nº 5/2011.

A educação básica de maneira geral, nos últimos dez anos vem passando por um processo de reforma curricular, seja por intermédio de novas regulações do CNE, seja pela inclusão de temas, conteúdos e disciplinas por intermédio de projetos de lei aprovados pelo Congresso Nacional.

Considerando que o curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos/Música formará professores para a educação básica, em especial, o ensino fundamental e o ensino médio, as diretrizes curriculares para esses níveis de ensino também devem orientar o projeto político-pedagógico dos cursos de licenciatura.

No que diz respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, destaca-se que na formação de professores, os currículos devem incluir (Art. 56, § 1º):

> a) o conhecimento da **escola como organização complexa** que tem a função de promover a educação para e na cidadania;
> b) a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional;
> c) a participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino;
> d) a temática da gestão democrática, dando ênfase à construção do projeto político-pedagógico, mediante trabalho coletivo de que todos os que compõem a comunidade escolar são responsáveis.

Além disso, considerando o desempenho das atribuições do futuro professor, também deverão contemplar (Art. 57, § 2º):

> a) além de um conjunto de habilidades cognitivas, saber pesquisar, orientar, avaliar e elaborar propostas, isto é, interpretar e reconstruir o conhecimento coletivamente;
> b) trabalhar cooperativamente em equipe;
> c) compreender, interpretar e aplicar a linguagem e os instrumentos produzidos ao longo da evolução tecnológica, econômica e organizativa;
> d) desenvolver competências para integração com a comunidade e para relacionamento com as famílias.

As Diretrizes reforçam a necessidade dos cursos de formação de professores expressarem de forma explícita no seu currículo, o sentido da formação para o exercício do magistério e atuação na escola básica, reiterando a importância da especificidade das licenciaturas.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Elas se coadunam com os fundamentos filosóficos do presente projeto político-pedagógico do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos/ Músicaao enfatizaram a importância de compreender a escola enquanto organização complexa. É no fulcro da complexidade que o futuro professor deverá construir e reconstruir conhecimentos das múltiplas dimensões da escola, isto é, sua dimensão pedagógica, cultural, política e econômica, as quais possam perfazer sua formação e perpassar sua prática.

Tanto as Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental (Art. 14 e Art. 15), como as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (Art. 8º) organizam os componentes curriculares em áreas de conhecimento, quais sejam: **Linguagens**, **Matemática**, **Ciências da Natureza** e **Ciências Humanas**. Afirmam que essa organização favorece a comunicação entre os diferentes conhecimentos, devem evidenciar a contextualização e a **interdisciplinaridade**, fortalecendo as relações entre os saberes e favorecendo a apreensão e intervenção na realidade.

Dessa forma todas as diretrizes curriculares da educação básica, do ensino fundamental e do ensino médio sinalizam para a relevância do trabalho interdisciplinar, eixo fundamental deste curso, sobretudo no âmbito do currículo da escola básica. Sem perder o que é específico das áreas disciplinares, a interdisciplinaridade sinalizada e requerida aponta para a complexidade dos problemas da contemporaneidade. Esses problemas desafiam o trabalho educativo a construir alternativas, caminhos ou veredas múltiplas, não unívocas ou duais. Entende-se o diálogo integrador e interdisciplinar é um veio possível e fecundo para contribuir com a superação desses problemas e desafios.

x. **Resolução CNE/CP Nº 1, de 17 de junho de 2004**, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, com fundamento no Parecer CNE/CP Nº 3/2004.

Na primeira década do século XXI ocorre uma emergência e incorporação da temática da diversidade. Essa emergência se expressa na incorporação das principais demandas dos movimentos sociais e sociedade civil organizada ligada aos negros, aos indígenas, aos portadores de necessidades especiais, ambientalistas, militantes pelos direitos humanos, dentre outros no âmbito dessas políticas e da legislação pertinente.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Essa emergência mais uma vez põem em relevo a necessidade do trabalho interdisciplinar frente à complexidade social que põem em xeque a quietude de uma escola até então voltada para a promoção da igualdade, mas cega para a riqueza das diferenças.

Assim sendo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana orientam para a inclusão no currículo dos cursos de formação de professores da análise das relações sociais e raciais no Brasil, seus conceitos e bases teóricas, bem como, de práticas pedagógicas, materiais e textos didáticos nessa perspectiva.

Essas diretrizes atendem à modificação introduzida na LDB pela Lei Nº 10.639/2003, obrigando o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todo o currículo da educação básica. Cinco anos depois, essa alteração foi reformulada pela Lei Nº 11.645/2008 incluindo a história e cultura indígena.

xi. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005,** que regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

No mesmo sentido, o Decreto supracitado, determina que Libras seja disciplina curricular obrigatória dos cursos de formação de professores (Art. 3º), contribuindo para a inclusão de parte dos portadores de necessidades educacionais especiais no âmbito da educação básica.

xii. **Resolução CNE/CP Nº 1, de 30 de maio de 2012**, que estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, com fundamento no Parecer CNE/CP Nº 8/2012.

A Educação em Direitos Humanos tem como princípios (Art. 3º): a dignidade humana; a igualdade de direitos; o reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; a laicidade do Estado; a democracia na educação; a transversalidade, vivência e globalidade; e a sustentabilidade socioambiental.

A Educação em Direitos Humanos deverá ser considerada na elaboração dos projetos político-pedagógicos dos cursos de licenciatura (Art. 6º) e deverá ser componente curricular obrigatório (Art. 8º) nos cursos de formação de professores. Essas Diretrizes apontam para o cumprimento do estabelecido nos planos e

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

programas para a educação em direitos humanos produzidos no Brasil desde os anos de 1990.

xiii. **Resolução CNE/CP Nº 2, 15 de junho de 2012**, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, com fundamento no Parecer CNE/CP Nº 14/2012.

A determinação de incluir a educação ambiental, tanto no currículo da educação básica, quanto nos cursos de formação de professores, remonta aos anos de 1980 e 1990, nos quais ocorreu significativa mobilização em defesa do meio ambiente, especialmente nas discussões que precederam a Constituição Federal de 1988, bem como, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Eco 92), ocorrida na cidade do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, as Diretrizes determinam que a dimensão socioambiental seja considerada na formação dos profissionais da educação (Art. 11), sendo que nos cursos de licenciatura, essa dimensão deve ser desenvolvida de forma integrada e **interdisciplinar** (Art. 19, § 1º).

xiv. **Diretrizes Curriculares Nacionais específicas dos cursos de graduação que compõem a área de Linguagens e Códigos**:

- Letras: Parecer CNE/CES Nº 492/2001, Parecer CNE/CES 1.363/2001, Parecer CNE/CES Nº 83/2007 e Resolução CNE/CES Nº 18/2002.
- Música: Parecer CNE/CES Nº 195/2003 e Resolução CNE/CES Nº 2/2004.
- Artes Visuais: Parecer CNE/CES Nº 280/2007 eResolução CNE/CES Nº 1/2009.

A utilização das Diretrizes Curriculares específicas dos cursos de graduação supracitados tem por objetivo identificar parâmetros para embasamento da construção do projeto político-pedagógico da Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos/ Música. Isso se justifica pelo fato de que os referenciais orientadores para as licenciaturas interdisciplinares estão em processo de formulação no Ministério da Educação, tendo sido concluído até o presente momento apenas os referenciais orientadores para os bacharelados interdisciplinares (Parecer CNE/CES Nº 266/2011).

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

xv. **Decreto Nº 6.096, de 24 de abril de 2007,** que instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

O REUNI é um programa que estimula a ampliação do acesso e permanência na educação superior público, no nível da graduação (Art. 1º). Entre suas diretrizes estão a redução das taxas de evasão, ocupação de vagas ociosas e o aumento de vagas de ingresso, especialmente no período noturno (Art. 2º, I), revisão da estrutura acadêmica, com reorganização dos cursos de graduação e atualização de metodologias de ensino-aprendizagem (II) e diversificação das modalidades de graduação (IV).

xvi. **Resolução Nº 104-CONSUN, de 30 de novembro de 2007**, que aprova a adesão da Universidade Federal do Maranhão ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão da Universidade Brasileira (REUNI).

A criação dos cursos de Licenciaturas Interdisciplinares se dá nos marcos do processo de expansão da Universidade Federal do Maranhão consignado no âmbito de sua adesão ao REUNI, representando o viés político deste projeto, configurado no esforço institucional em construir e reconstruir a inovação inclusiva, contribuindo para a melhoria dos indicadores educacionais estaduais e municipais pela formação de professores com qualidade social.

xvii. **Resolução Nº 165-CONSUN, de 17 de outubro de 2012**, que aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2012-2016, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

O disposto na referida adesão ao REUNI foi incorporado no PDI da UFMA, destacando-se as diretrizes de desenvolvimento das ações de ensino de graduação, quais sejam: ampliar a inserção da UFMA na comunidade regional; atualizar a estrutura organizacional e o regimento da graduação; alcançar patamares superiores de qualidade nos cursos de graduação existentes; incentivar a mobilidade intra e interinstitucional; aprimorar os instrumentos voltados para a avaliação da qualidade do ensino de graduação na modalidade presencial e à distância; estruturar e estimular a realização de práticas acadêmico-profissionais.

Em face da base legal apresentada, compreendemos que o curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos/ Música, Campus São

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Bernardo da UFMA poderá contribuir com a formação de professores da educação básica por constituir-se enquanto proposta diferenciada de formação ao ter como centralidade o diálogo entre as áreas de conhecimento para a construção da interdisciplinaridade.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

5 PERFIL DO EGRESSO

O **Licenciado em Linguagens e Códigos/ Música** é o profissional habilitado para planejar, organizar e desenvolver atividades interdisciplinares de docência dos componentes curriculares obrigatórios da área de Linguagens (Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola, Artes Visuais e Música) nas séries finais do Ensino Fundamental e de Músicapara o Ensino Médio.

Sua atribuição central é a docência no Ensino Fundamental e Médio, que requer conhecimentos sobre os fundamentos da área de Linguagens, domínio e reflexão sobre temas e questões relativas aos conhecimentos da Música, bem como sobre a mediação didática destes conhecimentos em saberes escolares.

Além de trabalhar diretamente na sala de aula, elabora e analisa material didático, realiza pesquisa em Educação e pode contribuir profissionalmente em outras áreas no debate interdisciplinar.

5.1 Competências e habilidades

a) Referentes à Formação de Docente para atuar na Educação Básica

- conhecer e dominar os conteúdos básicos que são objeto dos processos de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e médio;
- orientar suas escolhas e decisões metodológicas e didáticas por valores democráticos e por pressupostos epistemológicos coerentes;
- reconhecer e respeitar a diversidade manifestada por seus alunos, em seus aspectos sociais, culturais e físicos, detectando e combatendo todas as formas de discriminação;
- participar coletiva e cooperativamente da elaboração, gestão, desenvolvimento e avaliação do projeto educativo e curricular da escola, atuando em diferentes contextos da prática profissional, além da sala de aula;
- promover uma prática educativa interdisciplinar que leve em conta as características dos alunos e de seu meio social, seus temas e necessidades do mundo contemporâneo e os princípios, prioridades e objetivos do projeto educativo e curricular;

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

- compartilhar saberes com docentes de diferentes áreas/disciplinas de conhecimento, e articular em seu trabalho as contribuições dessas áreas;
- fazer uso de recursos da tecnologia da informação e da comunicação de forma a manter-se atualizado e a aumentar as possibilidades de aprendizagem dos alunos;
- criar, planejar, realizar, gerir e avaliar situações didáticas eficazes para a aprendizagem e para o desenvolvimento dos alunos, utilizando os conhecimentos da área de Linguagens, das temáticas sociais transversais ao currículo escolar, dos contextos sociais considerados relevantes para a aprendizagem escolar, bem como as especificidades didáticas envolvidas;
- identificar, analisar e produzir materiais e recursos para utilização didática, diversificando as possíveis atividades e potencializando seu uso em diferentes situações;
- utilizar estratégias diversificadas de avaliação da aprendizagem e, a partir de seus resultados, formular propostas de intervenção pedagógica, considerando o desenvolvimento de diferentes capacidades dos alunos.
- sistematizar e socializar a reflexão sobre a prática docente, investigando o contexto educativo e analisando a própria prática profissional;
- utilizar o conhecimento sobre a organização, gestão e financiamento dos sistemas de ensino, sobre a legislação e as políticas públicas referentes à educação para uma inserção profissional crítica**;**
- manter-se atualizado em relação aos conteúdos da área de Linguagens e ao conhecimento pedagógico;

b) Referentes à Formação Interdisciplinar e Específica

- interagir com as manifestações culturais da sociedade na qual se situa, demonstrando sensibilidade na criação, transmissão e recepção do fenômeno visual, da música e da literatura.
- desenvolver pesquisa no ensino de artes visuais, música, língua portuguesa e estrangeira;
- estimular criações artísticas e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, objetivando o aprimoramento da sensibilidade estética dos diversos atores sociais;

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

- desenvolver prática musical em nível elementar;
- intervir na sociedade de acordo com suas manifestações culturais, demonstrando sensibilidade e criação artísticas;
- apropriar-se do conhecimento instrumental da língua inglesa e da língua espanhola nas suas manifestações oral e escrita, em termos de recepção e produção de textos;
- dominar o uso da língua portuguesa nas suas manifestações oral e escrita, em termos de recepção e produção de textos;
- refletir de forma analítica e crítica sobre a linguagem como fenômeno psicológico, educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico;
- atuar, de forma significativa, nas manifestações musicais, instituídas ou emergentes;
- estimular criações musicais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

6 REGIME ACADÊMICO

O Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos/Música oferece 20 (vinte) vagas para ingresso anual de estudantes, por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU).

O Curso adota o regime acadêmico semestral para oferta de componentes curriculares/disciplina, com aulas presenciais, no turno vespertino, seguindo o calendário proposto pela Universidade Federal do Maranhão.

Cabe ao estudante a inscrição nos componentes curriculares/disciplinas em cada semestre letivo, devendo para tanto observar a sequência e organização da matriz curricular, o tempo mínimo e máximo para integralização curricular e os critérios e requisitos acadêmicos previstos neste Projeto.

O trancamento de matrícula, aproveitamento de estudos e demais situações acadêmicas do discente serão regulamentadas pela Resolução nº 90/1999- CONSEPE ou outra norma acadêmica que venha a substituí-la.

O tempo mínimo para a integralização do curso é de no mínimo 8 (oito) semestres letivos e no máximo 12 (doze) semestres letivos.

No que se refere aos créditos:15 (quinze) horas aulas equivalem a 1 (um) crédito teórico;30 (trinta) horas de atividades equivalem a 1 (um) crédito prático;45 (quarenta e cinco) horas de atividades em estágio obrigatório equivalem a 1(um) créditos pré-profissional.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

7 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

7.1 Núcleo de Formação Básica

Núcleo de Formação Básica constitui-se de componentes curriculares obrigatórios e indispensáveis, que devem ser cumpridos pelo estudante para a integralização curricular, correspondendo aos conteúdos de natureza científico-cultural das áreas do conhecimento que serão objeto da atuação profissional do licenciado em Linguagens e Códigos/ Música no Ensino Fundamental.

É a etapa de formação interdisciplinar em que há o equilíbrio e a proporcionalidade das áreas de formação interdisciplinar.

7.2 Núcleo de Formação Livre

O Núcleo de Formação Livre constitui-se de componentes curriculares que devem ser cumpridos pelo estudante, para integralização curricular, mediante sua escolha e interesse, a partir de um conjunto de disciplinas previsto no projeto político pedagógico ou pertencentes a outras graduações, desde que autorizadas pelo Colegiado de Curso.

Destaque-se que a disciplina cumprida para compor a carga horária mínima do Núcleo Livre não pode, ao mesmo tempo, ser considerada como Atividades Complementares.

7.3 Núcleo de Formação Específica

O Núcleo de Formação Específica constitui-se de componentes curriculares obrigatórios e indispensáveis, que devem ser cumpridos pelo estudante para a integralização curricular, correspondendo ao conteúdo de natureza científico-cultural da área do conhecimento que será objeto da atuação profissional do professor Música no Ensino Médio.

É o aprofundamento em uma das áreas da formação interdisciplinar.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

7.4 Núcleo de Formação Pedagógica

O Núcleo de Formação Pedagógica constitui-se de componentes curriculares obrigatórios e indispensáveis, que devem ser cumpridos pelo estudante para a integralização curricular, correspondendo a disciplinas pedagógicas e atividades de práticas pedagógicas.

7.5 Prática de Ensino como Componente Curricular (PECC)

A Prática compreende um componente curricular articulado que atravessa as licenciaturas interdisciplinares de modo a promover a reflexão sobre a escola em seus diferentes contextos tanto no que se refere à observação e ação direta quanto no uso de tecnologias de informação que promovam a compreensão das diferentes realidades escolares. Nesse sentido, as práticas estarão presentes desde o início do curso, como espaço e tempo de discussão sobre o projeto político pedagógico, a observação e intervenção no cotidiano escolar, o currículo, a organização do trabalho pedagógico na educação básica.

Os espaços-tempos destinados a esse componente curricular estão organizados em torno da interação entres diferentes áreas de conhecimentos de modo a permitir que os acadêmicos reflitam sobre a relação teoria e prática, pensem metodologias de trabalho e elaborem materiais didáticos para ensino nas áreas de Linguagens e Códigos.

A carga horária destinada à Prática é de 405 horas e está distribuída ao longo do curso, desde o primeiro período, considerando o diálogo entre
as cinco áreas de conhecimento da Licenciatura em Linguagens e Códigos/ Música: Artes, Música, Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Língua Inglesa. Serão realizadas, conforme discriminação a seguir:

Laboratório de Ensino de Linguagens e Códigos - trata-se da especificidade do trabalho pedagógico no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem no campo de estudo das Linguagens de modo interdisciplinar. As atividades terão como foco as ações pedagógicas que ocorrem no espaço escolar no que diz respeito à prática docente. Com foco na gestão de sala de aula, procura-se investigar, analisar e criar novas possibilidades de intervenção de modo a promover

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

articulação das diferentes áreas contribuindo com a construção do conhecimento sobre profissão docente.

Observação da Etnográfica da Realidade Escolar – nesta etapa alunos deverão realizar visitas em escolas do Ensino Fundamental e Médio da rede municipal de São Bernardo e elaborar um relatório com base na coleta de dados sobre a realidade escolar. Devem ser considerados os seguintes itens:

- Diagnóstico da comunidade em que se insere a escola: levantar um breve histórico do bairro; caracterizar o nível socioeconômico do bairro; caracterizar seus moradores.
- Diagnóstico da escola e seus profissionais: levantar um breve histórico da escola; explicitar a Entidade que mantém a escola; explicitar o sistema de administração adotado, se participativo ou não-participativo; levantar os serviços oferecidos (médico, merenda, etc.); levantar recursos materiais e recursos humanos (qualificação, tipo de contrato, tempo de serviço, etc.).
- Metodologias de Ensino - neste momento os alunos deverão elaborar, projetos de atuação com objetivo aproximação com a prática docente, abordando a relação professor x aluno x objeto do conhecimento. O projeto deve ser executado sob a orientação dos professores das áreas específicas, pontuando as inter-relações entre as áreas de conhecimento numa perspectiva interdisciplinar. Para fins de avaliação, o aluno deverá elaborar um relatório sobre o trabalho realizado e socializá-lo.

7.6 Eixos Articuladores

A elaboração de critérios para organização da matriz curricular, bem como dos espaços e tempos em que o currículo se efetiva estão expressos em eixos em torno dos quais serão articulados:

- a disciplinaridade e interdisciplinaridade, visto que a formação do professor solicita estudos que possibilitem a sistematização e aprofundamentos de conceitos e relações para a construção e desenvolvimento de competências profissionais cuja atuação esteja centrada no ensino e promoção da aprendizagem de crianças, jovens e adultos. A interdisciplinaridade permite que sejam atravessadas as fronteiras das disciplinas a partir de um trabalho

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

integrado e solidário entre diferentes professores e áreas na formulação e realização de projetos de pesquisa, principalmente aplicados ao ensino;

- a formação comum e a formação específica, uma vez que é fundamental que nos cursos de formação de docente sejam garantidos os estudos sobre questões centrais da educação e da aprendizagem, a construção de um olhar interdisciplinar, a sistematização consistente de conhecimentos a serem ensinados e conhecimentos filosóficos educacionais e pedagógicos que fundamentam a ação educativa;
- os diferentes âmbitos de conhecimento profissional os quais se manifestam para além das disciplinas uma vez que abrange oficinas, seminários, grupos de trabalho supervisionado, eventos, atividades de extensão, entre outras atividades que exigem vivências e atuações diferenciadas no percurso formativo dos futuros professores
- as dimensões teóricas e práticas, considerando que o fazer implica uma reflexão e esta implica um fazer, ainda que nem sempre se materialize, essas dimensões são fundamentais no processo de construção de sua autonomia intelectual. Desse modo, a prática na matriz curricular está ora inserida nos componentes curriculares de formação básica ou específica, ora com espaços e tempos próprios e voltados para o espaço escolar.

Ainda no que se refere aos eixos na matriz curricular, a licenciatura interdisciplinar em Linguagens e Códigos/ Música elege para cada ano de curso um **eixo integrador** para coordenar o grupo de disciplinas e atividades que serão ofertadas. Essa proposta pauta-se na ideia de que a interdisciplinaridade carrega consigo a polissemia de um signo que tem seus sentidos construídos nas histórias vividas, nos diferentes pontos de vista teórico-metodológicos a cerca de um mesmo objeto.

O primeiro eixo **chamado Linguagens, interação e identidades objetiva a compreensão d**as diferentes linguagens como geradoras de significação e articuladoras da interação e organização do mundo, no sentido de possibilitar a construção de identidades, numa perspectiva interdisciplinar.

O segundo eixo, denominado **Linguagens, pesquisa e argumentação,** tem como foco a investigação e análise de recursos expressivos das diferentes

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

linguagens, relacionando textos e contextos com vistas à construção de uma argumentação reflexiva da prática docente.

Linguagens, contextualização sociocultural e prática docente compreende o terceiro eixo que visa o emprego das diferentes linguagens de forma interdisciplinar, contextualizando-as de modo a desenvolver a prática docente nos múltiplos espaços-tempos em que se desenvolve a educação**.**

O quarto eixo chamado **Educação musical: diálogo entre criação musical e performance musical em vista do desenvolvimento do potencial artístico do professor de música** busca desenvolver visão analítica e crítica sobre o ensino de música a partir de perspectivas teóricas e práticas, que fundamentam a formação profissional do professor de música modo a atuar significativamente no espaço escolar, bem como desenvolver o potencial artístico do docente.

7.7 Estágio

Estágio é um componente curricular que integra o processo de ensino-aprendizagem do aluno, a partir dos nexos e conteúdos definidos no Projeto Pedagógico do Curso. Compreende um conjunto de competências e habilidades com fins de aprendizagem profissional, cultural e social em situações reais de trabalho e de vida, sob a supervisão do coordenador do estágio, supervisores docentes do curso e dos supervisores técnico-profissionais credenciados pelas instituições conveniadas.

Este componente oportuniza aos alunos a aplicação de seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, possibilitando-lhe o exercício da docência em situações vivenciadas em sala de aula e a aquisição de uma visão objetiva, real de sua área de atuação profissional.

A carga horária total de estágio obrigatório corresponde a 405 (quatrocentos e cinco) horas de atividades desenvolvidas, equivalente a 9 (nove) créditos e, integralizadas após a conclusão dos módulos teóricos e práticos. A distribuição da carga horária deve contemplar o ensino fundamental (225h) e ensino médio (180h) e sua execução deverá ser norteada pelo diálogo entre as áreas.

Considerando as várias áreas de conhecimentos que contemplam a licenciatura interdisciplinar e a necessidade do aluno transitar pela docência de todas as áreas, o estágio no ensino fundamental será organizado em momentos que

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA UNCIA

contemplem a observação e participação na realidade escolar, elaboração e aplicação de projeto interdisciplinar e regência de sala de aula.

A observação de sala de aula deverá contemplar as áreas da licenciatura que já acontecem obrigatoriamente do 6º ao 9º ano do ensino fundamental nas escolas. O projeto interdisciplinar em sua elaboração e aplicação deverá obrigatoriamente contemplar os conteúdos curriculares para o ensino fundamental de todas as áreas da licenciatura interdisciplinar. A regência de sala de aula acontecerá em pelo menos uma das áreas específicas da licenciatura interdisciplinar, visto que o projeto abrangerá as demais áreas.

Enquanto atividade educativa escolar, o estágio supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da escola-campo, comprovado por vistos nos relatórios.

Normas complementares do estágio são de responsabilidade do colegiado de curso e em conformidade com a Resolução 684/2009 – CONSEPE ou de acordo com a legislação vigente.

7.8 Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma atividade curricular obrigatória e muito relevante para o processo de aprendizagem. É um trabalho científico com objetos de estudo articulados ao conteúdo do curso, realizado pelo aluno com a orientação pessoal e direta de um professor.

Considerando que as licenciaturas interdisciplinares buscam explorar a interação entre as áreas, o TCC será concebido como um elemento articulador e integrado do currículo, que visa à formação do professor como pesquisador de questões que vão emergir da realidade que o cerca, de seu cotidiano, da escola, da sala de aula.

No que se consiste à forma, o TCC pode configurar-se como monografia, projeto de pesquisa, artigo científico ou ainda segundo definições próprias de cada colegiado de curso de curso.

A operacionalização do Trabalho de Conclusão de Curso obedecerá às Normas Específicas do Colegiado de Curso e às legislações vigentes.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

7.9 Atividades Complementares

As atividades acadêmico-científico-culturais referem-se um componente obrigatório que contribui para a flexibilização curricular uma vez que requer do aluno a participação em atividades de naturezas diversas que envolvem tanto o ensino e a pesquisa quanto a extensão.

Para integralização das 215 horas mínimas destas atividades, o aproveitamento da carga horária e os requisitos de comprovação seguirão critérios elaborados e aprovados pelo Colegiado de Curso.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

CONTEÚDO DE FORMAÇÃO BÁSICA

Área do Conhecimento	Componente Curricular	Hora	CH	Crédito	
		Aula		Teórico	Pratico
Língua Portuguesa	**Leitura e Produção Textual**	50	60	2	1
Literatura Brasileira	**Tópicos Estudos Literários em Língua Portuguesa**	50	60	2	1
Língua Portuguesa	**Tópicos de Linguística: Estudo do Texto e do Discurso**	50	60	2	1
Língua Portuguesa	**Estrutura Morfossintática da Língua Portuguesa**	50	60	2	1
Língua Portuguesa	**Tópicos de Linguística: Variação e Mudança**	50	60	2	1
Língua Espanhola	**Interação Comunicativa em Língua Espanhola –I**	50	60	2	1
Língua Espanhola	**Interação Comunicativa em Língua Espanhola – II**	50	60	2	1
Língua Espanhola	**Estrutura Morfossintática da Língua Espanhola**	50	60	2	1
Língua Espanhola	**Noções de Fonética e Fonologia da Língua Espanhola**	50	60	2	1
Literatura Espanhola	**Tópicos de Estudos Literários em Língua Espanhola**	50	60	2	1
Língua Inglesa	**Interação Comunicativa em Língua Inglesa –I**	50	60	2	1
Língua Inglesa	**Interação Comunicativa em Língua Inglesa – II**	50	60	2	1
Língua Inglesa	**Estrutura Morfossintática da Língua Inglesa**	50	60	2	1
Língua Inglesa	**Noções de Fonética e Fonologia da Língua Inglesa**	50	60	2	1
Língua Inglesa	**Tópicos de Estudos Literários em Língua Inglesa**	50	60	2	1
Artes Visuais	**Arte, Folclore e Cultura Popular Brasileira**	50	60	2	1
Artes Visuais	**Elementos da Linguagem Visual**	50	60	2	1
Artes Visuais	**Historia da Arte**	50	60	2	1
Artes Visuais	**Oficina de Artes Visuais I**	50	60	2	1
Artes Visuais	**Oficina de Artes Visuais II**	50	60	2	1
Música	**Apreciação musical**	50	60	2	1
Música	**Laboratório de criação musical**	50	60	2	1
Música	**Técnica vocal**	50	60	2	1
Música	**História da Música Popular Brasileira**	50	60	2	1
Música	**Folclore Musical: ritmos populares maranhenses**	25	30	2	
Música	**História da Música I**	25	30	2	1
-	**Metodologia do Trabalho Científico**	50	60	2	1
	Trabalho de Conclusão de Curso	50	60		2
Total		1350	1620	54	28

NÚCLEO DE FORMAÇÃO ESPECIFICA

Área do Conhecimento	Componente Curricular	Hora	CH	Crédito	
		Aula		Teórico	Pratico
Música	**Violão Complementar I**	50	60	2	1
Música	**Violão Complementar II**	50	60	2	1
Música	**Prática Coral I**	50	60	2	1
Música	**Fundamentos da Regência I**	50	30	2	
Música	**Percepção Musical I**	50	60	2	1
Música	**Percepção Musical II**	50	60	2	1
Música	**Oficina de Arranjo I**	50	30	2	
Música	**História da Música II**	50	30	2	
Música	**Didática do Instrumento: Violão**	50	30	2	
Música	**Ensino de Música em Espaços Não Formais**	50	30	2	
Música	**Oficina de Improvisação**	50	30		1
Música	**Fundamentos da Harmonia**	50	30	2	
Música	**Prática de Conjunto**	50	30		1
Total	450	540	22	7	

NÚCLEO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

COMPONENTES CURRICULARES	Hora	CH	Crédito			
	aula		**T**	**P**	**PEC**	
DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS	**314**	**375**				
Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação	38	45	3			
Fundamentos da Psicologia da Educação	38	45	1	1		
Fundamentos Sociológicos da Educação	38	45	3			
Didática	50	60	2	1		
Metodologia da Pesquisa em Educação	25	**30**	2			
Política e Organização da Educação	25	30	2			
Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais	50	60	2	1		
Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação	50	60	2	1		
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	**400**	**405**				
Laboratório de Ensino em Linguagens e Códigos I	40	45	1		1	
Observação Etnográfica da realidade escolar	60	60			2	
Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa	60	60			2	
Metodologia do Ensino de Língua Espanhola	60	60			2	
Metodologia do Ensino de Língua Inglesa	60	60			2	
Metodologia do Ensino de Música	60	60			2	
Metodologia do Ensino de Artes Visuais	60	60			2	
Total	714	780	18	4	13	

NÚCLEO DE ESTÁGIO

COMPONENTE CURRICULAR- Atividade	Hora Aula	CH	Crédito Estágio
Estágio I (Ensino Fundamental) Estágio II (Ensino Médio)	225 180	225 180	5 4
Total	**405**	**405**	**9**

ATIVIDADES ACADÊMICO-CULTURAIS

COMPONENTE CURRICULAR	Hora aula	CH	Credito
Atividades Complementares	215	215	7
Total	215	215	7

RESUMO DA ESTRUTURA	Hora aula	CH	Crédito
Núcleo de Formação Básica	1350	1620	82
Núcleo de Formação Específica	450	540	
Núcleo de Formação Pedagógica • Disciplinas Pedagógicas (375) • Prática de Ensino como Componente Curricular (405)	714	780	31
Núcleo Livre	120	120	6
Núcleo de Estágio	405	405	9
Atividades Complementares	215	215	7
Total	3249	3680	135

DISCIPLINAS ELETIVAS		Teórico	Pratico
Organização do Trabalho Pedagógico	60	4	
Currículo e Cotidiano Escolar	60	4	
Formação de professores e prática docente na contemporaneidade	60	4	
Fundamentosda Educação Inclusiva	60	4	
Política e Gestão Educacional	60	4	
Tópicos de Linguagem e Meio Ambiente	60	4	
Leitura do Texto Dramático	60	2	1
Ilustração – Pretexto de Escrita	60	2	1
Voragem do Olhar – Cinema em Movimento	60	2	1
Piano Complementar – I	60	2	1
Piano Complementar II	60	2	1
Prática Coral II	60	2	1
Prática Coral III	60	2	1
Coral IV	60	2	1
Fundamentos da Regência II	60	2	1
Prática de Conjunto II	60	2	1
Prática de Conjunto III	60	2	1
Análise Musical	60	2	1
Musicalização	60	2	1
Oficina de Arranjo II	60	2	1
Arte, Sociedade e meio ambiente	45	3	
FundamentosSócio Antropológicos da Arte	30	2	
Educação e Multimeios	45	3	
Educação do Campo	60	4	
Linguagem e Diversidade: pesquisa e intervenção escolar	60	4	
Educação, História e Escola	60	4	
Literaturas de Língua Portuguesa: diversidade e interação	60	4	
Literatura Brasileira I: Da formação ao século XIX	60	4	

Literatura Brasileira II: Do século XX à contemporaneidade	60	4	
Estudos Literários Maranhenses	60	4	
Literatura Infanto-juvenil	30	2	
Literatura Popular Brasileira	30	2	
Formação Histórica da Língua Portuguesa	60	4	
Tendências da Linguística Moderna Contemporânea	60	4	
Estrutura e Funcionamento da Língua portuguesa	60	4	
Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna	60	4	

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

9 MATRIZ CURRICULAR-SEQUÊNCIA ACONSELHADA

EIXO 1: LINGUAGENS, INTERAÇAO E IDENTIDADES

Objetivo: Compreender as diferentes linguagens como geradoras de significação e articuladoras da interação e organização do mundo possibilitando a construção de identidades, numa perspectiva interdisciplinar.

1º PERIODO CH – 480				
Disciplina/Componente Curricular	**Carga horária**	**CRÉDITO**		**PP**
		T	**P**	
Leitura e produção textual	60	2	1	
Interação comunicativa em língua espanhola I	60	2	1	
Interação comunicativa em língua Inglesa I	60	2	1	
Arte, folclore e cultura popular brasileira	60	2	1	
Apreciação Musical	60	2	1	
Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação	45	1	1	
Metodologia do Trabalho Científico	60	1	1	
Metodologia da Pesquisa em Educação	30	2		
Laboratório de Ensino em Linguagens e Códigos I				45
TOTAL	**435**	**14**	**7**	**45**

2º PERIODO-CH- 450				
Disciplina/Componente Curricular	**Carga horária**	**Crédito**		**PP**
		T	**P**	
Fundamentos da Psicologia da Educação	45	3		
Tópicos em Estudos Literários em Língua Portuguesa	60	2	1	
Interação Comunicativa em Língua Espanhola II	60	2	1	
Interação Comunicativa em Língua Inglesa II	60	2	1	
Elementos da Linguagem Visual	60	2	1	
História da Música	30	2	1	
Fundamentos Sociológicos da Educação	45	2		
Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa				60
TOTAL	**390**	**16**	**5**	**60**

PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

EIXO 2– LINGUAGENS, PESQUISA E ARGUMENTAÇAO

Objetivo: Investigar e analisar recursos expressivos das diferentes linguagens, relacionando textos e contextos com vistas à construção de uma argumentação reflexiva da prática docente.

3º PERÍODO CH – 450				
Disciplina/Componente Curricular	**Carga horária**	**Crédito**		**PP**
		T	**P**	
Tópicos de Linguística: Estudo do Texto e do Discurso	60	2	1	
Estrutura morfossintática da língua espanhola	60	2	1	
Estrutura morfossintática da língua inglesa	60	2	1	
História da Arte	60	2	1	
Laboratório de Criação Musical	60	2	1	
Didática	60	2	1	
Política e Organização da Educação	30	2	-	
Núcleo Livre	60	3	**1**	
TOTAL	**450**	**16**	**7**	

4º Período CH- 420					
Disciplina/Componente Curricular	**Carga horária**	**Crédito**		**PP**	**Estágio**
		T	**P**		
Estrutura morfossintática da língua portuguesa	60	2	1		
Noções de fonética e fonologia em língua espanhola	60	2	1		
Noções de fonética e fonologia em língua inglesa	60	2	1		
Oficina em Artes Visuais 1	60	2	1		
Técnica Vocal	60	2	1		
Observação Etnográfica da Realidade Escolar		2	1	60	
Núcleo Livre	60				
TOTAL	360	12	6	60	

EIXO 3 – LINGUAGENS, CONTEXTUALIZAÇAO SOCIOCULTURAL E PRATICA DOCENTE

Objetivo: Empregar as diferentes linguagens de forma interdisciplinar, contextualizando-as de modo a desenvolver a prática docente nos múltiplos espaços-tempos em que se desenvolve a educação.

5º Período CH- 480					
Disciplina/Componente Curricular	**Carga horária**	**Crédito**		**PP**	**Estágio**
		T	**P**		
Metodologia do Ensino de Língua Espanhola				60	2
Tópicos de estudos literários em língua espanhola	60	2	1		
Tópicos de estudos literários em língua inglesa	60	2	1		
Oficina de Artes Visuais 2	60	2	1		
História da Música Popular Brasileira	60	2	1		
Folclore musical: ritmos populares maranhenses	30	2	1		
Metodologia do Ensino de Música		-		60	
Estágio I					90
TOTAL	270	12	5	120	90

6º Período CH- 475					
Disciplinas	CH	Crédito	Estágio	CH PP	Crédito PP
Tópicos em linguística: variação e mudança	60	2			2
Metodologia do Ensino de Língua Inglesa				60	2
Metodologia de Ensino de Artes Visuais				60	2
Estágio			135		
Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação	60	2			
TOTAL	120	7	135	120	8

EM PROCESSO DE REVISÃO ÀS NORMAS DA LÍNGUA

EIXO 4: EDUCAÇÃO MUSICAL: DIÁLOGO ENTRE CRIAÇÃO MUSICAL E PERFORMANCE MUSICAL EM VISTA DO DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL ARTÍSTICO DO PROFESSOR DE MÚSICA

Objetivo: Desenvolver visão analítica e crítica sobre o ensino de música a partir de perspectivas teóricas e práticas, que fundamentam a formação profissional do professor de música modo a atuar significativamente no espaço escolar, bem como desenvolver o potencial artístico do docente.

7º Período CH- 450					
Disciplina/Componente Curricular	**Carga horária**	**Crédito**		**PP**	**Estágio**
		T	**P**		
Violão Complementar I	60	2	1		
Prática Coral I	60	2	1		
Percepção Musical I	60	2	1		
Fundamentos da Regência I	30	2			
Oficina de Arranjo I	30	2			
História da Música II	30				
Ensino de Música em Espaços Não Formais	30				
Estágio II					90
Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais	60	2	1		
TOTAL	360	12	6		90

8º Período CH 390					
Disciplina/Componente Curricular	**Carga horária**	**Crédito**		**PP**	**Estágio**
		T	**P**		
Violão Complementar II	60	2	1		
Percepção Musical II	60	2	1		
Didática do Instrumento: Violão	30	2			
Oficina de Improvisação	30		1		
Fundamentos da Harmonia	30	2			
Prática de Conjunto	30		1		
Trabalho de Conclusão de Curso	60		4		
Estágio					90
Total	300	8	8		90

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

10 INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

Para obter a integralização do currículo, com vistas à formatura, o aluno precisa:

- Cumprir todas as disciplinas obrigatórias;
- Comprovar o cumprimento de, no mínimo, 215 horas de Atividades Complementares de Graduação, conforme as normas específicas das licenciaturas;
- Cumprir no mínimo 405 horas de estágio curricular;
- Cumprir a carga horária mínima de disciplinas do núcleo livre;
- Apresentar Trabalho de Conclusão de Curso e obter aprovação em defesa pública.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

11 SISTEMA DE AVALIAÇÃO

11.1 Avaliação do processo de ensino-aprendizagem

Compreendemos que a Universidade é a instância para a construção da autonomia intelectual e do exercício da cidadania em uma ambiência democrática, a concepção de avaliação postulada implica tanto na avaliação da aprendizagem dos estudantes, como na avaliação do curso.

Essa avaliação tem como princípios que a educação é um direito social e dever do Estado, sendo que a formação acadêmico-científica, profissional, ética e política oferecida aos estudantes é uma das formas da Universidade prestar contas à sociedade do mandato que lhe foi socialmente conferido; a relevância da formação e da produção de conhecimentos para o desenvolvimento local e nacional; a co-responsabilidade de toda a comunidade acadêmica; o caráter processual e educativo da avaliação; o respeito à identidade e à diversidade; a globalidade; a legitimidade e a continuidade.

A avaliação da aprendizagem preconizada no presente projeto político-pedagógico segue o disposto na Resolução Nº 90/1999 – CONSEPE que versa sobre as normas regulamentadoras do sistema de registro e controle acadêmico.

A avaliação da aprendizagem ocorrerá por disciplina ou componente curricular, observando a realização de mais de uma atividade avaliativa para a constituição da nota final, sendo que o professor tem autonomia para proceder às adaptações necessárias quanto a tais atividades. Em face disso, a nota final equivale a uma média aritmética simples das atividades avaliativas, facultando-se ao professor a atribuição de pesos diferenciados para cada atividade, compondo a nota final com uma média aritmética ponderada.

Tendo em vista a necessidade de auxiliar no trabalho de avaliação da aprendizagem, sem prejuízo da autonomia docente e da legislação acadêmica vigente, sugere-se o seguinte quadro orientativo com a nota final, o indicativo do nível de aprendizagem, a caracterização do nível de aprendizagem e a medida pedagógica pertinente:

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

NOTA FINAL	INDICATIVO DO NÍVEL DE APRENDIZAGEM	CARACTERIZAÇÃO DO NÍVEL DE APRENDIZAGEM	MEDIDA PEDAGÓGICA SUGERIDA
0-4	Insuficiente	Não houve aprendizado ou ele foi abaixo do elementar	Estudos complementares e novo momento avaliativo com vistas à recuperação
5-7	Básico	Houve aprendizado, porém existe possibilidade de melhorá-lo	Estudos complementares e novo momento avaliativo com vistas ao reforço
8-9	Adequado	Houve aprendizado e existem condições de continuidade	Estudos complementares com vistas ao aprofundamento
10	Avançado	Houve aprendizado para além os parâmetros previstos	Estudos complementares com vistas à proposição de desafios que permitam a continuidade do progresso

11.2 Avaliação do projeto do curso

Conforme referido, além da avaliação do processo de ensino-aprendizagem é fundamental a avaliação do curso, o qual tem como documento norteador o projeto político-pedagógico. Para tanto, seguir-se-á, em linhas gerais, o disposto no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), instituído pela Lei N.º 10.861/2004 e respectivas regulamentações.

Proceder-se-á a avaliação do projeto do curso a partir da integralização de no mínimo quatro semestres letivos, facultando-se ao Colegiado de Curso o estabelecimento de uma periodicidade superior.

A avaliação implica dois movimentos, o primeiro liderado pela Comissão Permanente de Avaliação e o segundo pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE).

A Comissão Permanente de Avaliação (CPA) será formada por 1 representante do corpo docente e seu respectivo suplente indicados pelo Colegiado de Curso; 1 representante do corpo estudantil e seu respectivo suplente indicados pelo Centro Acadêmico do Curso e 1 representante do corpo técnico-administrativo escolhida e seu respectivo suplente, escolhidos em consulta ao conjunto dos técnico-administrativos, organizada pelo Colegiado de Curso.

A CPA deverá realizar o processo avaliativo, considerando no mínimo as seguintes dimensões:

- Organização, regime e matriz curricular;
- Integração ensino, pesquisa e extensão;
- Corpo Docente;

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LINGUA

- Corpo Discente;
- Corpo Técnico-administrativo;
- Estrutura física e equipamentos.

A CPA poderá considerar os instrumentos e indicadores previstos pelo SINAES na avaliação de cada uma das dimensões e criar outros que se adaptem às especificidades do trabalho de avaliação do curso.

A CPA poderá propor e implementar outras dimensões relevantes. No processo avaliativo de cada dimensão, a CPA deverá realizar no mínimo um fórum para cada uma das dimensões. O fórum deve contar com ampla participação dos corpos docente, discente e técnico-administrativo, de forma a subsidiar qualitativamente o processo, gerando relatórios com as discussões, proposições e encaminhamentos resultantes.

O relatório final de avaliação produzido pela CPA deverá ser apresentado em um fórum, nos parâmetros dos referidos anteriormente, com o objetivo de discutir os resultados e os encaminhamentos propostos para a melhoria e reformulação do projeto político-pedagógico do curso.

No que se refere ao Núcleo Docente Estruturante (NDE), ele deverá, essencialmente contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso, **zelar pela integração curricular interdisciplinar**, indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas das necessidades da graduação, das exigências e possibilidades do mundo do trabalho e sintonizadas com as políticas públicas pertinentes às áreas de conhecimentos envolvidas no curso.

O NDE será formada por 5 (cinco) professores, no mínimo 3 devem ser Mestres ou Doutores e 1 em regime de tempo integral. O Coordenador do Curso é membro nato do NDE. O NDE deverá ser constituído por indicação do Colegiado do Curso adotando como critérios orientadores da escolha dos professores, a liderança na produção de conhecimentos na área e o desenvolvimento de projetos relevantes para o desenvolvimento do curso, dentre outros critérios que o Colegiado do Curso julgar pertinentes.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

12 EMENTÁRIO E REFERÊNCIAS

LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Ementa: Concepção de linguagem e ensino. Produção de textos informativos e argumentativos: fichamentos, resumos, resenhas. Produção de sentidos do texto. Variação linguística. Língua falada e escrita

Referência Básica

VAL, Maria da Graça Costa. Redação e textualidade. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
MARCUSCHI, Luiz Antonio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001
MEDEIROS, João Bosco. Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 7ed. São Paulo: Atlas,2005
TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
FARACO, C. A.; TEZZA, C. Prática de Texto: língua portuguesa para nossos estudantes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

Referência Complementar

KOCH, I. G. V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.
GERALDI, João Wanderley. (Org). O texto na sala de aula: leitura e produção. São Paulo: Ática, 1997
MANDRICK, D. e FARACO, C. A. Língua portuguesa: prática de redação para estudantes universitários. Petrópolis: Vozes, 1987
BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

TÓPICOS DE ESTUDOS LITERÁRIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Ementa: A constituição da teoria da literatura: breve histórico. Prosa e Poesia. Os gêneros literários: épico, lírico e dramático. Estilo individual, estilo de época. Formação da literatura no Brasil. Panorama das escolas literárias.

Referência Básica

AGUIARe SILVA, Victor Manuel. Teoria da Literatura. Coimbra: Almedina, 1991.
AMORA, Antonio Soares. Introdução à teoria da literatura. São Paulo: Cultrix, 1998.
MOISÉS, Massaud. A criação literária: poesia. 18ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 1999.
PROENÇA FILHO, Domício. Estilos de época na literatura. 15ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

Referência Complementar

SAMUEL. Rogel. Novo Manual de teoria literária. 5ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.
SOARES, Angélica. Gêneros literários. 7.ed. São Paulo: Ática, 2007.
SOUZA, Roberto Acízelo de. Iniciação aos Estudos Literários. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. Teoria da literatura. 10. ed. São Paulo: Ática, 2007.
TAVARES, Hênio. Teoria Literária. 7ªed. Belo Horizonte: Bernardo Alvares S/A . 1981.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. São Paulo: Perspectiva, 2006.
WELLEK, René. Teoria da Literatura. Lisboa: publicações Europa América.
ARISTÓTELES. Arte retórica e arte poética. Rio de Janeiro, Ediouro, 1998.BARTHES, Roland et al. Analise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1976.
MARIA, Luzia de. O que é conto. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TÓPICOS DE LINGUÍSTICA: ESTUDO DO TEXTO E DO DISCURSO

Ementa: Linguagem, língua, linguística: uma introdução aos estudos linguísticos. Texto, gênero e discurso. Texto e textualidade. Os estudos de gênero hoje. Os gêneros na sala de aula : parâmetros para o ensino. Noções sobreanálise do discurso.

Referência Básica

MUSSALIM & BENTES (org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras (Vol. I). São Paulo:
Cortez, 2007
_____. Introdução à linguística: domínios e fronteiras (Vol.II). São Paulo: Cortez, 2006.
_____. Introdução à linguística: domínios e fronteiras (Vol.III). São Paulo: Cortez, 2005.
SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
BAKHTIN, Mikail. Estética da criação verbal, São Paulo: Martins. Fontes, 2003

Referência Complementar

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Linguística do Texto: o que é, como se faz. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.
_____. Cognição, linguagem e práticas interacionais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007
TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
VAL, Maria da Graça Costa. Redação e textualidade. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

ESTRUTURA MORFOSSINTATICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ementa: As unidades do enunciado: classe de palavras e categorias gramaticais. Estrutura do enunciado: a oração e a frase.

Referência Básica

SAUTCHUK, Inez. Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo)sintática. 2ed. Barueri, SP: Manole,2010.
KOCH, Ingedore Villaça; SOUZA e SILVA, Maria Cecília Perez de. Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe. 11ªed. São Paulo: Cortez, 2002.
KOCH, Ingedore Villaça; SOUZA e SILVA, Maria Cecília Perez de. Linguística Aplicada ao Português: Morfologia. 11ªed. São Paulo: Cortez, 2002

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

PERINI, Mário A. Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola, 2010.

Referência Complementar

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, v.1.

ROSA, Maria Carlota. Introdução à morfologia. São Paulo: Contexto, 2000.

VILELA, Mário; KOCH, I. V. Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina, 2001.

MACAMBIRA, José Rebouças. A estrutura morfo-sintática do português. São Paulo: Pioneira, 1997.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho, 2003.

TÓPICOS DE LINGUÍSTICA: VARIAÇÃO E MUDANÇA

Ementa: Formação da Língua Portuguesa. Variação linguística: como e porque abordá-la em sala de aula. Variação linguística nos livros didáticos. A pesquisa sociolinguística. Ensino de gramática e variação linguística. O preconceito linguístico: definições, causas e consequências.

Referência Básica

RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (orgs). Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CÂMARA JR, J. Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2011.

Referência Complementar

CAGLIARI, L. C. Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MUSSALIM & BENTES (org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras (Vol. I). São Paulo: Cortez, 2007

GERALDI, João Wanderley. (Org). O texto na sala de aula: leitura e produção. São Paulo: Ática, 1997

MATTOS E SILVA, R. V. Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina – 7a.edição. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, T. C. Fonética e Fonologia do Português - roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2001

INTERAÇÃO COMUNICATIVA EM LÍNGUA ESPANHOLA I

Ementa: Desenvolvimento da competência comunicativa, entendida como um conjunto de habilidades lingüísticas, discursivas, socioculturais e estratégicas. Desenvolvimento das quatro habilidades lingüísticas – ouvir, falar, ler e escrever – com prioridade para a compreensão auditiva e a expressão oral, por meio de uma tipologia de amostras da língua que incluam textos dialogados e descritivos.

Referência Básica

ALBUQUERQUE, Rosário; LÓPEZ, Elsa. *España canta*. Madrid: Servicio de Difusión del Español del Ministerio de Cultura, 1990.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

GONZÁLEZ, HERMOSO, Alfredo; ROMEO DUEÑAS, Carlos. *Fonética, entonación y ortografia*. Madrid: Edelsa, 2002.
MASIP, Vicente. *Gramática española para brasileiros*: fonologia y ortografia. Barcelona: Difusion, 2002.

Referência Complementar

GELABERT, Maria José et al. *Repertorio de funciones comunicativas del español*: nível umbral. Madrid: SGEL, 2000.
MIQUEL, Lourdes; SANS, Neus. *De dos en dos*: ejercicios interactivos de producción oral – nível básico e intermédio. Barcelona: Difusion, 1997.
PACIOS J., Rosa. *Vocabulario activo e ilustrado del español*. Madrid: SGEL, 1992.
SÁNCHEZ, Aquilino; MARTÍN, Ernesto; MATILLA, J. A. *Gramática práctica de español para extranjeros*. Madrid: SGEL, 1996.
SILES ARTÉS, José. *Historias para conversar*: nível umbral. Madrid: SGEL, 1989.

INTERAÇÃO COMUNICATIVA EM LÍNGUA ESPANHOLA II

Ementa: Desenvolvimento da competência comunicativa, entendida como um conjunto de habilidades lingüísticas, discursivas, socioculturais e estratégicas. Desenvolvimento das quatro habilidades lingüísticas – ouvir, falar, ler e escrever – com prioridade à comparação de tipologias variadas facilitando a compreensão auditiva e a expressão oral e escrita que incluam textos dialogados, hipertextos, bem como mostras dialógicas do texto literário no universo da cinematografia e da música.

Referência Básica

ALBUQUERQUE, Rosário; LÓPEZ, Elsa. *España canta*. Madrid: Servicio de Difusión del Español del Ministerio de Cultura, 1990.
GONZÁLEZ, HERMOSO, Alfredo; ROMEO DUEÑAS, Carlos. *Fonética, entonación y ortografia*. Madrid: Edelsa, 2002.
MASIP, Vicente. *Gente que pronuncia bien 1 y 2*: curso de pronunciación española para brasileños. Barcelona: Difusion, 2001.

Referência Complementar

MELLO, Thiago de; BATH, Sérgio. *Amigos traiçoeiros*: coletânea de falsos amigos e outras peculiaridades da língua espanhola para uso dos brasileiros. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
MIQUEL, Lourdes; SANS, Neus. *Como suena*: materiales para la conprensión auditiva – nível intermedio y avanzado. Barcelona: Difusion, 1997.
PINNILLA, Raquel; ACQUARONI, Rosana. *Bien dicho!* Ejercicios de expresión oral. Madrid: SGEL, 2001.
SILES ARTÉS, José. *Historias para conversar*: nível básico. Madrid: SGEL, 1989.

NOÇÕES DE FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA ESPANHOLA

Ementa: Aspectos fônicos e fonológicos da língua que possam gerar problemas nos processos de compreensão e produção. Estudo da prosódia: acento, entonação e ritmo.

Referência Básica

ALBUQUERQUE, Rosário; LÓPEZ, Elsa. *España canta*. Madrid: Servicio de Difusión del Español del Ministerio de Cultura, 1990.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

MASIP, Vicente. *Gramática española para brasileiros*: fonologia y ortografia. Barcelona: Difusion, 2002.
SILES ARTÉS, J. *Ejercicios prácticos de pronunciación de español*. Madrid: SGEL, 1994.

Referência Complementar
ARNAL, Carmen; RUIZ DE GARIBAY, Araceli. *Escribe en español*. Madrid: SGEL, 1966. (Español por Destreza).
GÓMEZ DE ENTERRÍA, J. *Correspondencia comercial en español*. Madrid: SGEL, 1997.
MELLO, Thiago de; BATH, Sérgio. *Amigos traiçoeiros*: coletânea de falsos amigos e outras peculiaridades da língua espanhola para uso dos brasileiros. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
SILES ARTÉS, José. *Historias para conversar*: nível médio. Madrid: SGEL, 1989.

ESTRUTURA EMORFOSSINTÁTICA DA LÍNGUA ESPANHOLA

Ementa: Estudo comparativo dos sistemas da língua materna e da língua estrangeira, com ênfase em aspectos que possam gerar problemas para o uso adequado da língua, tais como aqueles característicos da interlíngua do aprendiz.

Referência Básica
ALBUQUERQUE, Rosário; LÓPEZ, Elsa. *España canta*. Madrid: Servicio de Difusión del Español del Ministerio de Cultura, 1990.
GONZÁLEZ, HERMOSO, Alfredo; ROMEO DUEÑAS, Carlos. *Fonética, entonación y ortografia*. Madrid: Edelsa, 2002.
MASIP, Vicente. *Gramática española para brasileiros*: fonologia y ortografia. Barcelona: Difusion, 2002.

Referência Complementar
BOSQUE, Ignácio; DEMONTE, Violeta. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, v. 1, 2 y 3.
CASADO VELARDE, Manuel. *Introducción a la gramática del texto del español*. Madrid: Arco Libros, 1995. (Cuadernos de Lengua Española).
GARCÍA SANTOS, J. Felipe. *Español:* curso de perfeccionamiento. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1988. (Español para extranjeros).
KANY, Charles E. *Sintaxishispanoamericana*. Versión de Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1969.

TÓPICOS DE ESTUDOS LITERÁRIOS EM LÍNGUA ESPANHOLA

Ementa: A produção literária espanhola. Autores e obras mais representativas. A natureza do texto literário de língua espanhola. Estudo sócio-histórico e crítico da produção literária. Das Gestas ao modelo Cervantina, considerando os cânones da literatura de expressão espanhola: lírico, épico e dramático.

Referência Básica
ALBUQUERQUE, Rosário; LÓPEZ, Elsa. *España canta*. Madrid: Servicio de Difusión del Español del Ministerio de Cultura, 1990.
GONZÁLEZ, HERMOSO, Alfredo; ROMEO DUEÑAS, Carlos. *Fonética, entonación y ortografia*. Madrid: Edelsa, 2002.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

SILES ARTÉS, J. *Ejercicios prácticos de pronunciación de español*. Madrid: SGEL, 1994.

Referência Complementar

ALBERT, Maria Ángeles; ARDANAZ, Francisco. *Hispanoamérica*: ayer y hoy. Madrid: SGEL, 2000.
CARABELA. *Lengua y cultura en el aula de español como lengua extranjera*. Madrid: SGEL, n. 45, feb. 1999.
KANY, Charles E. *Sintaxis hispanoamericana*. Versión de Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1969.
LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1981.
MALMBERG, Bertil. *La América hispanohablante*: unidad y diferenciación del castellano. Madrid: Istmo, 1974.

INTERAÇÃO COMUNICATIVA EM LÍNGUA INGLESAI

Ementa: Estudo do uso das estruturas básicas em língua inglesa, com vistas à participação social do aprendiz, por meio da abordagem de temáticas e situações relacionadas à identidade e experiências cotidianas. Considera as convenções culturais, assim como as quatro habilidades comunicativas (ouvir, falar, ler e escrever) Utilização de recursos eletrônicos e tecnológicos, enquanto meios para interagir e estudar a línguainglesa, de forma autônoma, bem como otimizar o processo de ensino e aprendizagem da mesma.

Referências Básicas:

ENGLISH LEARNING DICTIONNARY.Co-Building Oxford.
SULIVAN, Michael. Grammar in use. Oxford.
MURPHY, Raymond & ALTMAN, Roann.Grammar in use. London: Cambridge, 1998.

Referências Complementares:

COLLINS COBUILD ENGLISH DICTIONARY. London: Harper Collins Publishers, 1998.
KIMBROUGH, Victoria & FRANKEL, Irene.Gateways 1 (student book and workbook). USA: Oxford University Press, 1998.
LAROY, Clement.Pronunciation. London: Oxford University Press, 1996.
ROACH, Peter. English Phonetics and Phonology.London: Cambridge, 1999 (2 cds).

INTERAÇÃO COMUNICATIVA EM LÍNGUA INGLESAII

Ementa: Estudo do uso das estruturas básicas em língua inglesa, com vistas à participação social do aprendiz, por meio da abordagem de temáticas e situações relacionadas à identidade e experiências cotidianas. Considera as convenções culturais, assim como as quatro habilidades comunicativas (ouvir, falar, ler e escrever). Utilização de recursos eletrônicos e tecnológicos, enquanto meios para interagir e estudar a língua inglesa, de forma autônoma, otimizando o processo de ensino e aprendizagem da mesma. Leitura, análise e compreensão de pequenos textos, relacionados à aprendizagem de uma segunda língua.

Referências Básicas:

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

ENGLISH LEARNING DICTIONNARY.Co-Building Oxford.
SULIVAN, Michael. Grammar in use. Oxford.
MURPHY, Raymond & ALTMAN, Roann.Grammar in use. London: Cambridge, 1998.

Referências Complementares:
COLLINS COBUILD ENGLISH DICTIONARY. London: Harper Collins Publishers, 1998.
KIMBROUGH, Victoria & FRANKEL, Irene.Gateways 1 (student book and workbook). USA: Oxford University Press, 1998.
LAROY, Clement.Pronunciation. London: Oxford University Press, 1996.
ROACH, Peter. English Phonetics and Phonology.London: Cambridge, 1999 (2 cds).

ESTRUTURA MORFOSSINTÁTICA DA LÍNGUA INGLESA

Ementa: Estudo da estrutura morfossintática em língua inglesa em nível básico e intermediário. Estudo de orações e frases em contextos pessoais e profissionais.

Referências Básicas:
ENGLISH LEARNING DICTIONNARY.Co-Building Oxford.
SULIVAN, Michael. Grammar in use. Oxford.
MURPHY, Raymond & ALTMAN, Roann.Grammar in use. London: Cambridge, 1998.

Referências Complementares:
COLLINS COBUILD ENGLISH DICTIONARY. London: Harper Collins Publishers, 1998.
KIMBROUGH, Victoria & FRANKEL, Irene.Gateways 1 (student book and workbook). USA: Oxford University Press, 1998.
LAROY, Clement.Pronunciation. London: Oxford University Press, 1996.
ROACH, Peter. English Phonetics and Phonology.London: Cambridge, 1999 (2 cds).

NOÇÕES DE FONÉTICA E FONOLOGIA PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Ementa: Definições, noções fundamentais, introdução aos estudos fonéticos e fonológicos da língua inglesa. Contribuição da fonética e fonologia para o ensino de Língua Inglesa.

Referências Básicas:
LAROY, Clement. Pronunciation. London: Oxford University Press, 1996.
MURPHY, Raymond & ALTMAN, Roann.Grammar in use. London: Cambridge, 1998.
ROACH, Peter. English Phonetics and Phonology.London: Cambridge, 1999 (2 cds).

Referências Complementares:
COLLINS COBUILD ENGLISH DICTIONARY. London: Harper Collins Publishers, 1998.
KIMBROUGH, Victoria & FRANKEL, Irene.Gateways 1 (student book and workbook). USA: Oxford University Press, 1998.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

TÓPICOS DE ESTUDOS LITERÁRIOS EM LÍNGUA INGLESA

Ementa: Visão panorâmicade literatura inglesa do século XVII até o início do século XX: estudo de textos literários e críticos de drama e poesia na licenciatura de língua inglesa.

Referências Básicas:

BRUMFIT, CJ & CARTER.*Literature and language teaching.*Oxford University Press 2000.
KRAHNKE, K. *Reading together. Reading activities text.*Cambridge. Cambridge University Press, 2001.
MCKAY, SANDRA*. Literature in the ESL classroom.*In BRUMFIT, CJ & CARTER.L*iterature and language teaching.*Oxford university 2000, pp. 191 198.

Referências Complementares:

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. *O livro didático de língua estrangeira e a construção de ilusões.* In CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira.* SP: Pontes, 1995.
DUFF, A & MALEY, A. *Literature. Resource books for teachers*. Oxford University Press, 2003.
LEE, Linda. *Explorations 1*: student book. Oxford University Press, 2000.
LEE, Linda*. Explorations 2:* student book. Oxford University Press, 2001.
LEFFA, Vilson J. *Metodologia do ensino de línguas.* UFRGS. BOHN, H(org). *Tópicos em Línguística Aplicada.* Florianópolis: UFSC, 1988.
MCKAY, SANDRA*. Literature in the ESL classroom.*In BRUMFIT, CJ & CARTER.L*iterature and language teaching.*Oxford university 2000, pp. 191 198.

ARTE, FOLCLORE E CULTURA POPULAR BRASILEIRA

Ementa: Matrizes da produção cultural brasileira: estudo das influencias artísticas indígenas e africanas no Brasil. Produção cultural em diferentes períodos da História: arte no Período Colonial; Missão Artística Francesa; Semana de Arte Moderna; Arte Contemporânea e Pós-moderna. O Folclore e sua relevância para a sociedade ocidental. Arte Maranhense com ênfase em expressões artísticas de São Bernardo.

REFERÊNCIA BÁSICA

AYALA, Marcos, at al. Cultura popular no Brasil. São Paulo: Ática (Princípios), 1987.
ARANTES, A. A. O que é cultura popular. São Paulo: Brasiliense. 1983
COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo: Brasiliense, 1987

REFERENCIA COMPLEMENTAR

ARNHEIN, Rudolf. Arte e percepção visual. São Paulo. Edusp, 1980.
AMARAL, José Luís do. Artes Plásticas: significado e contexto. Porto Alegre. Thê! Artes gráficas Ltda, 1997
BOSI, A. Reflexões sobre arte. São Paulo: Ática, 1985
OSTROWER, Fayga Perla. Universo da arte. 9. ed. Rio de Janeiro: Campos, 1996
SOUSA, Edgar Rodrigues. Praticando a arte: desenho e pintura – Noções Básicas de desenho artístico. São Paulo: Moderna, 1997.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

HISTÓRIA DA ARTE

Ementa: Conceitos básicos fundamentais para a compreensão do fenômeno artístico (desenho, pintura, escultura e arquitetura) em diferentes contextos históricos: da Pré-História a Arte Pós-Moderna.

Referência Básica

GOMBRICH, Ernst Hans. A História da Arte. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1995.
HAUSER, ARNOLD. História Social da Arte e da Literatura. Editora: Martins Fontes.
JANSON, H. W. e Janson. A. F. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes(1996).

Referência Complementar

ARNHEIM, RUDOLF. Arte e Percepção Visual: uma psicologia da Visão Criadora. Editora: Thomson Learning
FICHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Ed Guanabara, Rio de Janeiro, 1970.
HAUSER, Arnold. Maneirismo. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1993.
OSTROWER, Fayga. Universo da arte. 9. ed. Rio de Janeiro: Campos, 1996
PANOFSKI, Erwin. Renascimento e renascimento na arte ocidental. Ed. Presenç, Lisboa, 1981

ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL

Ementa: Sintaxe e percepção visual (leitura e releitura de imagens): estudo e aplicação dos elementos básicos da linguagem visual em diferentes períodos históricos. Modos de articulação formal dos elementos da linguagem visual (técnicas, materiais e procedimentos) na criação de uma composição bidimensional e tridimensional.

Referência Básica

DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.
PEDROSA, Israel. Da cor à cor inexistente. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. Léo Christiano; EDUFF, 2002.

Referência Complementar

ABRAHAM, Moles.O cartaz. São Paulo: Perspectiv, 1974
FARINA, Modesto. Psicodinâmica das cores em comunicação. São Paulo: Ed. Do SENAC, s/d
FORTES, Raimunda (Org.). Leitura visual: uma experiência interdisciplinar no estudo das artes plásticas. São Luís, 2001.
MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Temas e técnicas em artes plásticas. São Paulo: Ed. ECE, 1979.
RIBEIRO, Milton. Planejamento Visual Gráfico. Brasília: Linha Gráfica e editora, 1983

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

OFICINA DE ARTES VISUAIS I

Ementa: Estudo e aplicação dos elementos da linguagem visual em desenho, pintura e escultura.

Referência básica

JANSON, H. W., JANSON, Anthony F. Iniciação à história da arte. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
JANSON, A. F. *A Nova História da Arte de Janson: a tradição ocidental*. Trad. Marta Daniel Dias. São Paulo: Martins Fontes 2010.
PENA, Maura. É este o ensino de arte que queremos? João Pessoa: UFPb, 2001.

Referência Complementar

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Temas e técnicas em artes plásticas. São Paulo: Ed. ECE, 1979.
OSTROWER, Fayga. Universo da arte. 9. ed. Rio de Janeiro: Campos, 1996.
SICHEL, Edith. O Renasimento. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1972.
TAPIÉ, Victor L. Barroco e Classicismo. Ed Presença, Lisboa, 1983.
UPJOHN, Edward; M. WINGERT,Paul S; MAHLER,Jane G. História Mundial da Arte Vol III – O Renascimento. Ed Bertrand, Lisboa, 1973

OFICINA DE ARTES VISUAIS II

Ementa: Transições tecnológicas: do analógico ao digital. Estudo e utilização das novas mídias no processo de criação artística.

Referência Básica

BRASIL. Marcus Ramúsyo de Almeida (org). A imagem na idade mídia: mediações na imagem e o popular contemporâneo. São Luís: EDUFMA, 2010.
DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: UNESP, 2003
PEREIRA,Oscar. Recursos audiovisuais para o ensino. São Paulo. Ed. EPU/MEC, s/d

Referência Complementar

AGEL, Henry. Estética do Cinema. São Paulo, Cultrix, 1986.
ALMEIDA, Milton José de. Imagens e sons: a nova cultura oral. 3. Ed. – São Paulo, Cortez, 2004
JANSON, A. F. *A Nova História da Arte de Janson: a tradição ocidental*. Trad. Marta Daniel Dias. São Paulo: Martins Fontes 2010.
PENA, Maura. É este o ensino de arte que queremos? João Pessoa: UFPb, 2001.
PENA, Maura. É este o ensino de arte que queremos? João Pessoa: UFPb, 2001.
WOLFFLIN, Heinrich, Conceitos Fundamentais da História da Arte. Ed Martins Fontes, São Paulo, 1983.

APRECIAÇÃO MUSICAL

Ementa: Ouvir e apreciar criticamente as obras escolhidas entre o repertório ocidental levando-se em consideração aspectos composicionais, históricos e sociais das obras abordadas. Apreciação Musical como meio pedagógico, função,

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

aplicabilidade e inter-relações com os demais contextos da musicalização. Introdução aos parâmetros do som aplicados ao cotidiano e a escuta musical.

Referência Básica:

ANTUNES, Jorge. Notação na música contemporânea. Brasília: Sistrum, 1989, 182 p.
BARRAUD, Henry. Para compreender as músicas de hoje. São Paulo: Perspectiva, 1975, 165 p.
GEIRINGER, Carl. Johann Sebastin Bach. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991
GROUT, Donald Jay; PALISCA, Claude V. A history of western music. 4th. ed. New York; London: W. W. Norton, c l988. 910p.
KATER, Carlos. Musica Viva e H. J. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade. São Paulo: Musa Editora: Atraves, 2001.
KIEFFER, Bruno. História e significado das formas musicais. Porto Alegre: Editora Movimento, 1981
THE NEW GROVE DICTIONARY OF MUSIC AND MUSICIANS. London: Macmillan,20v.,1980.
WISNIK, José Miguel. O som e o sentido. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989.

Referência complementar

KOELLREUTTER, H. J. Apontamentos de aula de análise musical. Rio de Janeiro: Seminários de Música Pró-Arte, 1979/80.
___ Terminologia de uma nova estética da música. Porto Alegre: Movimento, 1990, 138 p.
___Harmonia Funcional - Introdução à teoria das funções harmônicas. São Paulo: Ricordi Brasileria S. A., 1978
LESTER, Joel. Analiytic Aproaches to Twentieth-CenturyMusic. New York, London: W. W. Nortom & Company, 1989.
MAGNANI, Sergio. Expressão e Comunicaçào na linguagem da música. BH: Editora UFMG,1989
MENEZES, Flô. Música Eletroacústica: histórias e estéticas. São Paulo: EDUSP, 1996
SCHOENBERG, Arnold. Fundamentos da Composição. Tradução: Eduardo Seincman. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
TACUCHIAN, Ricardo. “O pós-moderno e a música”. In: Em Pauta, ano IV, n. 5, Porto Alegre: UFRGS, jun. 1992, p. 24-31.
WEBERN, Anton. O caminho para a música nova. Tradução: Carlos Kater. São Paulo: Editora Novas Metas,1984.
ZAMACOIS, Joaquín. Curso de lasformas musicales. 9.ed. Barcelona: Labor, 1993.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

LABORATORIO DE CRIAÇÃO MUSICAL

Ementa: Atividades de criação musical; análise auditiva de peças do repertório e improvisação livre e arranjo.

.

Referência Básica

GAINZA, Violeta Hemsy de. La Improvisación Musical. Buenos Aires: Ed. Ricordi, 1983.

SHAFER, R Murray, O ouvido pensante; tradução deMarisa Trench de Oliveira Fonterrada, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
SHAFER, R Murray, Educação sonora: 100 exercícios de escuta e criação se sons; Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.
SCHAFER, Murray. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2003.
WISNIK, José Miguel. O som e o sentido. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989.

Referência Complementar

ANTUNES, Jorge. Notação na música contemporânea. Brasília: Sistrum, 1989.
SCHOENBERG, Arnold. Fundamentos da Composição. Tradução: Eduardo Seincman. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
CERQUEIRA, Fernando. Musicalidade & Poesia: anseio e recusa do sentido. Salvador: Quarteto, 2006.G

HISTORIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Ementa: Fundamentos históricos, sociais e artísticos da música popular brasileira de 1500 até os dias de hoje. Exposição de ritmos e elementos constituintes da moderna música popular brasileira, como a modinha, o lundu, a polca, o choro esamba. Movimentos da música em relação com a história social e política do Brasil colonial, imperial e republicano.

Referência Básica

SEVERIANO, Jairo & MELLO, Zuza Homem de. A canção no Tempo. 85 anos de música
brasileira Vol. 1: 1901-1957. São Paulo: Editora 34, 1997.
SEVERIANO, Jairo & MELLO, Zuza Homem de. A canção no Tempo. 85 anos de música
brasileira Vol. 2: 1958-1985. São Paulo: Editora 34, 1997.
TINHORÃO, José Ramos. Historia Social da Música Popular Brasileira. São Paulo: Ed. 34, 1998.
TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, F.T. (Organizadores). Ao encontro da palavra cantada. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001.
ANDRADE, Mário de. Ensaio sobre a música brasileira. São Paulo, Martins, 1965.
_____. Aspectos da música brasileira. São Paulo, Martins, 1965.

Referência Complementar

ANDRADE, Oswald de. Manifesto da poesia pau-brasil. In Oswald de Andrade - obras
completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
_____, Oswald de. Manifesto Antropófago. In Oswald de Andrade - obras
completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972
BORGES, Márcio. Os sonhos não envelhecem: histórias do clube da esquina. São Paulo:
Geração Editorial, 1996.
CALADO, Carlos. Tropicália: A história de uma revolução musical. São Paulo: Editora 34,

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

1997.
CAMPOS, Augusto de. Balanço da bossa e outras bossas. São Paulo: Perspectiva, 1974.
CASTRO, Ruy. Chega de saudade: a história e as histórias da bossa nova, Rio de Janeiro:
DUARTE, Paulo Sérgio & NAVES, Santuza Cambraia, (organizadores) Do Samba-canção
à Tropicália. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: FAPERJ, 2003.
WISNIK, José Miguel, O Coro dos Contrários. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1983.
BAHIANA, Ana Maria. Nada será como antes - MPB nos anos 70. Rio de janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
BARBOSA, Valdinha & DEVOS, Anne Marie. Radamés Gnatalli: o eterno experimentador.
Rio de Janeiro: FUNARTE, 1984.
CABRAL, Sérgio, 1978. Antônio Carlos Jobim, uma Biografia, Rio de Janeiro, Lumiar Editora, 1997.
_____, Pixinguinha, vida e obra. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1997.
_____ , No Tempo de Almirante. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.
_____ , No tempo de Ari Barroso. Rio de Janeiro, Lumiar, s.d.
FAVARETTO, Celso F. Tropicália: Alegoria, Alegria. São Paulo: Kairós Livraria e Editora
1979.
MAXIMO, João & DIDIER, Carlos. Noel Rosa: uma biografia. Brasília: Unb / Linha Gráfica,
1990.
MOTTA, Nelson. Noites Tropicais: solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro:
Editora Objetiva, 2000.
WISNIK, José Miguel, Getúlio da Paixão Cearense (Villa-Lobos e o Estado Novo). in O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.
_____, A Gaia Ciência – Literatura e música popular no Brasil. In MATOS, C. N;
_____ , "Algumas questões de música e política no Brasil". Em Bosi, Alfredo (org.):
Cultura Brasileira, temas e situações. 2a.ed. São Paulo: Ática, 1992.pp. 114 - 23

HISTÓRIA DA MÚSICA I

Ementa: A historiografia da música do ocidente e de tradição européia e suas influências no Brasil: períodos e estilos. Aspectos da música popular brasileira de tradição oral. Elementos constitutivos da linguagem musical em diferentes períodos da história : escalas, temperamentos, modos, tonalidade, serialismo, elementos da retórica, esquemas formais.

.

Referência Básica

ADORNO, Théodor. Quasi una fantasia. Paris, Gallimard, 1982. / Filosofia da nova música. São Paulo, Perspectiva, 1974.
ANDRADE, Mário de. Ensaio sobre a música brasileira. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

BOULEZ, Pierre. Apontamentos de aprendiz, São Paulo, Perspectiva, 1995. A música hoje. S. P. Perspectiva, 1986.
GROUT, D./ PALISCA, Claude : História de la Música Occidental. Mexico, Alianza Música, 1993.
HARNONCOURT, Nicolaus: O Discurso dos sons: caminhos para uma nova compreensão musical. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.
ROSEN, Charles. The Classical Style: Haydn, Mozart. London, Faber, 1976 e / Sonata Forms. New York, Norton, 1980.

Referência Complementar

CANDÉ, Roland de: Historia universal da música: Vol 1,Tradução Eduardo Brandão. 2ª ed -São Paulo: Martins Fontes, 2001.
FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. De trama e fios: um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Ed Unesp. 2003.
KATER Carlos. Música Viva e H.J.Koellreutter: movimentos em direção à modernidade. São Paulo: Atravez/Musa, 2001a.
MAGNANI, Sérgio. Expressão e Comunicação na Linguagem da Música. Belo Horizonte: UFMG, 1989.
MARIZ, Vasco. História da Música no Brasil. 5. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
SALZMAN, Eric. Introdução à Música do Século XX. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
WISNICK, José Miguel. O som e o sentido. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

TÉCNICA VOCAL

Ementa: Anatomia e fisiologia do aparelho fonador. Mecanismo da respiração. Exercícios respiratórios práticos. Voz falada e voz cantada. VozExpressão vocal. Impostação vocal. Exercícios práticos.

Referência Básica

CANOGIA, M. B. Manual de Terapia da Palavra, Anatomia, Fisiologia, Semiologia e o Estudo da Articulação e dos Fonemas. São Paulo: Livraria Atheneu , 1981.
COELHO, H.S.N.W. Técnica Vocal para Coros. São Leopold: Sinodal, 1994
LEHMANN, L. Aprenda a Cantar. São Paulo: Editora Tecnoprint, 1984
MANSION, M. El Estudo del Canto. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1981
TABITH, J. Foniatria. 2a.ed. São Paulo, Cortês Editora Autores Associados, 1981
COELHO, H. S. N. W. Técnica Vocal para Coros, São Leopoldo, Ed. Sinodal, 1994
DINVILLE, C. A . Técnica da Voz Cantada, RJ, Enelivros Editora e Livraria Ltda., 1989
MARCHESI, M. Exercícios Op.1 - Hohe Ausgabe. Berlin: Ries & Erler, s.d.
HERBERT, Caesari. 50 Vocalizes, Ricordi, 1995

ReferênciaComplementar

VACCAJ, N. Metodo Pratico di Canto - Soprano o Tenor - Contralto o Basso, Ricordi, 1994
CONCONE. Thirty Dayly Exercises - op. 11 (for low voice) ,USA, Schirmer,Inc, 1962.
MARCHESI, M. 24 Vocalises - für Sopran und Mezzosopran - Op. 2 Berlin, Ries & Erler. s.d.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

FOLCLORE MUSICAL: RITMOS POPULARES MARANHENSES

Ementa: Estudo dos gêneros e formas de expressão da música folclórica, focalizando a instrumentação, seqüências rítmicas, melódicas, harmônicas e as possibilidades pedagógicas do folclore como elemento musicalizador, enfatizando as manifestações folclóricas típicas do estado do Maranhão: Bumba Meu Boi,Tambor de Crioula, Cacuriá.

Referência Básica

ALMEIDA, Renato (1976). Folclore. Cadernos de Folclore N□ 3. MEC/Funarte: Riode Janeiro.
ANDRADE, Mario de (1959). Danças Dramáticas do Brasil. Vol. 1, 2, 3. Livraria Martins Editora: São Paulo.
_____. (1989). Dicionário Musical Brasileiro. Editora Itatiaia: Belo Horizonte.
ARANTES, A. A. (1990). O Que e Cultura Popular. Editora Brasiliense: São Paulo.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARRUDA, Yolanda. (1960). Cantos Infantis. Irmãos Vitale Editora: São Paulo.
AZEVEDO, Luis H. Correa (1943). A Escola Nacional de Musica e as Pesquisas de Folclore Musical no Brasil (introdução). Publicações do Centro de Pesquisas Folclóricas N□ 1, Escola Nacional de Musica, Universidade do Brasil: Rio de Janeiro.
BOHLMAN, Philip (1988). The Study of Folk Music in the Modern World. Indiana University Press: Indiana. 159p.
BRANDAO, Carlos R. (1993). O que é Folclore. Editora Brasiliense: São Paulo.
CASCUDO, Luis Da Câmara (1980). Dicionário do Folclore Brasileiro. Melhoramentos: São Paulo.

Referência Complementar

CARVALHO, Alysson et al. (org.) (2005). Brincar(es). Editora UFMG: Belo Horizonte.
FRADE, Cascia (1997). Folclore. Global Editora e Distribuidora. 69 p.
MARTINS, Saul. (1991). Folclore em Minas Gerais. Editora UFMG: Belo Horizonte.
Musica na Escola Primaria – Programa de Emergência. MEC, 1962.
OLIVEIRA, Alda et alli. (1997). Boi Bonito. Editora P & A: Salvador.
PAZ, Ermelinda (1994). As Estruturas Modais na Musica folclórica Brasileira. Cadernos Didáticos UFRJ - N□ 8. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
RABELO, Vitória. (1997). Jogos Folclóricos. Editora Itatiaia: Belo Horizonte.
_____. (1997b). Jogos de Campo. Editora Itatiaia: Belo Horizonte.
ROCCA, Edgard (1986). Ritmos Brasileiros e Seus Instrumentos de Percussão. Escola Brasileira de Musica, Europa – Empresa e Gráfica Editora: Rio de Janeiro.

METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO

Ementa: Ciência e tipos de conhecimento. Métodos de estudo. Métodos e técnicas de elaboração e apresentação de trabalhos científicos (Projetos, Relatórios e Artigos) de acordo com as normas da ABNT.

Referência

ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução a Metodologia do Trabalho Científico: elaboração de trabalhos de graduação. 5 ed. São Paulo. Atlas, 2001.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TECNICAS. NBR 6022: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
_____. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração: Rio de Janeiro, 2002.
_____. NBR 6024: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2003.
_____. NBR 6027: sumário. Rio de Janeiro, 2003.
_____. NBR 6028: informação; resumos; apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
_____. NBR 10520: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.
_____. NBR 10522: abreviação na descrição bibliográfica. Rio de Janeiro, 2002.
_____. NBR 14724: informação e documentação; trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
AZEVEDO, Israel Belo de. O prazer da produção científica: descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos. 11. Ed. Ver. Atual. São Paulo: Hagnos, 2004. 205 p.
BASTOS, Cleverson Leite. KELLER, Vicente; MARTIN, Irineu: LENGRAND, Paul. Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 104 p.
BORGES, Jorge Luis. O livro. Humanidades, Brasília: Universidade de Brasília, V. 1, p.15, out./dez. 1982.
CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia Cientifica: para uso dos estudantes universitários. 3 ed. São Paulo: MCCRAW-HILL do Brasil, 1983.
CRUZ, Ana Maria, da Costa; PEROTA, Maria Luiza Rocha; MENDES, Maria Tereza Reis. Elaboração de Referências (NBR 6023/2002). 2 ed. Rio de Janeiro: Interciências; Niterói: Intertexto. 2002, 89 p.
CRUZ, Ana Maria, da Costa; PEROTA, Maria Luiza Rocha; MENDES, Maria Tereza Reis. Trabalhos acadêmicos, dissertações e teses: estrutura e apresentação (NBR 14724/2002). 2 ed. Rio de Janeiro: Intericiências; Niterói: Intertexto. 2004, 134 p.
DMITRUK, Hilda Beatriz (Org.). Cadernos Metodológicos: diretrizes do trabalho científico. 6 ed. Ver. ampl. e atual. Chapecó: Argos, 2004.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 3 ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2004.
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.
MARTINS, Gilberto de Andrade. Manual para elaboração de monografias e dissertações. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

EM PROCESSO DE ADEQUAÇÃO ÀS NORMAS DA LÍNGUA

NÚCLEO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Ementa: Aborda-se a Psicologia e sua relação com a educação. Introdução a Psicologia educacional, principais teorias da psicologia da aprendizagem e as abordagens da psicologia do desenvolvimento humano e psicanálise. Análise de situações-problemas de ensino aprendizagem com base no suporte teórico da psicologia

Referências Básicas

PILETTI, Nelson. Psicologia da aprendizagem: teoria do condicionamento ao construtivismo. São Paulo: Contexto, 2011.
BOCK, Ana M. Bahia et al. Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo, Saraiva,1995.
DAVIS, Claudia. OLIVEIRA, Zilma. Psicologia na Educação. São Paulo: Cortez, 1990.

Referências Complementares

BIAGGIO, Ângela M. Brasil. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: HARBRA, 1988.
CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia do desenvolvimento humano. Petrópolis: Vozes, 1997.
CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da Aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1998.
CARRARA, Kester (org.). Introdução à Psicologia da Educação: Seis Abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.
GALVÃO, Izabel. Wallon, Henry: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1998.
GOULART, Íris Barbosa. Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1994.

FUNDAMENTOS HISTÓRICOS EFILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

Ementa:Aborda-se a compreensão da educação como fenômeno político, histórico, social e cultural. A construção histórica da modernidade escolar, mudanças e permanências da prática educativa. Inter-relações entre elementos da História da Educação do Brasil e História da Educação do Maranhão e as relações etnico-raciais.

Referências Básicas

CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.
GHIRALDELLI Junior, Paulo. História da educação brasileira. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
GADOTTI, Moacyr. História das Idéias Pedagógicas. São Paulo: Ática, 1997.CABRAL, Maria do Socorro Coelho. Política e educação no Maranhão 1834-1889. São Luís, SIOGE, 1984.
SUCHODOLSKI, Bogdan. A Pedagogia e as grandes correntes filosóficas. Lisboa, livros horizonte, 1978.
CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995..

Referência complementar

LOWY, Michael. Ideologia e ciências sociais. São Paulo: Cortez, 1996.
JANOTTI, Maria de Lourdes. Fontes históricas como fonte. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2006.
MANACORDA, Mario Alighieri. História da Educação da Antiguidade aos Nossos Dias. 8º Edição. São Paulo: Cortez, 1989.
ROSA, Maria da Glória. História da Educação através dos textos. São Paulo: Editora Pensamentos, 2010.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos (orgs). Historias e memórias da educação no Brasil. Vol.3. Editora Vozes:São Paulo, 2009.

FUNDAMENTOSSOCIOLOGICOS DA EDUCAÇÃO

Ementa: Estudo das relações estado, sociedade e educação, com base nas teorias sociológicas clássicas e contemporâneas. Análise da relação entre sociedade e educação no Brasil com ênfase no contexto dinâmico e complexo no qual as práticas educativas estão inseridas.

Referênciabásica

RODRIGUES, ALBERTO TOSI. Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 6. Ed, 2011.
GIDDENS, A. 1989. Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Weber. Lisboa: Presença.
FREITAG, Barbara. A Teoria Crítica: ontem e hoje. 2ª edição, São Paulo, 1988

Referência Complementar

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 3ª.edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000
COMTE, A. 1973. Discurso sobre o espírito positivo. São Paulo: Abril Cultural. Coleção “Os pensadores”
DURKHEIM, E. 1995. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes.
SUCHODOLSKI, Bogdan. Teoria Marxista da Educação. Vol. I, II e III, Lisboa, Estampa,
WEBER. Ação Social e relação social. In: FORACCHI, M.M., MARTINS, J. de S. (org.) 1997. sociologia e sociedade. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora.

DIDÁTICA

Ementa: A didática e seu campo de ação, suas concepções e abordagens. Reflexões sobre a realidade educacional. A didática e a formação do professor da Educação Básica. A relação ensino-aprendizagem e seus elementos constitutivos. A organização do processo didático-pedagógico: planejamento didático, planejamento interdisciplinar, aula como forma de organização do ensino.

Referência Básica

CANDAU, Vera Maria. *A didática em questão.* 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
FAZENDA, I. (Org). *Didática e interdisciplinaridade.* Campinas, SP: Papirus. 1998.
HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora.* Porto Alegre: Ed. Realidade, 1993.
PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar.* Porto Alegre: Artmed, 2000.

Referência complementar

SEBARROJA, Jaume Carbonelll et al. (Org). *Pedagogias do Século XX.* Tradução:Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003.
FREITAS, Luis Carlos. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.* São Paulo: Papirus, 1995.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

VEIGA, Ilma Passos. *A prática pedagógica do professor de didática.* Campinas, SP: Papirus, 1989.
ZABALA, Antoni. *Enfoque globalizador e pensamento complexo.* Porto Alegre: ARTMED, 2002.
ZABALA, Antoni. *A prática educativa:* como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998

POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Ementa: Retrospectiva político-educacional brasileira. Desafios atuais para a Educação brasileira. Estudo e análise do sistema educacional brasileiro nos seus diversos níveis e modalidades, considerando os aspectos administrativos, didáticos e financeiros.

Referência Básica

DEMO, Pedro. A nova LDB: ranços e avanços. São Paulo: Papirus, 1997.
GENTILI, P.; SILVA, Tomás T. Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas. Petrópolis: Vozes, 1995.
SAVIANI, D. A Nova Lei da Educação – LDB: Trajetória, Limites e Perspectivas. São Paulo: Autores Associados, 1997.
BRZESZINSKI, Iria. (Org.). LDB Dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares. São Paulo: Cortez, 2008.

Referência Complementar

BRASIL. 1995. Proposta de Emenda à Constituição nº 233-A, de 1995, do Poder Executivo, Mensagem nº 1.078. Modifica o artigo 34 e o Capítulo II, Seção I, da Constituição Federal e o artigo 60 do Ato das Disposições Transitórias; tendo parecer da Comissão de Constituição e Justiça e Redação. Câmara dos Deputados. Brasília, 1995.
_____. 1996. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da
Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília, nº 248, 23/12/1996.
_____. 1999. Decretono 3.276, de 6 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências. Online, http://www.brasil.gov.br, 13/12/1999.
_____. 2000a. Parecer sobre o Substitutivo ao Projeto de Lei nº 4.173, de 1998 (apenso o Projeto de Lei nº 4.155/1998), que aprova o Plano Nacional de Educação. Redação final na Comissão de Educação, Cultura e Desporto, aprovado em 15/12/1999. Online, http://www.camara.gov.br, 03/02/2000.
_____. 2000b. Projeto de Lei nº 4.155, de 1998. Aprovao Plano Nacional de Educação. Online, http://www.camara.gov.br, 03/02/2000.
BRASIL. MEC. 1993. Plano decenal de educação para todos. Brasília: MEC.
_____. 1995. Parâmetros Curriculares Nacionais– Documento Introdutório. Versão Preliminar. Brasília: MEC/SEF, novembro.
_____. 1997a. Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª séries). Brasília: MEC/SEF, 10 volumes.
_____. 1997b. MEC propõe mudança profunda na pedagogia brasileira. In:Jornal do MEC. Brasília: MEC, julho de 1997, p. 3.
_____. 1998. Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

FUNDAMENTOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Ementa: Políticas de educação para surdos. Conhecimentos introdutórios sobre LIBRAS. Aspectos diferenciais entre a LIBRASe a língua oral.

Referencia Básica

Capovilla, Fernando C. & Raphael, Walkiria D. Dicionário: Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS. Vol. I e II. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
Stainback, S. e Stainback, W. Inclusão – um guia para educadores, Porto Alegre: Artmed, 1999.
Thoma, Adriana da S. & Lopes, Maura C. (org.). A invenção da Surdez – cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. 2ª Ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. Sá, Nídia R. Limeira de. Cultura, Poder e Educação de Surdos. São Paulo: Paulinas, 2006.
Brasil. MEC. Saberes e Práticas da inclusão – Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos. SEEP/Brasília/DF, 2005.

Referência Complementar

Mantoan, M. T. Égler. A integração de Pessoas com Deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon: Editora SENAC, 1997.
Feltrin, Antônio E. Inclusão Social na Escola – Quando a pedagogia se encontra com a diferença. São Paulo: Paulinas, 2004.
Skliar, Carlos (org.). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. 3ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.
Revista: Ciranda da Inclusão – A revista do Educador

TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Ementa: Políticas públicas para Informática Educativa. Classificação/Uso de softwares educacionais. A Internet como tecnologia para construção de conhecimentos. Aspectos técnicos necessários ao professor no desempenho das TICs, com ênfase em questões pedagógicas no processo ensino/aprendizagem. Redes sociais na Internet. Escrita colaborativa.

Referência Básica

COX, KeniaKodel. **Informática na Educação Escolar**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
LEITE, Ligia Silva (coord.) **Tecnologia Educacional**: descubra suas possibilidades na sala de aula. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na Educação**: novas ferramentas para o professor na atualidade. 7. ed. São Paulo: Érica, 2010.

Referência Complementar

LOPES, José Junio. **A introdução da informática no ambiente escolar**. Disponível em: <http://www.clubedoprofessor.com.br/artigos/artigojunio.pdf>.
MORAN, José Manuel. **Mudar a forma de aprender e ensinar com a internet**. In: Salto para o futuro: TV e informática na educação. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, 1998. 112 p. Série de Estudos Educação a Distância.
REVISTA NOVA ESCOLA. **Computador na Educação**: modo de usar. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/pdf/especial-computador-internet.pdf>. Acesso

em: fev/2013.
VALENTE, José Armando. **Análise dos diferentes tipos de software usados na educação**. In: Salto para o futuro: TV e informática na educação. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, 1998. 112 p. Série de Estudos Educação a Distância.

METODOLOGIA DAPESQUISA EM EDUCAÇÃO

Ementa: Introdução às questões epistemológicas, teóricas, técnicas da produção científica na educação. Tipos de pesquisa em educação, métodos e coleta de dados. Etapas e organização do processo de produção do conhecimento. Leitura, avaliação e critica de pesquisas. Formulação de projetos de pesquisa.

Referência Básica

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. O desafio da pesquisa social. In.: DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: métodos e criatividade. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010
LUNA,Sérgio V. de . O falso conflito entre tendênciasmetodológicas. In.: FAZENDA, Ivani (org.). Metodologia da pesquisa educacional. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2010.
ANDRÉ, Marli E. D. A. A pesquisa no cotidiano escolar. In.: FAZENDA, Ivani (org.). Metodologia da pesquisa educacional. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1996.

Referência Complementar

FAZENDA, Ivani (org.). Metodologia da pesquisa educacional. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: métodos e criatividade. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010
ANDRÉ, Marli Eliza. Etnografia da prática pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 1995.
MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In.: DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: métodos e criatividade. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LABORATÓRIO DE ENSINO DE LINGUAGENS E CÓDIGOS

Ementa: Gestão de classe e organização do trabalho escolar. Análise e elaboração de projetos interdisciplinares no espaço escolar, planos de ensino e planos de aula. Seleção de metodologias e recursos didáticos no espaço escolar. Análise e elaboração de instrumentos de avaliação. Pesquisa, análise e reflexão sobre a atuação do professor e intervenção no espaço escolar, abordando a relação professor x aluno x objeto do conhecimento.

Referência Básica

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2006.(Cadernos Pedagógicos do
Libertad).
___. Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança - por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 2003.(Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad).

CURRÍCULO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2000.

ReferênciaComplementar
ZABALA, A. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998
BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares. Brasília: MEC/SEF, 1998.
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMT, 1999.
BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares.
Brasília: MEC/SEF, 1998.
PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

METODOLOGIA DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Ementa: Pesquisa, análise e reflexão sobre: teorias e práticas metodológicas das Artes Visuais formal e não formal; educação inclusiva através da arte; identidade docente. Elaboração de propostas de aula para o ensino das Artes Visuais.

Referência Básica:
BARBOSA, Ana Mae. Recorte e Colagem: influências de John Dewey no ensino da arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 1982.
FERRAZ, Maria Heloisa Correia de Toledo; FUSARI, Maria F. de Resende e. Metodologia do ensino de arte. São Paulo: Cortez, 1993.
MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais (I e II ciclos). Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental, 1997.

Referência Complementar
ADLER, Dilercy Aragão. ALFABETIZAÇÃO E POBREZA: a escola comunitária e suas implicações. São Luís: Estação Produções LTDA, 2002.
ARROYO, Miguel G. (Org.) Da escola carente à escola possível. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
BARBOSA, Ana Mae. JOHN DEWEY E O ENSINO DE ARTE NO BRASIL. 5ed. São Paulo: Cortez, 2002.
_____ Arte-Educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2006.
BARROS, DIAS E SILVA. In Encontro de Educadores do Maranhão: pesquisas e experiências (2.:2006:São Luís,MA) – Apresentação; Anais II Encontro de Educadores do Maranhão: pesquisas e experiências novos saberes e práticas: desafios educacionais na contemporaneidade, 20ª 24/11/2006. São Luís: EDUFMA, 2006
BARROS, João de Deus Vieira. ARTE, IMAGINÁRIO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL. In: DEWEY, John. Vida e Educação. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.
FERRAZ, Maria Heloisa Correia de Toledo; FUSARI, Maria F. de Resende e. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

FERRAZ, Maria Heloisa Correia de Toledo; SIQUEIRA, Idméia Semegheni Próspero Machado de. Arte-educação. São Paulo: Loyola, 1987.
GOMES, Icleia Rodrigues de Lima e. A Escola como espaço de prazer. São Paulo: Summus, 2000.
GRAÇA, Marcio. Metodologia & Ensino: religar e projetar. São Paulo: Madras, 2002.
MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais (III e IV ciclos). Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental, 1998.
_____ Arte Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental, 1997.
SOUSA, Antônio Paulino de (Org.) A formação do professor na sociedade informacional. São Luís: EDUFMA, 2004.
SOUZA, Alcídio M. de. Artes plásticas na escola. 6. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1977.
VASCONCELOS, José Gerardo e SOUSA de, Antônio Paulino (Orgs) Educação, Política e Modernidade. Fortaleza, UFC, 2006.

METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

Ementa: Pesquisa, análise e intervenção na realidade escolar, com base na observação da prática pedagógica do professor de língua estrangeira e literatura. Texto e contexto no ensino de língua estrangeira. Abordagem da relação entre leitura e escrita e das manifestações linguísticas, da língua estrangeira, no espaço escolar formal e não formal.

Referência Básica

BOCHNIAK, R. *Questionar o conhecimento*: interdisciplinaridade na escola. São Paulo: Loyola, 1992.
J. Díaz; PEREIRA, *Adair M. Estratégias de ensino-aprendizagem.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
MOITA LOPES, Luiz Paulo da.*Oficina de lingüística aplicada:* a natureza social e educacional dos processos ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

Referência Complementar

ALVES, Nilda; GARCIA, R. Leite (Org.). *O sentido da escola.* Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
VASCONCELOS, Celso dos Santos. *Construção do conhecimento em sala de aula.* São Paulo: Libertad, 1999.
GANDIN, Adriana Beatriz. *Metodologia de Projetos na sala de aula:* relato de uma experiência. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
SAVIANI, Nereide. *Saber escolar, currículo e didática*: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
CORACINI, Mª J. *O jogo discursivo na aula de leitura.* São Paulo: Pontes, 1995.

METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Ementa: Pesquisa, análise e intervenção na realidade escolar, com base na observação da prática pedagógica do professor de língua inglesa e literatura. Texto e contexto no ensino de língua estrangeira. Abordagem da relação entre leitura e escrita e das manifestações linguísticas, da língua estrangeira, no espaço escolar formal e não formal.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Referências Básicas

ALEXANDER, L.G. First things first (teacher's book). London, Longman, 1967.
CHAGAS, R. Valnir. Didática especial de línguas modernas. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957.
EK, J.A. van. *The Threshold Level for modern language learning in schools*. London, Longman, 1976.

Referências Complementares

GATENBY, E.V. Conditions for success in language learning. In ALLEN, Harold B. &CAMPBELL, Russell N.(Orgs.) *Teaching English as a second language:* a book of readings. Bombay, Tata McGraw-Hill, 1972.
LAKOFF, Robin. Transformacional grammar and language teaching.In ALLEN, Harold & CAMPBELL, Russell N. (Orgs.).*Teaching English as a second language*: a book of readings. Bombay, Tata McGraw-Hill, 1972. p.60-80.
MACKEY, William F. *Language teaching analysis*.London, Longman, 1995.

METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ementa: Pesquisa, análise e reflexão sobre o ensino de língua materna no espaço escolar formal e não formal. Abordagem da relação entre leitura e escrita e prática da oralidade em ambientes escolares. Intervenção na realidade escolar por meio de projeto interdisciplinar considerando a prática pedagógica do professor de língua materna.

Referência Básica

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC, 1999.
FARIA, Maria Alice. Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam. São Paulo: Contexto, 1999.
HENRIQUES, Claudi Cezar; PEREIRA, Ma. Teresa Gonçalves. Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos. São Paulo: Contexto, 2002.

Referência Complementar

MARANHÃO. Governo do Estado. Supervisão de Acompanhamento Curricular de Ensino Médio. Referenciais curriculares do ensino médio do estado do Maranhão. São Luís: Gerência de Estado de Desenvolvimento Humano, s.d.
MARANHÃO. Gerência de Desenvolvimento Humano. Proposta curricular: ensino fundamental – 5ª. À 8ª. Série. São Luís, 2000.
BORDENAVE, J. Díaz; PEREIRA, Adair M. Estratégias de ensino-aprendizagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). Sujeito da educação. Petrópolis, RJ: Vozes,
GANDIN, Adriana Beatriz. Metodologia de projetos na sala de aula: relato de uma experiência. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.
JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

METODOLOGIA DO ENSINO DE MÚSICA

Ementa: Pesquisa, análise e reflexão sobre: teorias e práticas metodológicas da Música em instituição formal e não formal; educação inclusiva através da música; identidade docente. Elaboração de propostas de aula para o ensino de Música.

Referencia Básica

BARBOSA, Karla Jaber. Conexões entre o Desenvolvimento Cognitivo e o Musical: estudo comparativo entre apreciação musical direcionada e não direcionada de crianças de sete a dez anos em escolaregular . Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: PPGMUS/UFMG, 2009.
BARBOSA, Karla Jaber; FRANÇA, Maria Cecília Cavalieri. Estudo comparativo entre a apreciação musical direcionada e não direcionada de crianças de sete a dez anos em escola regular . Revista da ABEM, v. 22. Porto Alegre, set - 2009, p. 7 -18.
BEINEKE, Viviane; FREITAS, Sérgio Paulo Ribeiro de. Canção Infantil e Educação Musical: umareflexão sobre a produção de música para crianças In: XVI Encontro Nacional da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina. CampoGrande: UFMS, 2007.

Referência Complementar

CASPURRO, Helena. Audição e Audiação: O contributo epistemológico de Edwin Gordon para ahistória da pedagogia da escuta . Revistada Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM), v. 127. Lisboa /Portugal2007.
CASSINS, Ana Maria. Manual de Psicologia Escolar/Educacional . Curitiba: Ed. Unificado, 2007
FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Breveretrospectiva histórica e desafios do ensino de música

OBSERVAÇÃOETNOGRÁFICA DA REALIDADE ESCOLAR

Ementa: Observação em escolas do ensino fundamental nas séries finais e do ensino médio, assim como análise da comunidade em torno das escolas Estudo, análise e reflexão crítica do projeto pedagógico da escola. Elaboração de relatório de diagnóstico.

Referência Básica

ANDRÉ, M.E.D de Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 1995.
ANDRÉ, Marli E. O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas, Papirus, 2001.

Referência Complementar

BARBIER, R. A pesquisa-ação na instituição educativa, RJ. Zahar, 1985.
ERICKON, Frederick in COX, Maria Inês Pagliarini e PETERSON, Ana Antonio de (org.). Cenas de sala de aula. Campinas. Mercado das Letras, 2001.
EZPELETA, Justa, ROCKWELL. Pesquisa participante, SP: Cortez.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA ABNT

NÚCLEO ESPECÍFICO

VIOLÃO COMPLEMENTAR I

Ementa: Introdução ao instrumento. Desenvolvimentos das habilidades básicas do ato de tocar. Postura, técnica, afinação, formação de acordes, improvisação. Ritmos diversos da musica popular brasileira.

Referência Básica

CARLEVARO, Abel.Escuela de La guitarra*: exposición de la teoria instrumental.* Buenos Aires. Dacisa, 1978.

_____*.* Serie didactica para guitarra*:* cuaderno nº 1, Escalas Diatônicas. Buenos Aires. Barry, 1966.

_____. Série didática para guitarra: cuaderno nº 2, Técnica de La mano Derecha. Buenos Aires. Barry, 1967.

_____. Série didática para guitarra: cuaderno nº 3, Técnica de la Mano Izquierda. Buenos Aires. Barry, 1969.

_____. Série didática para guitarra: cuaderno n º 4, Técnica de la mano Izquierda. (conclusión). Buenos Aires. Barry, 1974..

FERNÁNDEZ, Eduardo. Técnica, Mecanismo e Aprendizaje*:* Una Investigaciónsobre llegar a ser Guitarrista. Ediciones ART. Montevideo, 2000.

SHEARER, Aaron. Learning the Classic Guitar: Part one. Mel Bay Publications, INC. Pacific, MO. 1990.

SHEARER, Aaron,Learning the Classic Guitar: Part two. Mel Bay Publications, INC. Pacific, MO. 1990.

TENNANT, Scott. Punping Nylon: The Classical Guitarrist's Technique Handbook. Baltimore: Alfred Publishing, 1995.

Referência Complementar

DUDEQUE, Norton. História do Violão. Curitiba. Editora da UFPR, 1994.

ULLOA, Mário. Articulação musical e técnica instrumental: sugestões para aprimorar o desempenho instrumental no violão. Ictus, UFBA. Salvador, v.5, 2004.

WOLFF, Daniel. Como digitar uma obra para violão. Violão Intercambio. São Paulo, nº 46. 2001.

WOLFF, Daniel. Aberturas: Dominando as distensões e contrações de mão esquerda. Violão Pro, nº 11. São Paulo, 2007.

VIOLÃO COMPLEMENTAR II

Ementa: Desenvolvimentos das habilidades básicas do ato de tocar. Postura, técnica, afinação, formação de acordes, improvisação. Ritmos diversos da musica popular brasileira.

Referência Básica

CARLEVARO, Abel.Escuela de La guitarra*: exposición de la teoria instrumental.* Buenos Aires. Dacisa, 1978.

_____*.* Serie didactica para guitarra*:* cuaderno nº 1, Escalas Diatônicas. Buenos Aires. Barry, 1966.

_____. Série didática para guitarra: cuaderno nº 2, Técnica de La mano Derecha. Buenos Aires. Barry, 1967.

_____. Série didática para guitarra: cuaderno nº 3, Técnica de la Mano Izquierda. Buenos Aires. Barry, 1969.

_____. Série didática para guitarra: cuaderno n º 4, Técnica de la mano Izquierda.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

(conclusión). Buenos Aires. Barry, 1974..
FERNÁNDEZ, Eduardo. Técnica, Mecanismo e Aprendizaje*:* Una Investigaciónsobre llegar a ser Guitarrista. Ediciones ART. Montevideo, 2000.
SHEARER, Aaron. Learning the Classic Guitar: Part one. Mel Bay Publications, INC. Pacific, MO. 1990.
SHEARER, Aaron,Learning the Classic Guitar: Part two. Mel Bay Publications, INC. Pacific, MO. 1990.
TENNANT, Scott. Punping Nylon: The Classical Guitarrist's Technique Handbook. Baltimore: Alfred Publishing, 1995.
Referência Complementar
DUDEQUE, Norton. História do Violão. Curitiba. Editora da UFPR, 1994.
ULLOA, Mário. Articulação musical e técnica instrumental: sugestões para aprimorar o desempenho instrumental no violão. Ictus, UFBA. Salvador, v.5, 2004.
WOLFF, Daniel. Como digitar uma obra para violão. Violão Intercambio. São Paulo, nº 46. 2001.
WOLFF, Daniel. Aberturas: Dominando as distensões e contrações de mão esquerda. Violão Pro, nº 11. São Paulo, 2007.

PRÁTICA CORAL I

Ementa: Estudo do repertório convencional para coral. Estilos e escolas. Ênfase na prática musical como cantor de coro.

Referência Básica
CANOGIA, M. B. Manual de Terapia da Palavra, Anatomia, Fisiologia, Semiologia e o Estudo da Articulação e dos Fonemas. São Paulo: Livraria Atheneu, 1981.
COELHO, H.S.N.W. Técnica Vocal Para Coros. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
CONCONE. Thirty Dayly Exercises - op. 11 (for low voice). Nova York: Schirmer Inc, 1962.
DINVILLE, C. A Técnica da Voz Cantada. Rio de Janeiro: Enelivros, 1989.
HERBERT, C. 50 Vocalizes. Buenos Aires: Ricordi, 1995.
LEHMANN, L. Aprenda a Cantar. São Paulo: Tecnoprint, 1984.
MANSION, M. El Estudo del Canto. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1981.
MARCHESI, M. 24 Vocalises - für Sopran und Mezzosopran - Op. 2.Berlim: Ries & Erler, s/d.
_____. Exercícios Op.1 - Hohe Ausgabe. Berlim: Ries & Erler, s/d.

Referência Complementar
MATIAS, N. Canto Coral*: um canto apaixonante*. Brasília: Musimed, 1989.
ROBINSON, R; WINDD, A.*The Choral Experience – Literature, materials and Methods*. London: Harper and Row, 1976.
STORTI, C. A. *Introdução à Regência*. Uberlândia: EDUFU, 1987.
TABITH, J. *Foniatria*. São Paulo: Cortês Editora Autores Associados, 1981. 2ª ed
VACCAJ, N. *Metodo Pratico di Canto - Soprano o Tenor - Contralto o Basso*. Buenos Aires: Ricordi, 1994.

FUNDAMENTOS DA REGÊNCIA I

Ementa: Estudo dos períodos e estilos da música voltada a grandes grupos instrumentais. Regência aplicada à interpretação. Técnicas de ensaio.
Referência Básica

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

BENEDICTIS, S. *Curso Teórico Prático de Instrumentação – para orquestra e banda*. São Paulo: Ricordi, 1954.
HENRIQUE, L. *Instrumentos musicais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999
PISTON, W. *Orquestación*. Madri: Real Musical, 1984.
ROBINSON, R; WINDD, A.*The Choral Experience – Literature, materials and Methods*. London: Harper and Row Pub, 1976.
STORTI, C. A. *Introdução à Regência*. Uberlândia: EDUFU, 1987

Referência Complementar
THOMAS, K. *The choral conductors*. New York: Associated Music Publishers, 1971
ULRICH, H.*A survey of coral music*. USA: Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1973.
ZAGONEL, B. *O que é Gesto Musical*. São Paulo:Brasiliense, 1992.
ZANDER, O. *Regência coral*. Porto Alegre: Movimento, 1979.

PERCEPÇÃO MUSICAL I

Ementa: A música como linguagem - Desenvolvimento da capacidade de perceber auditivamente, discernir, comparar e compreender as estruturas musicais, seus significados e relações, por meio da análise, leitura, escrita e criação musical. Introdução à apreciação, criação e improvisação musical baseadas em propostas de música: tonal, modal, atonal, não tonal e música popular de diferentes culturas.

Referência Básica
GRAMANI, Jose Eduardo. Ritmica. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. 204p
LIEBERMAN, Maurice. Ear training and sight singing. New York: Norton, c1959. 326p.il
WISNIK, Jose Miguel. O som e o sentido: uma outra história das músicas. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 283 p. + CD-Rom. ISBN 9788571640429 (broch.).
ANTUNES, Jorge. *Notação na música contemporânea*. Brasília: Sistrum, 1989, 182 p.
BERKOWITZ, Sor; FOUNTRIER, Gabriel; KRAFT, Leo.*A new approach to sight singing*. . ed. New York: W. W. Norton, 1997, 328 p.
BERNARDES, Virginia e CAMPOLINA, Eduardo. *Ouvir para escrever ou compreender para criar (Uma outra concepção de percepção musical).* Belo Horizonte: Autêntica, 2001

Referência Complementar
KOELLREUTTER, Hans Joachin. *Terminologia de uma Nova Estética da Musica.* São Paulo, Ed. Movimento, 1990.
KRAFT, Leo. *A New Approach to Ear Training* - A Programmed Course in Melodic and Harmonic Dictation: W.W. Norton & Company Ltd. United States of America, New York, 1999.

PERCEPÇÃO MUSICAL II

Ementa: A música como linguagem - Desenvolvimento da capacidade de perceber auditivamente, discernir, comparar e compreender as estruturas musicais, seus significados e relações, por meio da análise, leitura, escrita e criação musical.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Apreciação, criação e improvisação musical baseadas em propostas de música: tonal, modal, atonal, não tonal e música popular de diferentes culturas.

Referência Básica

GRAMANI, Jose Eduardo. Ritmica. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. 204p

LIEBERMAN, Maurice. Ear training and sight singing. New York: Norton, c1959. 326p.il

WISNIK, Jose Miguel. O som e o sentido: uma outra história das músicas. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 283 p. + CD-Rom. ISBN 9788571640429 (broch.).

ANTUNES, Jorge. *Notação na música contemporânea*. Brasília: Sistrum, 1989, 182 p.

BERKOWITZ, Sor; FOUNTRIER, Gabriel; KRAFT, Leo.*A new approach to sight singing*. . ed. New York: W. W. Norton, 1997, 328 p.

BERNARDES, Virginia e CAMPOLINA, Eduardo. *Ouvir para escrever ou compreender para criar (Uma outra concepção de percepção musical).* Belo Horizonte: Autêntica, 2001

Referência Complementar

KOELLREUTTER, Hans Joachin. *Terminologia de uma Nova Estética da Musica.* São Paulo, Ed. Movimento, 1990.

KRAFT, Leo. *A New Approach to Ear Training* - A Programmed Course in Melodic and Harmonic Dictation: W.W. Norton & Company Ltd. United States of America, New York, 1999.

OFICINA DE ARRANJO I

Ementa: Introdução às técnicas fundamentais de arranjo para pequenos grupos musicais e instrumento solo. Revisão de harmonia: cifras, condução de linhas de baixo. Análise harmônica e melódica.

Referência Básica

ALMADA, Carlos. *Arranjo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

GUEST, Ian. *Arranjo I, II,III*, Método Prático. Rio de Janeiro: Editora Lumiar. 1996.

Referência Complementar

PISTON, Walter. *Orquestación.* Madrid: Real Musical Editores. 1984.

CASELA, Alfredo e Mortari, Virgilio. *La Tecnica de la Orquestra Contemporanea.*Buenos Aires: Ricordi Americana. 1950.

RIBATE, Jose Franco. *Manual de Instrumentacion de Banda.* Madrid: EditoriaL Musica Moderna. 1943

HISTÓRIA DA MÚSICA II

Ementa: A música nos séculos XX e XXI. Elementos constitutivos da linguagem musical na música contemporânea e suas diferentes vertentes.

Referência Básica

ADORNO, Théodor. *Quasi una fantasia.* Paris, Gallimard, 1982. / *Filosofia da nova música.* São Paulo, Perspectiva, 1974.

ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

BOULEZ, Pierre. *Apontamentos de aprendiz*, São Paulo, Perspectiva, 1995. *A música hoje.* S. P. Perspectiva, 1986.
CANDÉ, Roland de: Historia universal da música: Vol 1,Tradução Eduardo Brandão. 2ª ed -São Paulo: Martins Fontes, 2001.
CANDÉ, Roland de: Historia universal da música: Vol 2,Tradução Eduardo Brandão. 2ª ed -São Paulo: Martins Fontes, 2001.
FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. De trama e fios: um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Ed Unesp. 2003.
GROUT, D./ PALISCA, Claude : *História de la Música Occidental*. Mexico, Alianza Música, 1993.
HARNONCOURT, Nicolaus: O Discurso dos sons: caminhos para uma nova compreensão musical. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.

Referência Complementar

KATER Carlos. *Música Viva e H.J.Koellreutter*: movimentos em direção à modernidade. São Paulo: Atravez/Musa, 2001a.
MAGNANI, Sérgio. *Expressão e Comunicação na Linguagem da Música*. Belo Horizonte: UFMG, 1989.
MARIZ, Vasco. *História da Música no Brasil*. 5. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
ROSEN, Charles. *The Classical Style: Haydn, Mozart*. London, Faber, 1976 e / S*onata Forms.*New York, Norton, 1980.
SALZMAN, Eric. *Introdução à Música do Século XX*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
WISNICK, José Miguel. *O som e o sentido*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

DIDÁTICA DO INSTRUMENTO: VIOLÃO

Ementa: Conhecimento acerca das principais metodologias do ensino do violão.

Referência Básica

CARLEVARO, Abel.Escuela de La guitarra*: exposición de la teoria instrumental.* Buenos Aires. Dacisa, 1978.
_____*.* Serie didactica para guitarra*:* cuaderno nº 1, Escalas Diatônicas. Buenos Aires. Barry, 1966.
_____. Série didática para guitarra: cuaderno nº 2, Técnica de La mano Derecha. Buenos Aires. Barry, 1967.
_____. Série didática para guitarra: cuaderno nº 3, Técnica de la Mano Izquierda. Buenos Aires. Barry, 1969.
_____. Série didática para guitarra: cuaderno n º 4, Técnica de la mano Izquierda. (conclusión). Buenos Aires. Barry, 1974.

Referência Complementar

DUDEQUE, Norton. História do Violão. Curitiba. Editora da UFPR, 1994.
FERNANDES, Ângelo José. “Missa Afro-Brasileira (de batuque e acalanto)” de Carlos Alberto Pinto Fonseca: aspectos interpretativos. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes da UNICAMP, Campinas, 2004.
FERNANDES, Ângelo José. De batuque e acalanto*: uma missa afro- brasileira*. Belo Horizonte. UFMG/Per Musi, v.11, p 60-72, 2005.
FERNÁNDEZ, Eduardo. Técnica, Mecanismo e Aprendizaje*:* Una Investigaciónsobre llegar a ser Guitarrista. Ediciones ART. Montevideo, 2000.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

SHEARER, Aaron. Learning the Classic Guitar: Part one. Mel Bay Publications, INC. Pacific, MO. 1990.
SHEARER, Aaron,Learning the Classic Guitar: Part two. Mel Bay Publications, INC. Pacific, MO. 1990.
TENNANT, Scott. Punping Nylon: The Classical Guitarrist's Technique Handbook. Baltimore: Alfred Publishing, 1995.
ULLOA, Mário. Articulação musical e técnica instrumental: sugestões para aprimorar o desempenho instrumental no violão. Ictus, UFBA. Salvador, v.5, 2004.
WOLFF, Daniel. Como digitar uma obra para violão. Violão Intercambio. São Paulo, nº 46. 2001.
WOLFF, Daniel. Aberturas: Dominando as distensões e contrações de mão esquerda. Violão Pro, nº 11. São Paulo, 2007.

ENSINO DE MÚSICA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Ementa: Abordagem crítica sobre os diversos contextos de aprendizado de música em espaços não formais.

Referência Básica

BRITO, T. A. *Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2003.
_____. *Koellreutter Educador: o humano como objetivo da Educação Musical*. São Paulo: Ed. Petrópolis, 2001.
FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. De trama e fios: um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Ed Unesp. 2003.
FRANÇA, Cecília (2003). O Som e a Forma – Do Gesto ao Valor. In: HENTSCHKE e DEL BEN (2003). *Ensino de Música – Propostas para pensar e agir em sala de aula*. Editora Moderna.
FRANÇA, Cecília Cavalieri. Performance instrumental e educação musical. *Per Musi*. Belo Horizonte, v.1, 2000.
FRANÇA, Cecília Cavalieri. Composição Apreciação e Performance na Educação Musical: Teoria, pesquisa e Prática. *Em Pauta*, v.13, 2002.
GUIA, Rosa Lúcia dos Mares; FRANÇA, Cecília Cavalieri: *Jogos pedagógicos para educação musical.* Belo Horizonte: UFMG, 2005.
GAINZA, V. H. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Ed. Summus, 1988.
SWANWICK, K. *Ensinando Música Musicalmente*. São Paulo: Ed. Moderna, 2003

Referência Complementar

GOHN, D. M. *Auto-Aprendizagem Musical: Alternativas Tecnológicas*. São Paulo: Ed. Annablume/FAPESP, 2003.
GORDON, E. *Teoria de Aprendizagem Musical: competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
LOUREIRO, A. M. A. *O Ensino de Música na Escola Fundamental*. Campinas: Ed. Papirus, 2008.
LOURO, V. S. *Educação Musical e Deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos: edição do autor, 2006.
TEREZA MATEIRO; BEATRIZ ILARI. *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba, Ibpex, 2011.
MATEIRO, T; SOUZA, J. *Práticas de Ensinar Música: Legislação, Planejamento, Observação, Registro, Orientação, Espaços, Formação*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2008.
MIRANDA, C. *Formação de Platéia em Música*. São Paulo: Ed. Arx, 2003.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

ROSA, N. S. S. *Educação Musical para 1ª a 4ª Série*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.
SEDUC/MG, 2002.

OFICINA DE IMPROVISAÇÃO

Ementa: Introdução á improvisação livre. A improvisação como livre expressão artística. Exploração de novas possibilidades sonoras como fonte de improvisação.

Referência Básica

SWANWICK, K. *Ensinando Música Musicalmente*. São Paulo: Ed. Moderna, 2003
GAINZA, Violeta Hemsy de. *La Improvisación Musical*. Buenos Aires: Ed. Ricordi, 1983.

Referencia Complementar

BOULEZ, Pierre. *Apontamentos de aprendiz*, São Paulo, Perspectiva, 1995. *A música hoje.* S. P. Perspectiva, 1986.
FRANÇA, Cecília Cavalieri. Performance instrumental e educação musical. *Per Musi*. Belo Horizonte, v.1, 2000.
FRANÇA, Cecília Cavalieri. Composição Apreciação e Performance na Educação Musical: Teoria, pesquisa e Prática. *Em Pauta*, v.13, 2002

FUNDAMENTOS DA HARMONIA

Ementa: Teoria, prática e análise de obras com enfoque nas três primeiras leis tonais - funções principais, funções secundárias, Dominantes e Subdominantes individuais. Conceitos fundamentais: intervalos e tonalidade, consonância e dissonância, acordes e dobramentos, movimentos melódicos, série harmônica, campo tonal.

ReferênciaBásica

KOELLREUTTER J. J.. *Harmonia Funcional - Introdução à teoria das funções harmônicas*. São Paulo: Ricordi Brasileria S. A., 1978
MOROZOWICZ, Henrique, RODRIGUEZ, Maria Lúcia S. - "Seleção de corais dos séculos XVI e VXII para o curso de Harmonia, Percepção e Estética." Paraná: Departamento de matérias teórico-práticas da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 1972.
SCHOENBERG, Arnold - *Harmonia*. Introdução, Tradução e notas de Marden Maluf. São Paulo: Editora UNESP, 2001
ZAMACOIS, Joaquín. *Tratado de Harmonia- Libro I, II e III.* Barcelona: Editorial Labor, 1986.

ReferênciaComplementar

CHEDIAK, Almir. *Harmonia e Improvisação I e II.* Rio de Janeiro: Lumiara Editora, 1987
OLIVEIRA, Marilene; OLIVEIRA, J. Zula. *Harmonia Funcional*. São Paulo: Cultura Musical Ltda., 1978
RAMEAU, Jean Philippe. *Treatise on Harmony.*Tranlated, introduction and notes, by Philip Gossett of the Department of Music, University of Chicago.USA: Dover Edition, 1971

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

PRATICA DE CONJUNTO

Ementa: Conteúdo variável. Disciplinas que tratam do domínio e da literatura dos instrumentos e da vivência musical em conjunto.

Referência Básica

Song books de música brasileira; Editora Lumiar; Rio de Janeiro.

Referência Complementar

Crook, Hal; How to improvise, Advance music.

Real book; Real book press, New York.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ementa: Trabalho de conclusão de curso envolvendo tema de pesquisa em uma ou mais linhas prioritárias do curso, desenvolvido individualmente pelo aluno, sob a orientação de um professor.

Referência Básica

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002 a.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 20 ed. ver. e ampl. São Paulo: Cortez, 1996.

Referência Complementar

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 14 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FERREIRA, S. M. S. P.; KROEFF, M. S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos. São Paulo: APB, 1996.

MACEDO, N.D. Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo: Loyola, 1994.

NAHUZ, Cecília dos Santos & FERREIRA, Lusimar Silva. Manual para normalização de monografias. 3 ed. ver, atual. e ampl. São Luís, 2002.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Ementa: Experienciar e investigar práticas pedagógicas em escolas públicas. Essas atividades compreendem a inserção no campo de trabalho docente nas escolas mediada por processos de análise e investigação das práticas escolares vigentes. Está previsto o desenvolvimento de atividades de estágio em escolas públicas (do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental). Propõe-se a realização de projetos em equipes interdisciplinares, que cumprirão as 225 horas de estágio distribuídas em três períodos (4º, 5º, 6º)

.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Ementa: Nesse projeto de estágio, com carga horária de 180 horas, os licenciandos serão imersos em experiências coletivas nas quais possam ter a oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas interdisciplinares com foco na disciplina de Música no Ensino Médio. Com esse estágio, pretende-se trazer aos licenciandosa oportunidade

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

de refletir sobre essas tensões que podem ser produtivas na reorganização dos saberes escolares disciplinares tradicionalmente abordados no cotidiano da escola. Essa reflexão acontecerá também no contato com bibliografia especializada. Essa etapa do estágio acontecerá no 7º e no 8º período.

DISCIPLINAS DE NÚCLEO LIVRE

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Ementa: Prática educativa e sociedade. Natureza e especificidade do trabalho pedagógico em espaços escolares e não escolares. A escola como cultura organizacional: estrutura organizacional, currículo, calendário escolar, relações de trabalho. Processo de ensino e aprendizagem. Projeto pedagógico da escola. Pesquisa, análise e intervenção no espaço escolar.

Referência Básica

ZABALLA, A. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares.
Brasília: MEC/SEF, 1998.
LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2000.
LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.
São Paulo: Cortez, 2003.

Referência Complementar

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMT, 1999.
MASETTO, Marcos Tarciso. Didática: a aula como centro. São Paulo: FTD, 1997.
LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para que?.8.ed. São Paulo, Cortez, 2005.
CANDAU, Vera Maria (org.). Didática em questão. Petropolis: Editora vozes, 1996.
PIMENTA, Selma Garrido (org.). Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo: Cortez, 1997.
VASCONCELOS, Celso dos S. Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad, 1996.

CURRÍCULO E COTIDIANO ESCOLAR

Ementa: A construção e implementação dos currículos e suas interligações com a cultura e a sociedade. Conceitos e fundamentos do currículo. Teorias do currículo e suas concepções e aspectos ideológicos. Aspectos legais do currículo, diversidade étnico-racial, as novas diretrizes curriculares, os Parâmetros Curriculares Nacionais. A interdisciplinaridade e os projetos de trabalho nocotidiano escolar.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA ABNT

ReferenciaBásica
MOREIRA, Antonio Flavio B; SILVA, T. T (org.). Currículo, cultura e sociedade. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.
PEREIRA, Edmilson de Almeida. Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescentes em educação. São Paulo: Paulinas, 2007.
MACEDO, Roberto Sidnei. Currículo – campo, conceito e pesquisa. 1. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

Referência complementar
SILVA, Tomaz T. da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
BRASIL, MEC.Educação na diversidade : experiências de formação continuada de professores / Organização : Jorge Luiz Teles, Patrícia Ramos Mendonça. – Brasília : Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.
HERNÁNDEZ, Fernanda. A organização do currículo por projetos de trabalhos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
SILVA, T. T. Teorias do currículo. Uma introdução crítica. Porto: Porto Editora, 2000.
TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários – elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, São Paulo, n. 13, jan./abr. 2000.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICA DOCENTE NA CONTEMPORANEIDADE

Ementa: A formação e a prática do professor reflexivo: fundamentos, caracterização e críticas. Tendências curriculares e prática docente. Prática docente, educação e a diversidade étnico-racial.

Referência Básica
CANDAU, V. M. Magistério: construção cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1997.
GATTI, B. A. Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação. Campinas: Autores Associados, 2003.
NOVOA, A. (Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

Referência complementar
TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAYALE, L. Os professores face ao saber. Esboço de uma problemática do saber docente. Teoria e Educação, no. 4, p. 215-233. Porto Alegre: Panmônica, 1991.
TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. Revista Brasileira de Educação, no. 13, p. 5-24, 2000a.
_____. Ambigüidade do saber docente nas reformas relativas à formação universitária para o magistério. Revista Vertentes, n. 15, p. 7-21, 2000b.
_____. Saberes docentes e formação profissional. 2 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.
ZEICHNER, K. M. A formação reflexiva de professores: ideias e práticas. Lisboa: EDUCA, 1993.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

FUNDAMENTOSDA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Ementa: Histórico da educação especial. Políticas públicas de inclusão e exclusão. Fundamentos do ensino inclusivo, currículo e inclusão. Inclusão do cego, do surdo, do deficiente mental e das demais deficiências. Legislação e deficiência.

Referencia Básica

ALMEIDA, Maria Amélia; MENDES, Eniceia Gonçalves; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Temas em educação especial: deficiências sensoriais e deficiência mental, 2008 GITAHY, Ana; MACHADO, Rosangela. Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e práticas, 2009

PASSOS, Arlei Ferreira Educação especial: práticas de aprendizagem: convivência e inclusão,
2009.

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri; BAUMEL,Roseli C. Rocha de C. Educação especial: do querer ao
Fazer, 2007.

BAU, Jorgiana; KUBO, Olga Mitsue Educação especial e a capacitação do professor para o Ensino, 2009

BOLONHINI JUNIOR, Roberto Portadores de necessidades especiais, 2010.

SIMÃO, Antoinette; SIMÃO, Flávia Inclusão: educação especial: educação essencial, 2010.

Referência complementar

ALMEIDA, Maria Amélia; MENDES, Eniceia Gonçalves; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Temas em educação especial: deficiências sensoriais e deficiência mental, 2008

GITAHY, Ana Maria Caira; CAVALHERO, José; MENDES, Rodrigo Hubner. Artes visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas do Instituto Rodrigo Mendes, 2010

MACHADO, Rosangela Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e
Práticas, 2009

PASSOS, Arlei Ferreira Educação especial: práticas de aprendizagem: convivência e Inclusão, 2009

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri; BAUMEL, Roseli C. Rocha de C. Educação especial: do querer ao fazer

POLÍTICA E GESTÃO EDUCACIONAL

Ementa: Fundamentos da política e da gestão educacional numa perspectiva histórica. As instâncias de representação colegiada na escola. Educação, gestão democrática e participação popular. Organização dos conselhos. Experiências em gestão escolar: observação, socialização e problematização.

Referência Básica

SAVIANI, Dermeval. Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino. São Paulo: Editora Cortez: 1987.

_____. Da nova LDB ao novo plano de educação: Por uma outra política educacional. Campinas: Editora Autores Associados, 1999.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

_____ . A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas. Campinas: Autores Associados, 1998.
_____. Da nova LBB a Fundeb: por uma política educacional. Campinas. Autores associados, 2007.
SEVERINO, A. J. A nova LDB e a política de formação de professores: um passo à frente e dois atrás... In: FERREIRA, N. S. C; AGUIAR, M. A. da. S (orgs). Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos – 4. ed. – São Paulo: Cortez. 2004.
SILVA, J.M. A autonomia da Escola Pública. 3ª ed. – Campinas/SP. Papirus, 1996. – (Coleção Práxis).

Referência Complementar

VEIGA, I. P. A. Escola: espaço do projeto político pedagógico. Campinas: Papirus, 2003a.
VEIGA, Z. P. A. As instâncias colegiadas da escola. In: VEIGA, I. P. A. Escola: espaço do projeto político pedagógico. Campinas: Papirus, 2003b.
VIEIRA, S.L. Escola – função social, gestão e política educacional. In: FERREIRA, N. S. C; AGUIAR, M. A. da. S (orgs). Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos – 4. ed. – São Paulo: Cortez. 2004.
WITTMANN, L.C. Fundamentos da Gestão Democrática nas Escolas. In: Brasil. Ministério da Educação. Seminário Internacional: Gestão Democrática da Educação e Pedagogias Participativas – caderno de textos. Brasília, D.F, 2006
SGUISSARDI, Valdemar e SILVA Jr, J.R. (orgs). Políticas educacionais para a educação superior.
Piracicaba: UNIMEP, 1997.

VISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

TÓPICOS DE LINGUAGEM E MEIO AMBIENTE

Ementa: Aspectos históricos e normativos da educação ambiental no mundo e no Brasil. Dimensão educativa dos estudos ambientais. Inserção da dimensão ambiental nos espaços escolares e não escolares. Representatividade do meio ambiente nos textos literários e não literários.

Referências Básicas

BAQUERO, R. Vygotsky e a aprendizagem escolar. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1998.
BERTRAND, Yves; VALOIS, Paul & JUTRAS, France. A Ecologia na Escola – inventar um futuro para o planeta. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, 215p.
MORIN, Edgar. Saberes Globais e Saberes Locais – o olhar interdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, 75p.

Referências Complementares

BOFF, Leonardo Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres. São Paulo: Ática, 1995,
FAJARDO, Elias Se cada um fizer a sua parte... Rio de Janeiro: SENAC, 1998, 160p.
FREIRE, Paulo Pedagogia da Esperança. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
MORIN, Edgar A Decadência do Futuro e a Construção do Presente. Florianópolis, SC: edUFSC, 1993.
MORIN, EDGAR O Método: a natureza da Natureza. Mem Martins: Publicações América LDA, 1997.

LEITURA DO TEXTO DRAMÁTICO

Ementa:Estudo dos cânones da literatura dramática. História do texto dramático: elementos da arquitetura do texto teatral: autor, espaço cênico, adereços, atores. Manifestações literárias do gênero dramático. Didascálias: literatura e teatro.

Referência Básica

ARTAUD, A. *O teatro e seu duplo.* São Paulo: Max Limonad, 1984.
BRECHT, Bertold. *Estudos sobre o teatro.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
D'ONÓFRIO, S. *Teoria do texto 2:* teoria da lírica e do drama. São Paulo: Ática, 1995.

Referência Complementar

LESSING< Gotthold Ephrain. *De teatro e literatura.* Trad. Anatol Rosenfeld. São Paulo: EPU, 1991.
MAGALDI, Sábato. *Iniciação ao teatro.* São Paulo: Ática, 1986.
SPOLIN, Viola: *Improvisação Para o Teatro*, Tradução de Ingrid Dormien Koudela *et* Eduardo José de Almeida Amos, Colecção Estudos nº 62, Editora Perspectiva, 2003
ROUBINE, jean-jacques. *introdução às grandes teorias do teatro.* Rio de Janeiro: Zahar*,* 2010.
D'ONÓFRIO, S. *Teoria do texto 2:* teoria da lírica e do drama. São Paulo: Ática, 1995.

ILUSTRAÇÃO – PRETEXTO DE ESCRITA

Ementa: Estudo das relações de sentido entre ilustração e texto. Leitura, ilustração, ícones, símbolos. Concepção de ilustração, técnicas, diálogos entre textos verbais e não verbais.

Referência Básica

COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico da Literatura juvenil e juvenil brasileiro – 1887 - 1987. São Paulo: DIFEL, 1989.
CAMARGO, L. *Ilustração do livro infantil.* Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
PAES, José Paulo. *Poesia para crianças: um depoimento.* São Paulo: Giordano, 2001.

Referência Complementar

ZILBERMAN, Regina: SILVA, EZEQUIEL Theodoro da. (Orgs). *Leitura:* perspectivas interdisciplinares*.* São Paulo: Ática, 1991.
SMITH, Frank. *Leitura significativa.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
COELHO, Nelly Novaes. Literatura infanto-juvenil. São Paulo: Ática.
DISCINI, Norma. *Comunicação nos textos.* São Paulo: Contexto, 2005.
DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs). *Gêneros textuais & ensino.* Rio de janeiro: Lucerna, 2002.

VORAGEM DO OLHAR – CINEMA EM MOVIMENTO

Ementa: Estudo das relações de significados e sentidos do cinema. Elementos constituintes do discurso cinematográfico. Cinema e educação. Cinema e sociedade. Análise de filmes e as relações simbólicas. Figuras de linguagens cinematográficas e a apropriação literária.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Referência Básica
AUMONT, Jacques et al. *A estética do filme*. Campinas: Papirus, 1995.
HAUSER, A. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Referência Complementar
AVELLAR, José Carlos. *O cinema dilacerado*. Rio de Janeiro: Alhambros, 1986.
STAM, Robert. *O espetáculo interrompido*: literatura e cinema de desmistificação. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.
JAKOBSON, Roman. *Lingüística, poética e cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
LIMA, Luiz Costa. *Estruturalismo e teoria da literatura:* introdução às problemáticas estética e sistêmica. Petrópolis: Vozes, 1973.

PIANO COMPLEMENTAR – I
EMENTA: Desenvolvimento musical através do Piano Digital ou Teclado Eletrônico, contemplando conhecimentos musicais, aquisição de habilidades motoras, repertório, técnicas idiomáticas da prática pianística e didática da Performance Musical, considerando experiências previamente adquiridas. Metodologias do ensino coletivo de Piano.

REFERÊNCIA BÁSICA
ADOLFO, A. *Iniciação ao Piano e Teclado*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1994.
ALVES, L. Exercício para Piano e Teclados vol. 1. São Paulo: Irmãos Vitale, 2005.
BÁRTOK, B. *For Children vol. 1*. Nova York: Boosey & Hawkes, 1940.
BOTELHO, A. *Meu piano é divertido vols. 1 e 2*. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1983.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR
CERQUEIRA, D. L. *Princípios Educacionais do Piano: versão 2012/1*. São Luís: Edição do Autor, 2011.
CRUZ, C. *Brasil: Música na História*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1986.
FISHER, C. *Teaching Piano in Groups*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
FLETCHER, L. *Leila Fletcher Piano Course vol. 2*.Montgomery Music: Nova York, 1995.
GUARNIERI, M. C. *Cinco Peças Infantis (1931-1934)*. São Paulo Ricordi Brasileira, 1973.
GUEST, I. *16 estudos escritos e gravados para Piano*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2000.
STEWART, M. *Folk Music of Brazil*. Nova York: Montgomery Music, 1967.
VALE, J. *Método Prático para Teclados*. Belo Horizonte: Edição do Autor, s/d.

PIANO COMPLEMENTAR II
Ementa*:* Desenvolvimento musical através do Piano Digital ou Teclado Eletrônico, contemplando conhecimentos musicais, aquisição de habilidades motoras, repertório, técnicas idiomáticas da prática pianística e didática da Performance Musical, considerando experiências previamente adquiridas. Metodologia do ensino coletivo de Piano.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Referência Básica

ADOLFO, A. *Iniciação ao Piano e Teclado*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1994.
ALVES, L. Exercício para Piano e Teclados vol. 1. São Paulo: Irmãos Vitale, 2005.
BÁRTOK, B. *For Children vol. 1*. Nova York: Boosey & Hawkes, 1940.
BOTELHO, A. *Meu piano é divertido vols. 1 e 2*. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1983.

Referência Complementar

CERQUEIRA, D. L. *Princípios Educacionais do Piano: versão 2012/1*. São Luís: Edição do Autor, 2011.
CRUZ, C. *Brasil: Música na História*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1986.
FISHER, C. *Teaching Piano in Groups*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
FLETCHER, L. *Leila Fletcher Piano Course vol. 2*.Montgomery Music: Nova York, 1995.
GUARNIERI, M. C. *Cinco Peças Infantis (1931-1934)*. São Paulo Ricordi Brasileira, 1973.
GUEST, I. *16 estudos escritos e gravados para Piano*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2000.
STEWART, M. *Folk Music of Brazil*. Nova York: Montgomery Music, 1967.
VALE, J. *Método Prático para Teclados*. Belo Horizonte: Edição do Autor, s/d.

PRÁTICA CORAL II

Ementa*:* Estudo do repertório convencional para coral. Estilos e escolas. Ênfase na prática musical como cantor de coro.

Referência Básica

CANOGIA, M. B. *Manual de Terapia da Palavra, Anatomia, Fisiologia, Semiologia e o Estudo da Articulação e dos Fonemas*. São Paulo: Livraria Atheneu, 1981.
COELHO, H.S.N.W. *Técnica Vocal Para Coros*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
CONCONE.*Thirty Dayly Exercises - op. 11 (for low voice)*. Nova York: Schirmer Inc, 1962.
DINVILLE, C. *A Técnica da Voz Cantada*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1989.
HERBERT, C. *50 Vocalizes*. Buenos Aires: Ricordi, 1995.
LEHMANN, L. *Aprenda a Cantar*. São Paulo: Tecnoprint, 1984.
MANSION, M. *El Estudo del Canto*. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1981.
MARCHESI, M. *24 Vocalises - für Sopran und Mezzosopran - Op. 2*.Berlim: Ries & Erler, s/d.
_____. *Exercícios Op.1 - Hohe Ausgabe*. Berlim: Ries & Erler, s/d

Referência Complementar

MATIAS, N. *Canto Coral: um canto apaixonante*. Brasília: Musimed, 1989.
ROBINSON, R; WINDD, A.*The Choral Experience – Literature, materials and Methods*. London: Harper and Row, 1976.
STORTI, C. A. *Introdução à Regência*. Uberlândia: EDUFU, 1987.
TABITH, J. *Foniatria*. São Paulo: Cortês Editora Autores Associados, 1981. 2ª ed
VACCAJ, N. *Metodo Pratico di Canto - Soprano o Tenor - Contralto o Basso*. Buenos Aires: Ricordi, 1994.

PRÁTICA CORAL III

Ementa*:* Estudo do repertório convencional para coral. Estilos e escolas. Ênfase na prática musical como cantor de coro

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Referência Básica

CANOGIA, M. B. *Manual de Terapia da Palavra, Anatomia, Fisiologia, Semiologia e o Estudo da Articulação e dos Fonemas*. São Paulo: Livraria Atheneu, 1981.
COELHO, H.S.N.W. *Técnica Vocal Para Coros*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
CONCONE.*Thirty Dayly Exercises - op. 11 (for low voice)*. Nova York: Schirmer Inc, 1962.
DINVILLE, C. *A Técnica da Voz Cantada*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1989.
HERBERT, C. *50 Vocalizes*. Buenos Aires: Ricordi, 1995.
LEHMANN, L. *Aprenda a Cantar*. São Paulo: Tecnoprint, 1984.
MANSION, M. *El Estudo del Canto*. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1981.
MARCHESI, M. *24 Vocalises - für Sopran und Mezzosopran - Op. 2*.Berlim: Ries & Erler, s/d.
_____. *Exercícios Op.1 - Hohe Ausgabe*. Berlim: Ries & Erler, s/d.

Bibliografia Complementar

MATIAS, N. *Canto Coral: um canto apaixonante*. Brasília: Musimed, 1989.
ROBINSON, R; WINDD, A.*The Choral Experience – Literature, materials and Methods*. London: Harper and Row, 1976.
STORTI, C. A. *Introdução à Regência*. Uberlândia: EDUFU, 1987.
TABITH, J. *Foniatria*. São Paulo: Cortês Editora Autores Associados, 1981. 2ª ed.
VACCAJ, N. *Metodo Pratico di Canto - Soprano o Tenor - Contralto o Basso*. Buenos Aires: Ricordi, 1994.

PRATICA CORAL IV

Ementa*:* Estudo do repertório convencional para coral. Estilos e escolas. Ênfase na prática musical como cantor de coro.

Referência Básica

CANOGIA, M. B. *Manual de Terapia da Palavra, Anatomia, Fisiologia, Semiologia e o Estudo da Articulação e dos Fonemas*. São Paulo: Livraria Atheneu, 1981.
COELHO, H.S.N.W. *Técnica Vocal Para Coros*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
CONCONE.*Thirty Dayly Exercises - op. 11 (for low voice)*. Nova York: Schirmer Inc, 1962.
DINVILLE, C. *A Técnica da Voz Cantada*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1989.
HERBERT, C. *50 Vocalizes*. Buenos Aires: Ricordi, 1995.
LEHMANN, L. *Aprenda a Cantar*. São Paulo: Tecnoprint, 1984.
MANSION, M. *El Estudo del Canto*. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1981.
MARCHESI, M. *24 Vocalises - für Sopran und Mezzosopran - Op. 2*.Berlim: Ries & Erler, s/d.
_____. *Exercícios Op.1 - Hohe Ausgabe*. Berlim: Ries & Erler, s/d.

Referência Complementar

MATIAS, N. *Canto Coral: um canto apaixonante*. Brasília: Musimed, 1989.
ROBINSON, R; WINDD, A.*The Choral Experience – Literature, materials and Methods*. London: Harper and Row, 1976.
STORTI, C. A. *Introdução à Regência*. Uberlândia: EDUFU, 1987.
TABITH, J. *Foniatria*. São Paulo: Cortês Editora Autores Associados, 1981. 2ª ed
VACCAJ, N. *Metodo Pratico di Canto - Soprano o Tenor - Contralto o Basso*. Buenos Aires: Ricordi, 1994.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

FUNDAMENTOS DA REGÊNCIA II

EMENTA: Estudo dos períodos e estilos da música voltada a grandes grupos instrumentais. Regência aplicada à interpretação. Técnicas de ensaio avançadas.

Referência Básica

BENEDICTIS, S. *Curso Teórico Prático de Instrumentação – para orquestra e banda*. São Paulo: Ricordi, 1954.

HENRIQUE, L. *Instrumentos musicais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999

PISTON, W. *Orquestación*. Madri: Real Musical, 1984.

Referência Complementar

ROBINSON, R; WINDD, A.*The Choral Experience – Literature, materials and Methods*. London: Harper and Row Pub, 1976.

STORTI, C. A. *Introdução à Regência*. Uberlândia: EDUFU, 1987

THOMAS, K. *The choral conductors*. New York: Associated Music Publishers, 1971

ULRICH, H.*A survey of coral music*. USA: Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1973.

ZAGONEL, B. *O que é Gesto Musical*. São Paulo:Brasiliense, 1992.

ZANDER, O. *Regência coral*. Porto Alegre: Movimento, 1979.

PRÁTICA DE CONJUNTO II

Ementa: Estudo prático e analítico através da peformance em grupo. Formação de grupos musicais. Repertório para formações musicais específicas. Elaboração de arranjos.

REFERÊNCIA BÁSICA

ANDRADE, M. *Aspectos da Música Brasileira*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.

ARNOLD, D; FORTUNE, N, (org).*The New Monteverdi Companion*. London: Faber and Faber, 1985.

CAMPANHA, O. F. *Música e conjunto de Câmara*. São Paulo: s/ed, 1978.

DORIAN, F. *Historia de la execución musical*. Madri: Aurus Ediciones, 1971.

MANIATES, M. R. *Mannerism in Italian Music and Culture*. Chapel Hill: s/ed, 1979.

REFERÊNCIACOMPLEMENTAR

MATIAS, N. *Canto Coral: um canto apaixonante*. Brasília: Musimed, 1989.

MÁYER, E. O *Intérprete Musical*. Bueno Ayres: Casa Editora Jacobo, 1988.

ROBINSON, R; WINDD, A.*The Choral Experience – Literature, materials and Methods*. London: Harper and Row Pub, 1976.

PRÁTICA DE CONJUNTO III

EMENTA: Estudo prático e analítico através da peformance em grupo. Formação de grupos musicais. Repertório para formações musicais específicas. Elaboração de arranjos.

REFERÊNCIA BÁSICA

ANDRADE, M. *Aspectos da Música Brasileira*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.

ARNOLD, D; FORTUNE, N, (org).*The New Monteverdi Companion*. London: Faber and Faber, 1985.

CAMPANHA, O. F. *Música e conjunto de Câmara*. São Paulo: s/ed, 1978.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

DORIAN, F. *Historia de la execución musical*. Madri: Aurus Ediciones, 1971.
MANIATES, M. R. *Mannerism in Italian Music and Culture*. Chapel Hill: s/ed, 1979.

REFERÊNCIA BÁSICA
MATIAS, N. *Canto Coral: um canto apaixonante*. Brasília: Musimed, 1989.
MÁYER, E. O *Intérprete Musical*. Bueno Ayres: Casa Editora Jacobo, 1988.
ROBINSON, R; WINDD, A.*The Choral Experience – Literature, materials and Methods*. London: Harper and Row Pub, 1976

ANÁLISE MUSICAL

Ementa: Estudo de obras musicais de diversos períodos históricos sob o ponto de vista da estruturação formal, ou seja, sua articulação em elementos constituintes e investigação das funções desses elementos no contexto da forma.

REFERÊNCIA BÁSICA
BENT, Ian D.; POPLE, Anthony.“Analysis”.*New Grove dictionary of music and musicians*. London: Macmillan, 2001. v.1.
BERRY, Wallace. *Structural functions in music*. New Jersey: Prentice-Hall, 1976.
COOK, Nicholas (1992). *A Guide to Musical Analysis*.Bristol: Oxford University Press, 1994.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR
KATER, Carlos. *Cadernos de Estudo – Análise Musical vol. 1-9.* São Paulo: Atravez, 1989.
SCHOENBERG, Arnold. *Le Style et l'Idée.* Paris: Buchet/Chastel, 1977

MUSICALIZAÇÃO

Ementa: Abordagem teórico-prática sobre os diversos contextos, objetivos, autores e metodologias do ensino musical, espaço escolar brasileiro

Referência Básica
BRITO, T. A. *Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2003.
_____. *Koellreutter Educador: o humano como objetivo da Educação Musical*. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2001.
FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. De trama e fios: um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Ed Unesp. 2003.
FRANÇA, Cecília (2003). O Som e a Forma – Do Gesto ao Valor. In: HENTSCHKE e DEL BEN (2003). *Ensino de Música – Propostas para pensar e agir em sala de aula*. Editora Moderna.
FRANÇA, Cecília Cavalieri. Performance instrumental e educação musical. *Per Musi*. Belo Horizonte, v.1, 2000.
FRANÇA, Cecília Cavalieri. Composição Apreciação e Performance na Educação Musical: Teoria, pesquisa e Prática. *Em Pauta*, v.13, 2002.
GUIA, Rosa Lúcia dos Mares; FRANÇA, Cecília Cavalieri: *Jogos pedagógicos para educação musical.* Belo Horizonte: UFMG, 2005.

Referência Complementar
GAINZA, V. H. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Ed. Summus, 1988.

CONCURSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

GOHN, D. M. *Auto-Aprendizagem Musical: Alternativas Tecnológicas*. São Paulo: Ed. Annablume/FAPESP, 2003.
GORDON, E. *Teoria de Aprendizagem Musical: competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
LOUREIRO, A. M. A. *O Ensino de Música na Escola Fundamental*. Campinas: Ed. Papirus, 2008.
LOURO, V. S. *Educação Musical e Deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos: edição do autor, 2006.
TEREZA MATEIRO; BEATRIZ ILARI. *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba, Ibpex, 2011.
MATEIRO, T; SOUZA, J. *Práticas de Ensinar Música: Legislação, Planejamento, Observação, Registro, Orientação, Espaços, Formação*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2008.
MIRANDA, C. *Formação de Platéia em Música*. São Paulo: Ed. Arx, 2003.
ROSA, N. S. S. *Educação Musical para 1ª a 4ª Série*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.
SEDUC/MG, 2002.
SWANWICK, K. *Ensinando Música Musicalmente*. São Paulo: Ed. Moderna, 2003

OFICINA DE ARRANJO II

Ementa: Aprofundamento das técnicas fundamentais de arranjo para pequenos grupos musicais e instrumento solo. Revisão de harmonia: cifras, condução de linhas de baixo. Análise harmônica e melódica.

REFERÊNCIA BÁSICA

ALMADA, Carlos. *Arranjo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
GUEST, Ian. *Arranjo I, II,III*, Método Prático. Rio de Janeiro: Editora Lumiar. 1996.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

PISTON, Walter. *Orquestación.* Madrid: Real Musical Editores. 1984.
CASELA, Alfredo e Mortari, Virgilio. *La Tecnica de la Orquestra Contemporanea.*Buenos Aires: Ricordi Americana. 1950.
RIBATE, Jose Franco. *Manual de Instrumentacion de Banda.* Madrid: EditoriaL Musica Moderna. 1943.

ARTE, SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE

Ementa – A arte nas relações sociais e ambientais entre produtores, mediadores, consumidores, colecionadores e estudiosos da arte.

ReferênciaBásica:

CAVALCANTI, Carlos. História das artes. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 1988.
GARDNER, James. Cultura ou lixo? uma visão provocativa da arte contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.
HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Lisboa: Edições Setenta, 1977.
LYOTARD, Jan-François. O pós-moderno. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Referência complementar:
ARGAN, Giulio Carlos. História da Arte como História da Cidade. Ed Martins Fontes – Clássico Anticlássico
BAUMGART, Fritz. Breve história da arte. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
DELEUZE, Gilles. A imagem – movimento. Ed Brasiliense, São Paulo, 1985
JANSON, H.W. História da arte. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FUNDAMENTOS SÓCIO ANTROPOLÓGICOS DA ARTE

Ementa – A arte como produção material e simbólica dos povos. Consumo distintivo: o erudito e o popular. Cultura de massa.

REFERÊNCIA BÁSICA
BELEZA, Newton. Subsídios para julgamento de uma obra de arte. Rio de Janeiro: EMEBÉ Editora Ltda, 1978.
CARR-GOMM, Sarah. Dicionário de símbolos na arte: guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais. Bauru/SP: EDUSC, 2004. (Coleção Plural)
DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
_____ A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, 1998 a.
_____ O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia das imagens. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998 b.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR
DURAND, Gilbert. A Fé do sapateiro; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.
LEXIKON, Herder. Dicionário dos símbolos. São Paulo: Cultrix, 1990.
LYOTARD, Jan-François. O pós-moderno. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993.
MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - I7 ed. Rio de Janeiro: FORENSE-UNIVERSITÁRIA, 1987.
PITTA, Daniela Perin Rocha. Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.
WÖLFFLIN, Heinrich. Conceitos fundamentais da história da arte: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EDUCAÇÃO E MULTIMEIOS

Ementas – Estudo do processo de ensino e aprendizagem a partir de recursos tecnológicos. Utilização de sítios eletrônicos e midiatização de experiências pedagógicas.

Referência Básica:
ALMEIDA, Milton José de. Imagens e sons: a nova cultura oral. 3. Ed. – São Paulo, Cortez, 2004
BRASIL. Marcus Ramúsyo de Almeida (org). A imagem na idade mídia: mediações na imagem e o popular contemporâneo. São Luís: EDUFMA, 2010.
DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: UNESP, 2003.
PEREIRA,Oscar. Recursos audiovisuais para o ensino. São Paulo. Ed. EPU/MEC, s/d

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Referencia Complementar

AGEL, Henry. Estética do Cinema. São Paulo, Cultrix, 1986.

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 2002.

PENA, Maura. É este o ensino de arte que queremos? João Pessoa: UFPb, 2001.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Trad. Rubens Figueiredo. 5°ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

EDUCAÇÃO DO CAMPO

Ementa: Paradigmas da educação do campo brasileiro. Relações econômicas e sociais contemporâneas no campo e na cidade. Práticas educativas escolares e não escolares nas comunidades indígenas, quilombolas e camponesas. O currículo das escolas do campo. O papel dos movimentos sociais na educação do campo.

Referência Básica

CARVALHO, Horcio Martins de. O campesinato no século XXI. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

MOLINA, Monica (org.). Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasilia. Ed. MDA, 2006.

Referencia Complementar

SANTOS, Boaventura de Souza. A gramática do tempo. Para uma nova cultura. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

PAULINO, Eliane T. e FABRNI, João E (org.). Campesinato e Territórios em disputa. São Paulo: Ed. Expressão popular, 2008.

SANTOS, Clance Aparecida (org.). Educação do Campo: Campo – politicas públicas – Educação. Brasília: INCRA,MDA, 2008.

JEZINE, Edineide, ALMEIDA, Maria de Lourdes P (org.). Educação eMovimentos Sociais. Campinas: Ed. Alínea, 2007.

LINGUAGEM E DIVERSIDADE: PESQUISA E INTERVENÇÃO ESCOLAR

Ementa: O trabalho do professor de linguagens e códigos com a diferença e a diversidade.

Escolarização e as linguagens em contextos sociolinguística e culturalmente complexos. Análise prática do trabalho do professor de linguagens e códigos nesses contextos.

Linguagem e Diversidade: pesquisa e intervenção escolar

Referências Básicas

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

COLOMER, Camps. Ensinar a ler ensinar a compreender. Porto Alegre: Artmed, 2002.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

CUNHA, Ana Stela. Construindo quilombos, desconstruindo mitos. São Luís, SETAGRAF, 2011.

Referências Complementares

BOSI, Eclea. Cultura de massa e cultura popular. Rio de Janeiro:Vozes, 2000. p. 102.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação. Cultura Popular e educação. Salto para o Futuro, Brasília, 2005.
Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2007). www.mec.gov.br/secad/diversidade/

EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E ESCOLA

Ementa: Aborda-se a História, conceito e sua relação com a Educação e origem da escola moderna. Perspectivas teóricas e práticas da história da educação. Estudo analítico do processo educativo com ênfase no contexto dinâmico e complexo no qual estas práticas estão inseridas. Inter-relações entre elementos da Escola moderna, Educação nas instituições brasileiras e maranhenses do séc. XVI-XIX.

Referências Básicas

BOTO, Carlota. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classe, por escrito. Cadernos Cedes, Campinas, v. 23, n.61, p. 378-397, dezembro 2003.
CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.
GHIRALDELLI Junior, Paulo. História da educação brasileira. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
CASTRO, César Augusto. Infância e Trabalho no Maranhão Provincial: uma história da Casa de Educandos Artífices (1841-1889), São Luís: Edfunc, 2007.
GADOTTI, Moacyr. História das Idéias Pedagógicas. São Paulo: Ática, 1997.
CABRAL, Maria do Socorro Coelho. Política e educação no Maranhão 1834-1889. São Luís, SIOGE, 1984.

Referência complementar

JANOTTI, Maria de Lourdes. Fontes históricas como fonte. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2006. p.9-22.
MANACORDA, Mario Alighieri. História da Educação da Antiguidade aos Nossos Dias. 8º Edição. São Paulo: Cortez, 1989.
RIZZINI, Irene. A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.
ROSA, Maria da Glória. História da Educação através dos textos. São Paulo: Editora Pensamentos, 2010.
STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos (orgs). Historias e memórias da educação no Brasil. Vol.3. Editora Vozes.

LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: DIVERSIDADE E INTERAÇÃO

Ementa: Visão panorâmica das literaturas produzidas em Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, através de

informações básicas sobre os estilos de época, bem como os escritores e obras mais representativas.

Referência Básica

ABDALA JR., Benjamin, PASCHOALIN, Aparecida. História da literatura portuguesa. São Paulo: Ática, 1982
CÂNDIDO, Antônio. “A vida ao rés do chão”. In: Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1980.
MADRUGA, Elizalva. Nas trilhas da descoberta: a repercussão do modernismo brasileiro na literatura angolana. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1998.
MOISÉS,Massaud. A literatura portuguesa através de textos. 10ª ed., São Paulo: Cultrix, 1981.

Referência Complementar

ANGIUS, F. e ANGIUS, M. Mia Couto. O desanoitecer da palavra. Estudo, seleção de textos e bibliografia anotada de um autor moçambicano. Coleção Encontros de Culturas. Praia-Mindelo: Embaixada de Portugal/ Centro Cultural Português, 1998.
MOUTINHO, J. V. (org.). Contos populares de Angola. Folclore quibundo São Paulo: Landy Editora, 2002.
LEITE, A. M. Literaturas africanas e formulações pós-coloniais. Maputo: UEM, 2003.
ROSÁRIO, L. A narrativa africana de expressão oral. Lisboa: Angolê, 1989.
CHABAL, P. Vozes Moçambicanas. Literatura e nacionalidade. Agueda: Vega, 1994

LITERATURA BRASILEIRA I: DA FORMAÇÃO AO SÉCULO XIX

Ementa: Manifestações literárias do período colonial. Configuração de um sistema literário. Estudo contextualizado e crítico da produção literária do século XIX, priorizando as obras consagradas como paradigmas das literaturas de expressão brasileira.

Referência Básica

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Do Barroco ao Modernismo. 2ª ed., Rio de janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 197
CÂNDIDO, Antônio. Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes. 3. ed.– São Paulo:Humanitas/ FFLCH/USP, 1999
MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira. V. I. Das origens ao Romantismo. São Paulo: Cultrix, 2004.
MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. História da Literatura brasileira. Prosa e ficção de 1870 a 1920. 3ª ed.,
Rio de Janeiro: José Olympio/ Brasília: INL, 1973

Referência Complementar

KHÉDE, Sonia Salomão (Coord). Os contrapontos da literatura: arte, ciência e filosofia. Petrópolis: Vozes, 1984.
MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 1978.
SAMUEL, Roger (Org.). Manual da teoria literária. 14a ed. revista e atualizada. Petrópolis: Vozes, 2001.
STALLONI, Yves. Os gêneros literários. Trad. de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001
SOUZA, Roberto Acízelo de. Teoria da literatura. São Paulo: Ática, 1997.

LIMPEZA E DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

LITERATURA BRASILEIRA II: DO SÉCULO XX À CONTEMPORANEIDADE

Ementa: Estudo contextualizado e crítico da produção literária do século XX, priorizando as obras consagradas como paradigmas das literaturas de expressão brasileira. Autores e obras da literatura contemporânea.

Referência Básica

CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. Presença da Literatura Brasileira: Modernismo – História e Antologia. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
SARAIVA,Arnaldo. Modernismo brasileiro e Modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
VERÍSSIMO, José. História da literatura brasileira: de Bento Teixeira Pinto a Machado de Assis. 5. ed. Brasília: Ed. UNB, 2005

Referência Complementar

MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira. V. I. Das origens ao Romantismo. São Paulo: Cultrix, 2004.
MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira. V. II. Realismo e Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 2004.
ROMERO, Sílvio. História da literatura brasileira. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
VERÍSSIMO, José. História da literatura brasileira: de Bento Teixeira Pinto a Machado de Assis. 4. ed. Brasília: Ed. UNB, 1963.
MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 1978

ESTUDOS LITERÁRIOS MARANHENSES

Ementa: Estudo contextualizado e crítico da produção literária maranhense. Autores e obras mais representativas

Referência Básica

BARBOSA FILHO, Hildeberto. Literatura na ilha (poetas e prosadores maranhenses). São Luís: Lithograf, 2000.
LEAL, Antônio Henriques. Pantheon maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos. Rio de Janeiro: Alhambra, 2004.
MEIRELLES, Mário Martins. Panorama da literatura maranhense. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 1990.
MORAES, Jomar. Apontamentos de literatura maranhense. São Luís: SIOGE, 1977.

Referência Complementar

MARTINS, Antonio. Arthur Azevedo: a palavra e o riso: uma introdução aos processos linguísticos de comicidade no teatro e na sátira de Arthur Azevedo. São Paulo: Perspectiva, 1988.
NERES, José. Montello: o Benjamim da Academia. São Luís: Carajás, 2008.
OBRAS DE JOÃO FRANCISCO LISBOA. v. VI. 3ª ed. São Luís: ALUMAR, 1991.
MORAES, Nascimento. Vencidos e degenerados e contos de Valério Santiago. São Luís: Secretaria do Estado da Cultura do Maranhão, 1992.
MORAES, Jomar. Gonçalves Dias: vida e obra. São Luís: ALUMAR, 1998.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

LITERATURA POPULAR BRASILEIRA

Ementa: Manifestações da oralidade e da escrita artística do Brasil. Estudo das diferenças culturais e análise dos textos da Literatura Popular, sobretudo da literatura de cordel, bem como seus gêneros, temas, ciclos e estética.

Referência Básica

BATISTA, Sebastião. Literatura Popular em Verso. São Paulo: Vila Rica, 1997

CASCUDO, Luiz da Câmara, antologia do Folclore Brasileiro. São Paulo: Globo, 2001

_____. Literatura Oral, Rio de Janeiro: José Olímpio, 1952

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. Literatura Popular Verso Antologia, São Paulo, Vila Rica, 1997.

SUTHERING, Jane. Que é Literatura Popular, São Paulo, Brasiliense, 1996

Referência Complementar

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. A Invenção do Nordeste. São Paulo: Cortez, 2006

AMANCIO, Geraldo & PEREIRA, Wanderley. De Repente Cantoria. Fortaleza: 1995.

ARANTES, Antônio Augusto. O Que é Cultura Popular. São Paulo: Brasiliense, 1996

GEERTZ,
Cliiford. O Saber Local:Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa.Petrópolis: Vozes, 1997

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. A Ideologia do Cordel. Rio de Janeiro: Imago, 1976

LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Ementa: Estudo da literatura infantil e juvenil das origens aos nossos dias. Texto literário como importante instrumento de formação de leitores e sua importância para o desenvolvimento do senso estético e ideológico, da consciência sobre a diversidade étnico-cultural, sobre a preservação do meio ambiente.

Referência Básica

COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infanto-juvenil. São Paulo: Ática

LISBOA, Henriqueta. Literatura oral para a infância e a juventude: lendas. Cantos e fábulas populares no Brasil. São Paulo: Petrópolis, 2002.

KLEIMAN, A. MORAES, S. Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola. 1996. Campinas: Mercado de Letras.

Referência Complementar

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. 16a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COELHO, Betty. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001.

FARIA, Maria Alice. Como usar a literatura infantil na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

GOÉS, Lucia Pimentel. Introdução à literatura infantil e juvenil. São Paulo: Pioneira, 1991.

GONÇALVES FILHO, A. Educação e Literatura. 2000. Rio de Janeiro: DP&A.

FORMAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

Ementa: Formação da língua portuguesa. Periodização do português e estudo de textos representativos de cada período. Aspectos diacrônicos da fonologia, morfologia e sintaxe. O léxico do português. Situação da língua portuguesa no mundo

Referência Básica

RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (orgs). Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
FARACO, Carlos Alberto. Lingüística histórica; uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo, Ática, 1991
FÁVERO, Leonor. As concepções lingüísticas no século XVIII. A gramática portuguesa. Campinas, SP, Edit. Unicamp, 1996

Referência Complementar

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
COUTINHO, Ismael. Gramática histórica. 7 ed., Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.
CALVET, Louis-Jean. Tradição oral e tradição escrita. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
CASTRO, Ivo. Curso de história da língua portuguesa. Lisboa, Universidade Aberta, 1999.

TENDÊNCIAS DA LINGUÍSTICA MODERNA CONTEMPORÂNEA

Ementa: Abordagem pragmática: linguagem numa perspectiva interacional. Principais correntes pragmáticas. A divulgação e o impacto atual da pragmática. Reflexão sobre o impacto das novas tecnologias na natureza da linguagem e das práticas de produção e recepção de textos. Principais teorias da análise do discurso.

Referências Básicas

BENVENISTE, Emile. Problemas de Linguística Geral. São Paulo: USP, s.d
MARCUSCHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido- 2.ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2005
JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 2005.
LOPES, E. Fundamentos da Lingüística Contemporânea. São Paulo: Cultrix, ed. 22, 2008

Referência Complementar

BAKHTIN, Mikail. Estética da criação verbal, São Paulo: Martins. Fontes, 2003
MILLER, C. Gênero textual, agência e tecnologia. Recife: Editora da UFPE, 2009.
CAVALCANTE, M. M. et al. (orgs.). Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e sequências textuais. V.1, Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
LYONS, John. Linguagem e Linguística. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.
DUCROT, Oswald. (ET.al.) Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ementa: Identificação de problemas teóricos referentes à estrutura e ao funcionamento da língua. Estrutura do enunciado ou período. Orações complexas e grupos educacionais.

Referência Básica

BAGNO, Marcos. Gramática Pedagógica do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola, 2012.
BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37. Ed. Nova Fronteira/Lucerna: Rio de Janeiro, 2009.
CASTILHO, Ataliba T. Gramática do Português Brasileiro. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
MACAMBIRA, José Rebouças. A Estrutura Morfossintática do Português: aplicação do estruturalismo linguístico. São Paulo: Pioneira, 1974.

Referência Complementar

PERINI, Mário A. Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais. São Paulo: Parábola, 2008.
TRAVAGLIA, Luís Carlos. Gramática: ensino plural. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2007
MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, v.1.
VILELA, Mário; KOCH, I. V. Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina, 2001.
MACAMBIRA, José Rebouças. A estrutura morfo-sintática do português. São Paulo: Pioneira, 1997.
MATEUS, Maria Helena Mira et al. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho, 2003.

LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Ementa: Teorias de Linguística Aplicada que subsidiam o processo de ensino e aprendizagem de língua materna. O trabalho do professor de língua portuguesa com a diferença e a diversidade.

Referencia Básica

SIGNORINI, I. (org.) Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas/SP: Mercado de Letras. 2001.
PASCHOAL, M.S.Z.; CELANI, M. A. A. (Orgs.). Linguística aplicada: da aplicação de linguística à
linguística transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992
MOITA LOPES, L. P. (org.) Por uma linguística aplicada indisciplinar. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

Referência Complementar

BOHN, I.; VANDRESEN P. (orgs.)Tópicos de Linguística Aplicada. Florianópolis: UFSC, 1988.
SIGNORINI, I. (org.) Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas/SP: Mercado de Letras. 2001.
DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A (orgs.). O livro didático de português: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucema, 2001

PROFESSOR REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

NEVES, M. H. M. Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.
POSSENTI, S. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: ALB : Mercado de Letras, 1996.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LÍNGUA

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sonia. *Aula de Redação: uma viagem transdisciplinar*. São Luís-MA: FSADU, 2004.

HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica*. Tradução Augusta e Rodolfo Mondolfo. 3. ed. Argentina: Solar/Hachette, 1974.

_____. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN J. (1960-1961) *O Seminário.* Livro 8. A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. p. 220; 330; 431.

LESSA, Sérgio. *Sociabilidade e individuação*. Maceió: EDUFAL, 1995.

_____. *A Centralidade Ontológica do Trabalho em Lukács*. Revista Serviço Social & Sociedade, São Paulo: Cortez, n.52, p.07-23, dez. 1996.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Conhecimento escolar*: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1999.

LÜCK, Heloísa. *Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológico*s. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LUCKÁCS, György. “La Riproduzione”. In: LUCKÁCS, György. *Per una Ontologia dell’EssereSociale.* Roma: Editora Riunit, 1981.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. – Ed. Revista e modificada pelo autor – 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

RIOLFI, Claudia e BARZOTTO,Valdir (Orgs.). *Sem Choro nem Vela: cartas aos professores que ainda vão nascer*. São Paulo: Paulistana, 2012 (Coleção Sobrescrita 3) p. 99 -112.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23 ed. revista e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

EM PROCESSO DE REVISÃO DAS NORMAS DA LINGUA